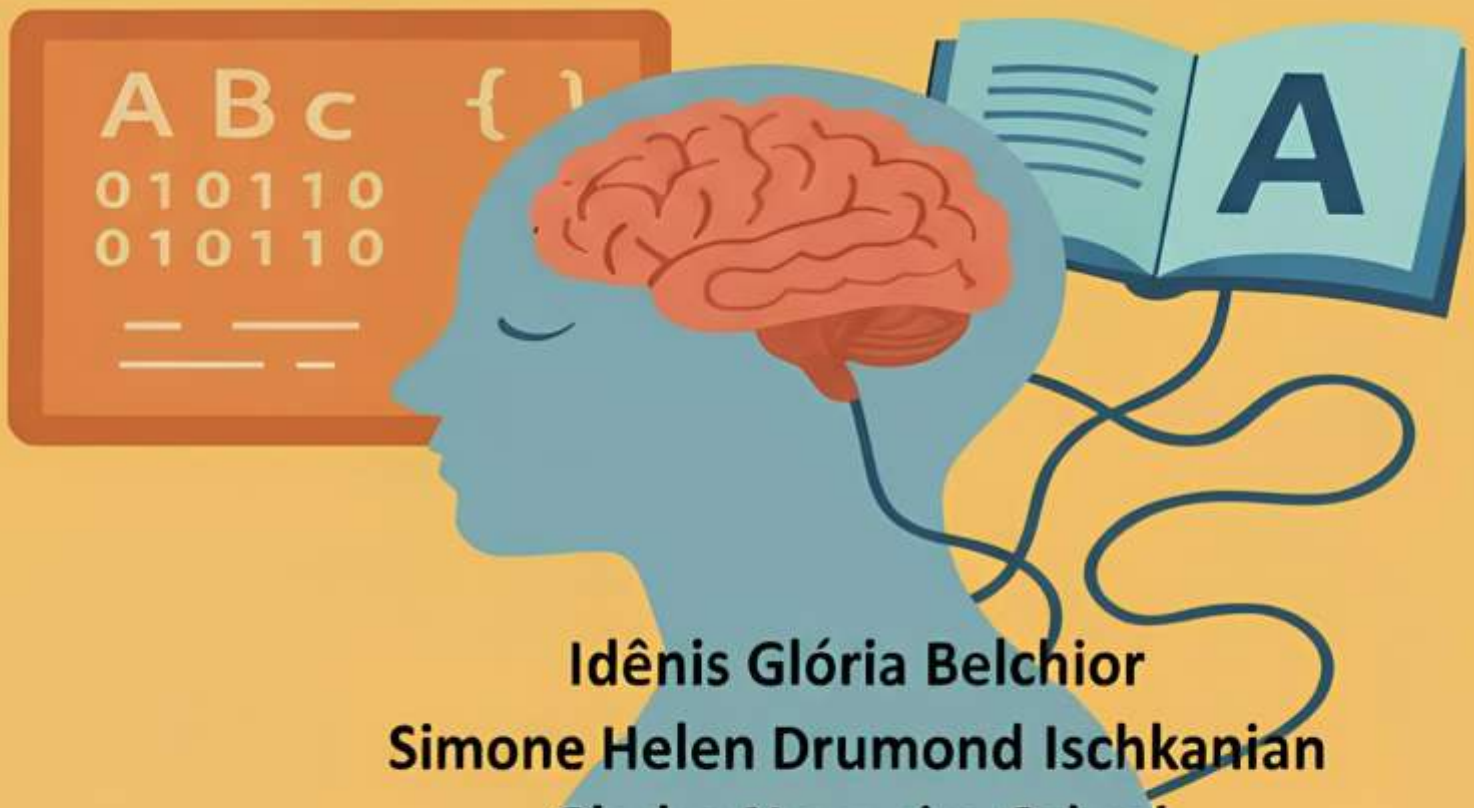
CÓDIGO E O SENTIDO

OS IMPACTOS DOS MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO NO DESENVOLVIMENTO COGNITIVO E NO DESEMPENHO EDUCACIONAL



Idênis Glória Belchior
Simone Helen Drumond Ischkanian
Gladys Nogueira Cabral
Sandro Garabed Ischkanian
Neusa Venditte
Silvana Nascimento de Carvalho
Eliana Drumond de Carvalho Silva
Nívea Maria Costa Vieira
Rosimery Mendes Rodrigues
Regina Daucia de Oliveira Braga
Fabiane Bandeira Vieira
Gabriel Nascimento de Carvalho

ENTRE O CÓDIGO E O SENTIDO: OS IMPACTOS DOS MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO NO DESENVOLVIMENTO COGNITIVO E NO DESEMPENHO EDUCACIONAL.

Idênis Glória Belchior
Simone Helen Drumond Ischkanian
Gladys Nogueira Cabral
Sandro Garabed Ischkanian
Neusa Venditte
Silvana Nascimento de Carvalho
Eliana Drumond de Carvalho Silva
Nívea Maria Costa Vieira
Rosimery Mendes Rodrigues
Regina Daucia de Oliveira Braga
Fabiane Bandeira Vieira
Gabriel Nascimento de Carvalho

O presente estudo, intitulado *"Entre o Código e o Sentido: Os Impactos dos Métodos de Alfabetização no Desenvolvimento Cognitivo e no Desempenho Educacional"***,** analisa como diferentes métodos de alfabetização influenciam a aquisição da leitura e escrita, o desenvolvimento cognitivo e o desempenho escolar de crianças. A alfabetização é um processo complexo que envolve a construção de significados a partir de códigos linguísticos, articulando fatores cognitivos, sociais e pedagógicos. Estudos clássicos, como os de Ferreiro e Teberosky (1985, 1986), destacam a psicogênese da língua escrita, evidenciando a importância de considerar o estágio de desenvolvimento da criança na escolha de estratégias de ensino. Autores como Magda Soares (2006, 2017, 2020, 2021) reforçam a necessidade de métodos que integrem alfabetização e letramento, mostrando que práticas mecânicas isoladas não promovem compreensão plena do sistema de escrita. A perspectiva construtivista é complementada pelas teorias de múltiplas inteligências de Gardner (1983), que sugerem diversificação de abordagens pedagógicas para atender diferentes perfis cognitivos. Pesquisas aplicadas, como as de Kamps et al. (2008) e Lovass (1987), indicam que instruções diferenciadas e programas especializados podem impactar significativamente habilidades de leitura e escrita, sobretudo em crianças com necessidades educacionais especiais. O estudo aborda também implicações das políticas públicas e normas legais, como a LDBEN (Brasil, 2014) e programas de incentivo ao letramento na infância (Brasil, 2005), apontando a importância da integração entre teoria e prática educacional. Métodos tradicionais, como os de Freinet (1949) e Montessori (1949), são comparados a abordagens contemporâneas, considerando resultados de pesquisas quantitativas e qualitativas (Creswell, 2021; Gil, 2008, 2018). Evidencia-se que o equilíbrio entre instrução sistemática do código escrito e desenvolvimento de estratégias de compreensão é determinante para o sucesso acadêmico e cognitivo. Pesquisas recentes sobre consciência fonológica e habilidades metalinguísticas (Paes & Pessoa, 2005; Paula et al., 2005; Queiroga et al., 2005; Salgado & Capellini, 2004, 2008; Santos & Siqueira, 2002; Indri et al., 2007) reforçam a importância de intervenções pedagógicas específicas para otimizar a aquisição da leitura e escrita. Conclui-se que métodos eficazes de alfabetização devem articular teoria e prática, considerar características individuais dos alunos e promover o desenvolvimento integral da criança, integrando aspectos cognitivos, linguísticos e sociais, para maximizar o desempenho educacional.

Palavras-chave: Alfabetização; letramento; desenvolvimento cognitivo; consciência fonológica; desempenho educacional; métodos de ensino; educação infantil.

BETWEEN CODE AND MEANING: THE IMPACTS OF LITERACY METHODS ON COGNITIVE DEVELOPMENT AND EDUCATIONAL PERFORMANCE.

Idênis Glória Belchior
Simone Helen Drumond Ischkanian
Gladys Nogueira Cabral
Sandro Garabed Ischkanian
Neusa Venditte
Silvana Nascimento de Carvalho
Eliana Drumond de Carvalho Silva
Nívea Maria Costa Vieira
Rosimery Mendes Rodrigues
Regina Daucia de Oliveira Braga
Fabiane Bandeira Vieira
Gabriel Nascimento de Carvalho

This study, titled *"Between Code and Meaning: The Impacts of Literacy Methods on Cognitive Development and Educational Performance"*, analyzes how different literacy methods influence reading and writing acquisition, cognitive development, and school performance in children. Literacy is a complex process that involves constructing meaning from linguistic codes, integrating cognitive, social, and pedagogical factors. Classical studies, such as those by Ferreiro and Teberosky (1985, 1986), highlight the psychogenesis of written language, emphasizing the importance of considering the child's developmental stage when selecting teaching strategies. Authors such as Magda Soares (2006, 2017, 2020, 2021) reinforce the need for methods that integrate literacy and language education, showing that isolated mechanical practices do not promote full understanding of the writing system. The constructivist perspective is complemented by Gardner's (1983) multiple intelligences theory, which suggests diversifying pedagogical approaches to accommodate different cognitive profiles. Applied research, such as that by Kamps et al. (2008) and Lovass (1987), indicates that differentiated instruction and specialized programs can significantly impact reading and writing skills, especially in children with special educational needs. The study also addresses the implications of public policies and legal frameworks, such as the Brazilian National Education Guidelines and Framework Law (LDBEN, Brazil, 2014) and early literacy incentive programs (Brazil, 2005), highlighting the importance of integrating educational theory and practice. Traditional methods, such as those by Freinet (1949) and Montessori (1949), are compared with contemporary approaches, taking into account findings from quantitative and qualitative research (Creswell, 2021; Gil, 2008, 2018). It is evident that balancing systematic instruction of the written code with the development of comprehension strategies is crucial for academic and cognitive success. Recent research on phonological awareness and metalinguistic skills (Paes & Pessoa, 2005; Paula et al., 2005; Queiroga et al., 2005; Salgado & Capellini, 2004, 2008; Santos & Siqueira, 2002; Indri et al., 2007) further emphasizes the importance of specific pedagogical interventions to optimize reading and writing acquisition. It is concluded that effective literacy methods must integrate theory and practice, consider students' individual characteristics, and promote the holistic development of the child, encompassing cognitive, linguistic, and social aspects to maximize educational performance.

Keywords: Literacy; language education; cognitive development; phonological awareness; educational performance; teaching methods; early childhood education.

ENTRE EL CÓDIGO Y EL SIGNIFICADO: LOS IMPACTOS DE LOS MÉTODOS DE ALFABETIZACIÓN EN EL DESARROLLO COGNITIVO Y EL RENDIMIENTO EDUCATIVO.

Idênis Glória Belchior
Simone Helen Drumond Ischkanian
Gladys Nogueira Cabral
Sandro Garabed Ischkanian
Neusa Venditte
Silvana Nascimento de Carvalho
Eliana Drumond de Carvalho Silva
Nívea Maria Costa Vieira
Rosimery Mendes Rodrigues
Regina Daucia de Oliveira Braga
Fabiane Bandeira Vieira
Gabriel Nascimento de Carvalho

Este estudio, titulado *"Entre el Código y el Significado: Los Impactos de los Métodos de Alfabetización en el Desarrollo Cognitivo y el Rendimiento Educativo"*, analiza cómo los diferentes métodos de alfabetización influyen en la adquisición de la lectura y la escritura, el desarrollo cognitivo y el rendimiento escolar de los niños. La alfabetización es un proceso complejo que implica la construcción de significados a partir de códigos lingüísticos, articulando factores cognitivos, sociales y pedagógicos. Estudios clásicos, como los de Ferreiro y Teberosky (1985, 1986), destacan la psicogénesis del lenguaje escrito, evidenciando la importancia de considerar la etapa de desarrollo del niño al seleccionar estrategias de enseñanza. Autores como Magda Soares (2006, 2017, 2020, 2021) refuerzan la necesidad de métodos que integren alfabetización y educación en lengua, demostrando que las prácticas mecánicas aisladas no promueven una comprensión plena del sistema de escritura. La perspectiva constructivista se complementa con la teoría de las inteligencias múltiples de Gardner (1983), que sugiere diversificar los enfoques pedagógicos para atender diferentes perfiles cognitivos. Investigaciones aplicadas, como las de Kamps et al. (2008) y Lovass (1987), indican que la instrucción diferenciada y los programas especializados pueden impactar significativamente las habilidades de lectura y escritura, especialmente en niños con necesidades educativas especiales. El estudio aborda también las implicaciones de las políticas públicas y marcos legales, como la Ley de Directrices y Bases de la Educación Nacional de Brasil (LDBEN, Brasil, 2014) y los programas de incentivo a la alfabetización en la infancia (Brasil, 2005), señalando la importancia de la integración entre teoría y práctica educativa. Los métodos tradicionales, como los de Freinet (1949) y Montessori (1949), se comparan con enfoques contemporáneos, considerando resultados de investigaciones cuantitativas y cualitativas (Creswell, 2021; Gil, 2008, 2018). Se evidencia que el equilibrio entre la instrucción sistemática del código escrito y el desarrollo de estrategias de comprensión es determinante para el éxito académico y cognitivo. Investigaciones recientes sobre conciencia fonológica y habilidades metalingüísticas (Paes & Pessoa, 2005; Paula et al., 2005; Queiroga et al., 2005; Salgado & Capellini, 2004, 2008; Santos & Siqueira, 2002; Indri et al., 2007) refuerzan la importancia de intervenciones pedagógicas específicas para optimizar la adquisición de la lectura y escritura. Se concluye que los métodos efectivos de alfabetización deben articular teoría y práctica, considerar las características individuales de los estudiantes y promover el desarrollo integral del niño, integrando aspectos cognitivos, lingüísticos y sociales, para maximizar el rendimiento educativo.

Palabras clave: Alfabetización; educación en lengua; desarrollo cognitivo; conciencia fonológica; rendimiento educativo; métodos de enseñanza; educación infantil.

ENTRE O CÓDIGO E O SENTIDO: OS IMPACTOS DOS MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO NO DESENVOLVIMENTO COGNITIVO E NO DESEMPENHO EDUCACIONAL.

Idênis Glória Belchior
Simone Helen Drumond Ischkanian
Gladys Nogueira Cabral
Sandro Garabed Ischkanian
Neusa Venditte
Silvana Nascimento de Carvalho
Eliana Drumond de Carvalho Silva
Nívea Maria Costa Vieira
Rosimery Mendes Rodrigues
Regina Daucia de Oliveira Braga
Fabiane Bandeira Vieira
Gabriel Nascimento de Carvalho

1. INTRODUÇÃO

Os métodos de alfabetização se dividem, classicamente, em sintéticos, que partem das partes para o todo, e analíticos, que seguem do todo para as partes, refletindo diferentes concepções sobre como a criança internaliza o sistema escrito (Arendt, 1979). Essa divisão não é apenas conceitual, mas implica escolhas pedagógicas que afetam diretamente a forma como a criança constrói a leitura e a escrita, influenciando seu desenvolvimento cognitivo inicial e sua relação com a linguagem escrita no cotidiano escolar.

A alfabetização escolar, entendida como o processo de ensino e aprendizagem da leitura e escrita na língua materna, especialmente na fase inicial da escolarização, é um fenômeno complexo que envolve ações especificamente humanas e, portanto, políticas, caracterizando-se tanto como dever do Estado quanto como direito constitucional do cidadão (Brasil, 2014). Não se trata apenas de um processo técnico ou mecânico, mas de uma prática educativa que exige reflexão sobre objetivos sociais, culturais e individuais, articulando dimensões cognitivas, afetivas e linguísticas no desenvolvimento da criança.

Em sociedades letradas contemporâneas, a alfabetização impõe a necessidade de inserção dos não alfabetizados no mundo público da cultura escrita e nas instâncias públicas de uso da linguagem, ao mesmo tempo em que demanda a formulação de meios e modos mais eficientes para concretizar essa inserção, atendendo a urgências políticas, sociais e educacionais (Mortatti, 2010, p. 329). Essa perspectiva evidencia que a alfabetização não é apenas um processo pedagógico, mas também uma questão de equidade social e participação cidadã, na qual o acesso à linguagem

escrita desempenha papel fundamental para a inclusão plena no espaço público e cultural.

> A alfabetização escolar – entendida como processo de ensino e aprendizagem da leitura e escrita em língua materna, na fase inicial de escolarização de crianças – é um processo complexo e multifacetado que envolve ações especificamente humanas e, portanto, políticas, caracterizando-se como dever do Estado e direito constitucional do cidadão. Em sociedades letradas contemporâneas, essa relação tanto impõe a necessidade de inserção/inclusão dos não alfabetizados no mundo público da cultura escrita e nas instâncias públicas de uso da linguagem, quanto demanda a formulação de meios e modos mais eficientes e eficazes para implementar ações, visando concretizar essa inserção/inclusão, a serviço de determinadas urgências políticas, sociais e educacionais (Mortatti, 2010, p. 329)

Entre os métodos sintéticos, destacam-se o alfabético, o silábico e o fônico, enquanto os métodos analíticos compreendem o global, a sentençação e a palavração. A escolha do método mais adequado depende de diversos fatores, incluindo o estágio de desenvolvimento cognitivo da criança, os objetivos pedagógicos da instituição e as características individuais dos alunos. Por esse motivo, muitas vezes é necessária a utilização combinada de diferentes abordagens para atender de forma mais abrangente e eficaz às necessidades de aprendizagem (Bervian, Fontoura & Haimovici, 2006).

O método alfabético enfatiza a memorização dos nomes e formas das letras, ensinando o "bê-á-bá" para que a criança possa, posteriormente, formar palavras (Braslavsky, 1988). Esse enfoque linear privilegia a sequência das letras como elemento fundamental do aprendizado, sendo amplamente utilizado por sua simplicidade estrutural e pela facilidade em estabelecer uma base sólida para a decodificação inicial do texto escrito. Apesar disso, pode apresentar limitações se não for acompanhado de práticas que promovam a compreensão de textos e a construção de sentido.

O método silábico inicia-se pelas sílabas, organizadas em famílias silábicas, como BA, BE, BI, BO, BU, que depois são unidas para formar palavras completas. Essa abordagem aproxima a escrita da fala, oferecendo uma ponte entre a fonologia e a ortografia, e permite que a criança perceba padrões de repetição sonora e estrutural nas palavras (Cossio, 2006). O método silábico, portanto, contribui significativamente para a consciência fonológica e para o desenvolvimento de habilidades de leitura automatizada.

O método fônico concentra-se no som das letras, ou fonemas, ensinando a criança a associar cada som à sua forma escrita (Soares, 2017). Esse processo vai do som individual para a formação de sílabas e palavras, fortalecendo a consciência fonológica como base essencial para a leitura e a escrita. Ao enfatizar a correspondência entre fonemas e grafemas, o método fônico contribui para o desenvolvimento de habilidades metalinguísticas e facilita a decodificação de palavras desconhecidas, promovendo autonomia e segurança na leitura.

Os métodos analíticos, por sua vez, iniciam-se a partir de unidades maiores de linguagem, valorizando a compreensão global do texto antes da análise das partes menores (Ferreiro &

Teberosky, 1985, 1986). O método global, por exemplo, parte de textos completos, como histórias ou contos, buscando que a criança compreenda o sentido geral antes de identificar letras ou sílabas isoladas. Esse enfoque privilegia a interação com a linguagem em contextos significativos, favorecendo o engajamento afetivo e cognitivo da criança e estimulando a leitura como prática de construção de sentido.

O método de sentençação começa com frases inteiras, incentivando a memorização e a compreensão do sentido global do texto (Magda Soares, 2020). Essa abordagem permite que a criança aprenda estruturas sintáticas e semânticas no contexto de enunciados significativos, reforçando a ligação entre linguagem oral e escrita e promovendo a ampliação do repertório linguístico e da competência comunicativa desde os primeiros anos de escolarização.

O método de palavração inicia com o reconhecimento de palavras significativas, geralmente provenientes do cotidiano da criança, explorando seu significado e, posteriormente, desmembrando-as em unidades menores, como letras e sílabas (Paes & Pessoa, 2005). Essa estratégia integra elementos de experiência pessoal e escolar, facilitando a aprendizagem através da associação de conceitos concretos e experiências linguísticas prévias, promovendo um processo de alfabetização mais contextualizado e funcional.

A discussão sobre a eficácia de cada método evidencia que práticas mecânicas isoladas não promovem a compreensão plena do sistema de escrita. É necessário articular o ensino do código escrito com estratégias de compreensão textual, numa abordagem integradora que respeite o estágio de desenvolvimento cognitivo da criança. O processo de alfabetização deve equilibrar instrução sistemática com atividades de leitura significativa, promovendo a construção de sentido e o desenvolvimento de habilidades cognitivas mais complexas (Ferreiro & Teberosky, 1986; Magda Soares, 2006).

Pesquisas em múltiplas inteligências, como as de Gardner (1983), indicam que crianças possuem diferentes perfis cognitivos, sugerindo que a diversificação das abordagens pedagógicas pode aumentar significativamente a eficácia do processo de alfabetização. A consideração de estilos de aprendizagem variados e habilidades cognitivas distintas permite que o ensino seja mais inclusivo, ajustando estratégias às necessidades individuais e promovendo maior engajamento e autonomia na aprendizagem (Lovass, 1987).

Estudos aplicados demonstram que intervenções pedagógicas diferenciadas e programas especializados podem impactar positivamente habilidades de leitura e escrita, especialmente em crianças com necessidades educacionais especiais (Kamps et al., 2008). Esses programas destacam a importância da personalização do ensino, da adaptação de materiais e da utilização de recursos complementares para otimizar a aquisição de habilidades de leitura e escrita e reduzir desigualdades educacionais.

No contexto brasileiro, políticas públicas e normas legais, como a LDBEN (Brasil, 2014)

e programas de incentivo ao letramento infantil (Brasil, 2005), evidenciam o papel do Estado em promover a alfabetização como direito social. A integração de políticas públicas com práticas pedagógicas efetivas é fundamental para assegurar que todas as crianças tenham acesso a oportunidades educacionais equitativas e possam desenvolver plenamente suas competências lingüísticas e cognitivas.

A comparação entre métodos tradicionais, como os de Freinet (1949) e Montessori (1949), e abordagens contemporâneas evidencia que o equilíbrio entre instrução sistemática do código escrito e desenvolvimento de estratégias de compreensão é determinante para o sucesso acadêmico e cognitivo. Essa integração favorece a aquisição de habilidades técnicas e o desenvolvimento de capacidades interpretativas, resultando em melhores resultados escolares e maior competência na leitura e escrita (Creswell, 2021; Gil, 2008, 2018).

Pesquisas recentes sobre consciência fonológica e habilidades metalinguísticas reforçam que intervenções específicas otimizam a aquisição da leitura e escrita, tornando imprescindível a articulação de práticas pedagógicas com as características individuais de cada aluno (Paula et al., 2005; Queiroga et al., 2005; Salgado & Capellini, 2004, 2008; Santos & Siqueira, 2002; Indri et al., 2007). O acompanhamento contínuo, avaliações formativas e estratégias diferenciadas contribuem para o desenvolvimento integral das crianças e para a consolidação de competências essenciais para o sucesso acadêmico.

Os métodos eficazes de alfabetização devem integrar teoria e prática, considerar as particularidades dos alunos e promover o desenvolvimento integral da criança, englobando aspectos cognitivos, linguísticos e sociais (Mortatti, 2010; Cossio, 2006). A articulação entre diferentes estratégias, o respeito ao estágio de desenvolvimento infantil e a atenção às necessidades individuais são determinantes para maximizar o desempenho educacional e garantir que a alfabetização cumpra seu papel social, cultural e cognitivo.

2. DESENVOLVIMENTO

A alfabetização constitui um processo complexo, que exige tanto a compreensão do conteúdo e do significado dos textos quanto a atenção à forma como as palavras são escritas. Segundo Frade (2005, p. 52), é fundamental equilibrar atividades que aproximem a criança da interpretação e do uso funcional da escrita com aquelas que promovam uma observação mais detalhada das estruturas da linguagem, como a combinação de letras, os sons que elas representam e as alterações de sentido decorrentes dessas relações. Essa abordagem reforça a ideia de que alfabetizar vai além da simples memorização das letras ou palavras; envolve a implementação de práticas pedagógicas que desenvolvam simultaneamente a consciência fonológica, a compreensão textual e as habilidades cognitivas da criança.

> "É preciso encontrar então um equilíbrio, buscando tanto atividades que promovam uma aproximação com a compreensão do significado dos textos e dos usos da escrita como outras que promovam o distanciamento e provoquem a observação sobre a forma escrita das palavras, com as diferentes combinações entre letras, os fonemas que elas representam, e alterações de sentido decorrentes dessas relações." (Frade, 2005, p. 52)

No Brasil, os métodos de alfabetização podem ser agrupados em três grandes categorias: os métodos sintéticos, os métodos analíticos e os contemporâneos ou integrados, que enfatizam a construção ativa do conhecimento, o letramento e a expressão da criança (Ferreiro & Teberosky, 1985; Ferreiro & Teberosky, 1986; Creswell, 2021).

Os métodos sintéticos, caracterizados por sua abordagem das partes para o todo, incluem o método alfabético, que enfatiza a memorização das letras e de suas formas, ensinando a criança a formar palavras a partir do conhecimento das letras individuais (Braslavsky, 1988). O método silábico, outro exemplo sintético, inicia o ensino com sílabas, como BA, BE, BI, BO, BU, e posteriormente as combina em palavras completas, promovendo a integração entre fonologia e ortografia (Cossio, 2006). O método fônico, por sua vez, concentra-se nos sons das letras (fonemas), ensinando a associação entre som e grafema, fortalecendo a consciência fonológica como base para a leitura e escrita (Soares, 2017).

Por outro lado, os métodos analíticos seguem uma abordagem do todo para as partes, destacando-se o método global, que parte de textos completos, como histórias ou contos, para incentivar a compreensão geral antes da análise de letras ou sílabas isoladas (Ferreiro & Teberosky, 1985, 1986). O método de sentençação começa com frases inteiras, estimulando a memorização e a compreensão do sentido global do texto, enquanto o método de palavração inicia com palavras significativas do cotidiano da criança e, posteriormente, desmembra-as em unidades menores (Paes & Pessoa, 2005).

Além desses métodos tradicionais, surgiram abordagens contemporâneas ou integradas, que buscam unir os princípios dos métodos sintéticos e analíticos, incorporando práticas de letramento e promovendo a participação ativa da criança no processo de construção do conhecimento. Essas metodologias se inspiram em teorias construtivistas, como as propostas por Freinet (1949) e Montessori (1949), e nas concepções de desenvolvimento cognitivo da psicogênese da língua escrita, conforme Ferreiro e Teberosky (1985, 1986).

A perspectiva de Paulo Freire (1970, 2005) reforça a importância de considerar a alfabetização como prática social e política, em que a criança não apenas aprende o código escrito, mas também compreende sua função na vida cotidiana e na construção da cidadania. Essa abordagem valoriza o diálogo, a experiência e o engajamento crítico do aluno, promovendo uma educação mais significativa e transformadora.

A teoria das inteligências múltiplas de Gardner (1983) complementa essas metodologias ao reconhecer diferentes perfis cognitivos, sugerindo a necessidade de diversificar as estratégias pedagógicas para atender às capacidades singulares de cada criança. A articulação entre métodos e estratégias diferenciadas contribui para o desenvolvimento integral do aluno, promovendo habilidades cognitivas, linguísticas e sociais de forma equilibrada.

Pesquisas recentes, como as de Creswell (2021), destacam que o uso de metodologias mistas, que combinam abordagens quantitativas e qualitativas, permite avaliar melhor o impacto dos métodos de alfabetização, ajustando práticas pedagógicas à realidade da sala de aula e às necessidades individuais dos alunos. Esse enfoque evidencia que não existe um único método universalmente eficaz, mas sim uma combinação de estratégias que, articuladas de maneira consistente, potencializam o aprendizado.

No contexto brasileiro, a implementação de políticas públicas de letramento, como os programas do Ministério da Educação (Brasil, 2005) e as diretrizes da LDBEN (Brasil, 2014), reforça a necessidade de métodos de alfabetização que considerem a diversidade de contextos e garantam a inclusão educacional. Tais políticas buscam assegurar que todas as crianças tenham acesso a práticas pedagógicas de qualidade, que integrem teoria, prática e inovação educativa.

A comparação entre métodos tradicionais e contemporâneos evidencia que o equilíbrio entre instrução sistemática do código escrito e o desenvolvimento de estratégias de compreensão textual é determinante para o sucesso escolar. O uso de métodos integrados, que combinam aspectos sintéticos e analíticos, permite à criança construir autonomia na leitura e na escrita, desenvolvendo tanto habilidades técnicas quanto interpretativas (Creswell, 2021; Gil, 2008, 2018).

As intervenções pedagógicas diferenciadas, aplicadas com base nas características individuais das crianças, mostram-se particularmente eficazes no desenvolvimento de consciência fonológica, habilidades metalinguísticas e competência leitora. Pesquisas de Paes e Pessoa (2005), Paula et al. (2005) e Queiroga et al. (2005) indicam que a personalização do ensino aumenta significativamente a eficácia do aprendizado e contribui para a redução de desigualdades educacionais, promovendo maior equidade e inclusão na alfabetização.

A alfabetização deve ser vista como um processo contínuo, em que a criança, ao interagir com diferentes textos e contextos, desenvolve estratégias cognitivas, linguísticas e sociais que sustentam seu desempenho acadêmico e sua participação plena na sociedade letrada (Mortatti, 2010).

Os métodos eficazes de alfabetização vão muito além do simples ensino do código escrito (Cossio, 2006). Eles buscam desenvolver na criança a capacidade de construir significado a partir dos textos, promovendo uma leitura crítica e reflexiva que articula conhecimento, interpretação e experiência pessoal. A alfabetização não se limita à decodificação de letras e palavras, mas envolve a compreensão da linguagem em contextos variados, permitindo que a criança estabeleça

conexões entre o que lê e sua vivência cotidiana, consolidando o aprendizado de forma significativa.

Para que esse processo seja realmente efetivo, é fundamental que os métodos de alfabetização respeitem o estágio de desenvolvimento cognitivo da criança. Cada fase do desenvolvimento implica capacidades diferentes de atenção, memória, percepção e raciocínio, e essas habilidades devem ser consideradas ao planejar as atividades de ensino. Ferreiro e Teberosky (1985, 1986) destacam que a psicogênese da língua escrita demonstra a necessidade de compreender o percurso de aprendizagem do aluno, observando suas hipóteses e estratégias, para oferecer intervenções pedagógicas adequadas que promovam progressão constante e sustentada no aprendizado da leitura e escrita.

Práticas pedagógicas diversificadas são essenciais para atender às diferentes formas de aprendizagem das crianças (Cossio, 2006). A diversidade de estratégias permite que o ensino seja inclusivo e sensível às particularidades de cada aluno, contemplando suas habilidades, interesses e ritmos de aprendizagem (Cossio, 2006; Ferreiro & Teberosky, 1985, 1986). Ao integrar atividades que trabalham tanto a decodificação do código escrito quanto a construção de sentido, os métodos de alfabetização fortalecem a consciência fonológica, a compreensão textual e as competências cognitivas gerais, criando condições para que o aluno se torne leitor e escritor autônomo.

A articulação entre teoria e prática também é um elemento central para o sucesso das metodologias de alfabetização (Ferreiro & Teberosky, 1985, 1986). Não basta conhecer os princípios pedagógicos ou apenas aplicar técnicas isoladas: é necessário integrar conhecimentos teóricos sobre o desenvolvimento da linguagem e aprendizagem com a aplicação prática em sala de aula, ajustando estratégias à realidade do grupo de alunos. Essa articulação garante que o processo de alfabetização seja significativo, contextualizado e capaz de atender tanto às demandas cognitivas quanto às sociais da criança, promovendo aprendizagens duradouras e relevantes.

A atenção às necessidades individuais de cada aluno constitui outro componente indispensável para a eficácia do processo alfabetizador (Cossio, 2006). Crianças apresentam ritmos de aprendizagem distintos, estilos cognitivos variados e diferentes níveis de exposição à linguagem escrita fora da escola (Cossio, 2006; Ferreiro & Teberosky, 1985, 1986). Métodos que consideram essas particularidades permitem intervenções mais precisas, favorecendo a inclusão e reduzindo desigualdades educacionais. Ao personalizar o ensino, o professor consegue estimular de forma equilibrada o desenvolvimento de competências técnicas, linguísticas e cognitivas, garantindo que todos os alunos progridam de maneira consistente.

A construção ativa de sentido deve estar sempre presente no processo de alfabetização (Ferreiro & Teberosky, 1985, 1986). As crianças precisam ser incentivadas a interpretar, refletir e interagir com os textos, desenvolvendo estratégias de compreensão e habilidades críticas que vão além da decodificação. Atividades que promovam questionamento, inferência e produção textual

permitem que a criança perceba a escrita como um instrumento de comunicação e expressão pessoal, integrando aprendizagem cognitiva, social e afetiva.

Assegurar a eficácia dos métodos de alfabetização é também uma questão de garantir o direito fundamental à educação (Cossio, 2006; Ferreiro & Teberosky, 1985, 1986). Ao combinar ensino do código escrito, construção de sentido, respeito ao desenvolvimento infantil e práticas pedagógicas diversificadas, a escola promove não apenas o aprendizado técnico da leitura e escrita, mas também a formação integral da criança como sujeito social, crítico e participativo. Esse equilíbrio entre técnica e significado, teoria e prática, universalidade e atenção individualizada representa a base para maximizar o desempenho educacional e consolidar a alfabetização como direito essencial de todos os alunos.

2.1. METODOLOGIA DA PESQUISA PARA DELINEAMENTO DO ARTIGO

A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa de cunho bibliográfico e documental, centrada na análise interpretativa dos discursos científicos sobre *Entre o Código e o Sentido: Os Impactos dos Métodos de Alfabetização no Desenvolvimento Cognitivo e no Desempenho Educacional*. Optou-se por essa abordagem devido à necessidade de compreender significados, sentidos e processos relacionados às práticas pedagógicas contemporâneas, priorizando a interpretação da complexidade dos fenômenos educacionais em detrimento da simples quantificação de dados. Segundo Vergara (2014), a investigação qualitativa permite um olhar aprofundado sobre os contextos, práticas e concepções subjacentes, promovendo a construção de conhecimento com base na análise crítica da literatura e de produções teóricas consolidadas.

A pesquisa bibliográfica desempenha papel central no desenvolvimento do estudo, permitindo reunir, sistematizar e analisar a produção científica existente sobre alfabetização, métodos pedagógicos e desenvolvimento cognitivo. Conforme ressaltam Creswell (2021) e Gil (2018), a pesquisa bibliográfica possibilita ao pesquisador mapear o estado da arte do tema, identificar lacunas na literatura e consolidar um referencial teórico consistente, essencial para a elaboração de análises fundamentadas e coerentes. Esse levantamento fornece base sólida para compreender as tendências, debates e descobertas relevantes sobre os métodos de alfabetização, assim como para posicionar os objetivos do artigo dentro do panorama acadêmico.

Além da revisão bibliográfica, a pesquisa também se caracteriza como documental, por envolver a análise de materiais acessados em bases digitais e científicas. Foram selecionadas obras publicadas em livros, periódicos, jornais e plataformas acadêmicas, incluindo CAPES, Scopus, Web of Science, SciELO, Academia.edu e Google Acadêmico. A seleção considerou critérios como atualidade, relevância temática e rigor acadêmico, garantindo que os dados analisados fossem consistentes e significativos para a reflexão sobre o objeto de estudo, conforme orientações

metodológicas de Lakatos e Marconi (2010) e Quivy e Campenhoudt (2008).

A importância do trabalho dos autores do artigo é destacada de forma equivalente à relevância das pesquisas consultadas, reconhecendo que a produção científica não é resultado apenas da revisão bibliográfica, mas também da colaboração crítica e analítica de cada integrante da equipe. Idênis Glória Belchior contribuiu com a organização geral da pesquisa e com a articulação das ideias centrais, garantindo coesão e clareza na exposição dos conceitos. Simone Helen Drumond Ischkanian trouxe uma perspectiva crítica sobre os métodos de alfabetização e seu impacto no desenvolvimento cognitivo, enriquecendo a análise interpretativa dos dados.

Gladys Nogueira Cabral teve papel fundamental na sistematização das fontes bibliográficas e documentais, assegurando que a pesquisa contemplasse diversidade teórica e rigor acadêmico. Sandro Garabed Ischkanian contribuiu com a construção das categorias temáticas e com o desenvolvimento de quadros comparativos entre diferentes metodologias de alfabetização, permitindo evidenciar recorrências e contrastes nas práticas pedagógicas. Neusa Venditte atuou na análise detalhada dos achados da literatura, destacando implicações pedagógicas e epistemológicas que orientaram a elaboração das discussões críticas do artigo.

Silvana Nascimento de Carvalho dedicou-se à interpretação dos dados à luz das teorias contemporâneas de alfabetização e desenvolvimento cognitivo, reforçando a articulação entre teoria e prática. Eliana Drumond de Carvalho Silva trouxe contribuições essenciais na contextualização dos métodos de alfabetização no cenário brasileiro, alinhando o estudo às políticas públicas e ao quadro legal vigente. Nívea Maria Costa Vieira focou na integração das análises qualitativas com as produções teóricas clássicas, garantindo consistência e profundidade na argumentação do artigo.

Rosimery Mendes Rodrigues colaborou com a elaboração das seções relativas às abordagens construtivistas e metodologias integradas, destacando a importância do equilíbrio entre instrução sistemática e construção de sentido. Regina Daucia de Oliveira Braga trabalhou na análise crítica das pesquisas internacionais e nacionais, permitindo a ampliação do olhar comparativo sobre os métodos de alfabetização. Fabiane Bandeira Vieira atuou na revisão metodológica e na articulação entre bibliografia e fundamentação teórica, assegurando que o estudo estivesse alinhado às normas acadêmicas e à coerência científica.

Gabriel Nascimento de Carvalho contribuiu de maneira decisiva na síntese final dos achados e na construção de uma narrativa coesa e estruturada, que integrasse os diferentes olhares dos autores e dialogasse de forma sólida com o corpus teórico revisado. A relevância de cada pesquisador, portanto, não se limita a tarefas específicas, mas se reflete na capacidade coletiva da equipe de interpretar, analisar e produzir conhecimento crítico e inovador, garantindo que o artigo seja um produto acadêmico consistente, rigoroso e relevante no campo da alfabetização e do desenvolvimento cognitivo (Richardson, 1999; Severino, 2016).

Essa articulação entre o trabalho individual e coletivo evidencia que a produção científica de qualidade depende não apenas da seleção criteriosa de fontes e referências, mas também da interação crítica, do debate interpretativo e da complementaridade das competências de cada pesquisador, fortalecendo a contribuição do artigo para o avanço do conhecimento no tema.

A coleta de dados iniciou-se com o levantamento das palavras-chave mais recorrentes na literatura, como cultura maker, metodologias ativas, aprendizagem significativa e tecnologia educacional. Esse mapeamento permitiu identificar artigos, livros e documentos que abordassem a temática sob diferentes perspectivas, oferecendo uma visão plural e crítica do campo. Posteriormente, realizou-se uma leitura exploratória dos títulos e resumos, aplicando critérios de pertinência, relevância e diversidade de enfoques, de modo a selecionar os textos mais aderentes aos objetivos do estudo (Gil, 2008).

Após a triagem inicial, os materiais selecionados foram submetidos à leitura analítica, buscando identificar elementos comuns, tensões conceituais e contribuições singulares de cada produção. A análise dos dados ocorreu por meio da categorização temática e do cruzamento entre os achados, permitindo construir uma narrativa articulada sobre os principais pontos discutidos na literatura. Sousa, Oliveira e Alves (2021) enfatizam que a sistematização criteriosa das informações e a verificação da consistência dos dados são fundamentais para evitar contradições e interpretações equivocadas, fortalecendo a confiabilidade da pesquisa.

Os procedimentos de análise envolveram a comparação entre as produções localizadas, a partir de categorias definidas com base nos objetivos específicos da pesquisa. Esse cruzamento possibilitou evidenciar recorrências e contrastes entre experiências e reflexões apresentadas nos textos, destacando aspectos pedagógicos, epistemológicos e estruturais do processo de alfabetização. A análise bibliográfica e documental exigiu do grupo de autores um olhar crítico, interpretativo e dialógico sobre os dados, assegurando que as conclusões fossem fundamentadas na literatura e na reflexão sistemática sobre o objeto de estudo (Gil, 2008; Lakatos & Marconi, 2017).

Arendt, Hannah (1979) oferece uma reflexão filosófica sobre educação, tempo e cultura, permitindo compreender a alfabetização não apenas como aquisição técnica da leitura e escrita, mas como um processo inserido em contextos históricos e sociais, que influencia o desenvolvimento cognitivo e a capacidade crítica das crianças. A obra contribui para posicionar o estudo dentro de uma perspectiva mais ampla, considerando que a educação está relacionada à formação do sujeito na sociedade e à construção do sentido na aprendizagem.

Bervian, Fontoura e Haimovici (2006), apesar de tratarem de modelagem estatística em biologia, fornecem contribuições metodológicas importantes ao estudo, demonstrando a relevância de modelos de análise rigorosos e sistemáticos. Essa referência reforça a necessidade de aplicar procedimentos científicos consistentes na pesquisa educacional, mesmo que o foco seja

qualitativo, permitindo reflexões sobre a análise de dados e padrões encontrados na literatura.

Brasil, LDBEN (2014) estabelece a base legal que garante o direito à educação e define a alfabetização como dever do Estado e direito do cidadão. A referência é essencial para compreender como o sistema educacional brasileiro orienta políticas públicas e práticas pedagógicas que impactam diretamente o desenvolvimento cognitivo e o desempenho escolar das crianças, oferecendo um marco regulatório para a discussão sobre métodos de alfabetização.

Brasil, Letramento na Infância (2005) apresenta programas e diretrizes voltados ao incentivo da alfabetização infantil, oferecendo exemplos concretos de políticas públicas que promovem o letramento. Esses documentos reforçam a importância de estratégias planejadas e articuladas que integrem a escola e a sociedade, promovendo habilidades cognitivas e de compreensão textual desde os primeiros anos de escolarização.

Braslavsky, Berta (1988) realiza uma análise crítica sobre métodos de ensino, questionando práticas mecânicas e defendendo abordagens pedagógicas fundamentadas teoricamente. Sua obra contribui para compreender a necessidade de selecionar estratégias de alfabetização que promovam tanto o domínio do código escrito quanto a construção de significado, permitindo um ensino mais eficaz e significativo.

Cossio, Rildo (2006) aborda o letramento literário articulando teoria e prática, mostrando como a leitura e a escrita impactam o desenvolvimento cognitivo e a aprendizagem escolar. A obra oferece suporte teórico para a análise de como diferentes métodos de alfabetização influenciam o desempenho acadêmico e o desenvolvimento integral das crianças, evidenciando a importância de práticas pedagógicas diversificadas.

Creswell, John W. (2021) fornece orientações metodológicas sobre pesquisa qualitativa, quantitativa e mista, permitindo ao estudo estruturar de forma clara a análise interpretativa da literatura revisada. Suas contribuições garantem rigor na seleção, categorização e interpretação dos dados, facilitando a construção de um referencial teórico consistente e fundamentado.

Ferreiro e Teberosky (1985, 1986) constituem referência central sobre a psicogênese da língua escrita, oferecendo uma base sólida para compreender como as crianças constroem hipóteses sobre a escrita. Suas obras orientam a escolha de estratégias pedagógicas que respeitem o estágio cognitivo de cada aluno, sendo essenciais para analisar a eficácia dos métodos de alfabetização no desenvolvimento da leitura, escrita e habilidades cognitivas.

Freinet, Célestin (1949) apresenta propostas pedagógicas centradas no trabalho colaborativo e na experiência ativa, fornecendo fundamentos teóricos para discutir métodos de ensino que valorizem a participação do aluno. Essa abordagem auxilia a compreensão de práticas de alfabetização que promovam autonomia, construção de significado e engajamento da criança no processo de aprendizagem.

Freire, Paulo (1970, 2005) enfatiza a alfabetização como prática social, política e crítica, mostrando que aprender a ler e escrever vai além da decodificação do código e envolve consciência, reflexão e participação cidadã. Suas obras sustentam a análise da necessidade de métodos que integrem construção de sentido, letramento e desenvolvimento cognitivo, alinhando teoria e prática.

Gardner, Howard (1983) apresenta a teoria das inteligências múltiplas, evidenciando a necessidade de diversificar abordagens pedagógicas para atender diferentes perfis cognitivos. Essa perspectiva fundamenta a importância de métodos de alfabetização que reconheçam as singularidades de cada criança, promovendo estratégias variadas para maximizar o aprendizado e o desenvolvimento intelectual.

Gil, Antonio Carlos (2008, 2018) fornece diretrizes para elaboração de projetos e técnicas de pesquisa social, apoiando a construção metodológica do estudo. Suas obras orientam a coleta e análise de dados, a organização das categorias temáticas e a interpretação crítica da literatura, garantindo rigor científico e consistência acadêmica ao artigo.

Indri, Keske-Soares e Mota (2007), Paes e Pessoa (2005), Paula et al. (2005), Queiroga et al. (2005), Salgado e Capellini (2004, 2008) e Santos e Siqueira (2002) investigam habilidades fonológicas, memória de trabalho e competências metalinguísticas, fornecendo subsídios para analisar o impacto dos métodos de alfabetização no desenvolvimento cognitivo e na aquisição da leitura e escrita, especialmente na infância.

Ischkanian, Simone Helen Drumond (2018, 2019) oferece materiais pedagógicos sobre alfabetização e consciência fonológica, contribuindo para a compreensão de estratégias práticas aplicáveis em sala de aula, aproximando teoria e prática e fortalecendo a análise interpretativa do artigo.

Kamps et al. (2008) e Lovaas, Ivar O. (1987) apresentam pesquisas sobre intervenções pedagógicas especializadas e instrução diferenciada, reforçando a importância de programas que atendam crianças com necessidades educacionais específicas, mostrando o impacto dos métodos de alfabetização no desempenho escolar e cognitivo.

Kleiman, Angela B. (1998) e Soares, Magda (2006, 2017, 2020, 2021) discutem alfabetização e letramento, enfatizando a integração entre teoria e prática, e fornecem fundamentos para compreender métodos que promovam compreensão global, construção de sentido e habilidades cognitivas.

Lakatos e Marconi (2010, 2017), Quivy e Campenhoudt (2008), Richardson (1999), Severino (2016) e Vergara (2014) oferecem suporte metodológico essencial para o estudo, orientando desde a coleta e análise de dados até a interpretação crítica da literatura, garantindo consistência, validade e confiabilidade na produção científica do artigo.

Malaguzzi, Loris (1993), Meireles, Iracema F. S. (1957) e Montessori, Maria (1949) apresentam abordagens pedagógicas centradas na criança, aprendizagem ativa e experiências significativas, contribuindo para a análise de métodos construtivistas e integrados de alfabetização, que respeitam o desenvolvimento cognitivo e promovem participação ativa.

Mortatti, Maria do Rosário L. (2010) e Mortatti, Maria Regina L. (2019) contextualizam o cenário brasileiro, analisando políticas públicas, métodos de alfabetização e seus impactos no desenvolvimento cognitivo e desempenho escolar, oferecendo subsídios para discutir a efetividade das práticas pedagógicas em diferentes contextos educacionais.

2.2. MÉTODO ALFABÉTICO (OU SOLETRAÇÃO)

O método alfabético, também conhecido como método de soletração, caracteriza-se como uma abordagem sintética de alfabetização, pois parte do ensino das unidades mínimas da escrita — as letras — e, posteriormente, promove a combinação dessas unidades para formar sílabas e palavras completas. De acordo com Soares (2021), essa abordagem privilegia o conhecimento isolado do código, ensinando primeiramente os nomes e formas das letras, e em seguida como agrupá-las de maneira sistemática para produzir palavras e textos simples. Esse processo busca fornecer uma base sólida para o reconhecimento das letras e a construção inicial da leitura, enfatizando a memorização das relações entre grafema e fonema.

Na prática, o método consiste em apresentar uma letra de cada vez, estimulando a criança a identificar sua forma, nome e som correspondente. Posteriormente, as letras são combinadas para formar sílabas e, depois, palavras. Exemplos clássicos incluem combinações simples como A + M + O = “amo”, C + A + S + A = “casa”, P + A + P + E + L = “papel”, F + E + I + J + Ã + O = “feijão”, M + A + R + I + A = “Maria”, C + A + R + R + O = “carro”, P + E + I + X + E = “peixe”, B + O + L + A = “bola”, C + Ã + O = “cão”, G + A + T + O = “gato”, L + I + V + R + O = “livro”, J + A + N + E + I + R + O = “Janeiro”, T + A + B + U + L + A = “tábua”, M + E + S + A = “mesa”, R + E + L + Ó + G + I + O = “relógio”, C + H + A + V + E = “chave”, V + I + D + A = “vida”, F + O + G + Ã + O = “fogão”, C + O + R + D + A = “corda”, S + O + L = “sol”. Essas combinações demonstram a sequência lógica do método e sua aplicação prática para a formação inicial de palavras.

Embora o método alfabético seja amplamente utilizado, diversos autores apontam limitações significativas. Soares (2020) destaca que a ênfase na memorização das letras e na formação mecânica das palavras pode reduzir o engajamento da criança com o significado dos textos, resultando em aprendizagem fragmentada e pouco contextualizada. Quando a prática se limita à repetição de sílabas e palavras isoladas, a criança corre o risco de dominar o código escrito sem desenvolver habilidades de compreensão textual ou consciência crítica da linguagem.

Outro aspecto crítico do método alfabético refere-se à velocidade e ao ritmo da

aprendizagem (Soares, 2017). Por focar na progressão linear da letra para a palavra, o método pode se mostrar lento para crianças que possuem maior capacidade de inferência e construção de sentido, limitando oportunidades para exploração de textos mais complexos e ricos em contexto semântico. Nesse sentido, a abordagem pode favorecer a memorização mecânica em detrimento do desenvolvimento integral da leitura e escrita.

O método alfabético tende a desconsiderar a diversidade de estratégias cognitivas e estilos de aprendizagem presentes nas crianças (Soares, 2017). A abordagem sintética, embora eficaz para a identificação de letras e sílabas, não contempla atividades que estimulem a interpretação, a inferência e a construção de significado, habilidades fundamentais para o desenvolvimento cognitivo e para o desempenho educacional em níveis mais avançados. Como ressalta Soares (2006), alfabetizar não é apenas aprender a soletrar, mas compreender e interagir com a linguagem de maneira significativa.

Apesar dessas limitações, o método apresenta vantagens quando articulado com práticas complementares (Soares, 2017). A clareza na relação entre fonema e grafema oferece segurança para crianças em fase inicial de aprendizagem, permitindo que compreendam a lógica do sistema alfabético. Em atividades guiadas, é possível integrar jogos, leitura de palavras em contexto e pequenas produções textuais, de modo a equilibrar o ensino do código com a construção de sentido, conforme sugerem as análises de Soares (2021).

O método também é indicado para crianças que necessitam de atenção reforçada no reconhecimento de letras e sílabas, incluindo aquelas com dificuldades de aprendizado inicial ou com necessidades educacionais especiais (Soares, 2020). A prática estruturada de soletração ajuda a consolidar a memória visual e auditiva dos grafemas, fortalecendo habilidades fonológicas que serão essenciais para o domínio futuro da leitura e escrita.

Para otimizar os resultados do método alfabético, autores recomendam sua integração com estratégias analíticas e globais, que proporcionem compreensão textual e exploração de contexto (Soares, 2017). Essa combinação permite que a criança perceba a escrita não apenas como código a ser memorizado, mas como instrumento de comunicação e expressão de ideias, conectando a decodificação de letras ao significado de frases, textos e narrativas.

O método alfabético representa um ponto de partida sólido no processo de alfabetização, sobretudo para o ensino inicial do código escrito (Soares, 2006, 2021). Entretanto, sua eficácia plena depende da articulação com práticas pedagógicas que promovam o sentido, a interpretação e a contextualização dos textos. Quando aplicado de forma isolada, apresenta limitações relacionadas à memorização mecânica e à pouca relação com o significado; quando integrado a abordagens diversificadas, pode contribuir significativamente para o desenvolvimento cognitivo, a construção de sentido e o desempenho educacional das crianças.

2.3. MÉTODO FÔNICO

O método fônico é uma abordagem sintética que ensina a relação entre sons (fonemas) e letras (grafemas), sendo estruturado para que a criança compreenda que cada som corresponde a um símbolo escrito. Santos e Siqueira (2002) e Schopler, Mesibov e Sherman (1978) destacam que essa prática favorece a consciência fonológica, elemento fundamental para o desenvolvimento da leitura e da escrita. A partir da associação direta entre fonema e grafema, o aluno aprende a decodificar palavras, tornando o processo de alfabetização mais significativo e funcional.

Na prática, o método fônico inicia-se com o reconhecimento de sons individuais e sua correspondência com letras, permitindo combinações progressivas para formar sílabas e palavras. Exemplos práticos incluem: /b/ + /a/ = “ba”, /c/ + /a/ = “ca”, /p/ + /e/ = “pe”, /m/ + /o/ = “mo”, /t/ + /a/ = “ta”, /f/ + /i/ = “fi”, /s/ + /o/ = “so”, /g/ + /a/ = “ga”, /d/ + /e/ = “de”, /l/ + /a/ = “la”, /r/ + /i/ = “ri”, /v/ + /o/ = “vo”, /n/ + /u/ = “nu”, /q/ + /u/ + /e/ = “que”, /ch/ + /a/ = “cha”, /j/ + /a/ = “ja”, /z/ + /i/ = “zi”, /x/ + /o/ = “xo”, /k/ + /e/ = “ke”, /h/ + /a/ = “ha”. Esses exemplos ilustram a progressão gradual do aprendizado, promovendo segurança e fluência na decodificação de palavras.

Uma das principais vantagens do método fônico é o desenvolvimento da consciência fonológica, habilidade que permite à criança identificar, segmentar e manipular sons dentro das palavras. Santos e Siqueira (2002) ressaltam que essa competência é fundamental para o domínio do código escrito e para a construção de estratégias de leitura eficiente, sendo essencial na prevenção de dificuldades futuras de alfabetização.

O método auxilia a decodificação sistemática de palavras, permitindo que crianças com diferentes ritmos de aprendizagem consigam interpretar textos de forma autônoma (Schopler, Mesibov & Sherman, 1978). Ao reconhecer padrões sonoros e grafemas recorrentes, o aluno consegue ler novas palavras e compreender seu significado, fortalecendo a autonomia e a confiança no processo de aprendizagem.

O método fônico é especialmente recomendado para crianças em fase inicial de alfabetização, pois proporciona estrutura clara e objetiva para o reconhecimento das relações entre som e escrita. Essa abordagem é eficiente tanto em contextos regulares de ensino quanto em programas de intervenção direcionados a alunos com dificuldades de aprendizagem ou necessidades educacionais especiais, permitindo personalizar o ritmo e a complexidade das atividades.

Sua aplicação prática está formalmente consolidada em programas nacionais de alfabetização, como o Programa Nacional de Alfabetização (PNA), que adota estratégias fônicas para garantir que os alunos adquiram consciência fonológica e habilidades de decodificação adequadas. A sistematização dessa abordagem em políticas públicas reforça sua relevância pedagógica e sua eficácia comprovada em diferentes contextos escolares.

Apesar de suas vantagens, o método fônico apresenta limitações quando aplicado de forma isolada (Santos & Siqueira, 2002). Por focar predominantemente na correspondência som-letra, pode reduzir o engajamento da criança com o significado textual, sendo necessário complementar a prática com atividades de leitura contextualizada, compreensão de frases e construção de sentido.

Para otimizar os resultados, recomenda-se integrar o método fônico com abordagens sintéticas e analíticas, promovendo tanto a decodificação precisa quanto a interpretação de textos. Essa articulação permite que a alfabetização seja compreendida como um processo completo, que conecta o domínio do código escrito à construção ativa de sentido, favorecendo o desempenho educacional global.

O método fônico oferece ferramentas fundamentais para o desenvolvimento da consciência fonológica, da decodificação de palavras e da autonomia na leitura inicial, proporcionando à criança mecanismos sólidos para compreender a relação entre os sons da fala e os símbolos gráficos da escrita (Santos & Siqueira, 2002; Schopler, Mesibov & Sherman, 1978). Ao trabalhar sistematicamente a correspondência entre fonemas e grafemas, o método não apenas facilita o reconhecimento de palavras conhecidas, mas também permite que o aluno enfrente de maneira mais segura palavras novas, promovendo a construção de estratégias cognitivas de leitura que são transferíveis para contextos mais complexos.

Quando combinado com práticas pedagógicas que enfatizem a compreensão de textos e a contextualização das palavras, o método fônico se torna ainda mais potente, pois não se limita à mera decodificação, mas conecta a habilidade técnica de ler ao entendimento de sentido e propósito da linguagem escrita. Essa integração permite que as crianças percebam a leitura como uma ferramenta de comunicação e expressão, favorecendo a capacidade de interpretação, a reflexão crítica e a ampliação do repertório lexical.

A aplicação contínua do método fônico contribui para a consolidação da memória fonológica e visual, fortalecendo conexões cognitivas que são essenciais para a fluência leitora e para a escrita coerente. Crianças que desenvolvem essa base sólida apresentam maior facilidade em identificar padrões linguísticos, segmentar palavras complexas e reconhecer estruturas morfológicas, habilidades que repercutem positivamente no desempenho escolar e na aprendizagem de outros conteúdos curriculares.

Crianças com diferentes estilos cognitivos e níveis de desenvolvimento podem avançar no próprio tempo, reforçando a autoconfiança e incentivando a motivação intrínseca para a leitura e a escrita. Essa flexibilidade pedagógica é especialmente importante em salas de aula heterogêneas, onde há necessidade de adaptar estratégias para atender às necessidades específicas de cada estudante.

O método também favorece a integração entre habilidades de leitura e escrita, uma vez que a prática de decodificação fonológica fortalece simultaneamente a capacidade de soletrar e escrever palavras corretamente. Essa articulação entre leitura e produção escrita contribui para a construção de um letramento funcional, no qual a criança compreende a escrita como um sistema de signos com significado, capaz de transmitir informações, narrativas e ideias de maneira consistente.

Quando aplicado de forma consistente e articulado com atividades que exploram textos contextualizados, histórias e experiências significativas, o método fônico promove a ampliação do vocabulário, o desenvolvimento de habilidades inferenciais e a compreensão global do texto. Essa abordagem integral conecta a técnica à prática, garantindo que a alfabetização não se limite ao reconhecimento de palavras isoladas, mas que a criança desenvolva competências cognitivas, linguísticas e sociais de forma interligada.

O método fônico constitui uma estratégia de alfabetização robusta e eficiente, capaz de estabelecer bases sólidas para o desenvolvimento da leitura e da escrita. Sua eficácia se potencializa quando combinada com práticas pedagógicas que promovam significado, interpretação e contextualização, assegurando não apenas o domínio do código escrito, mas também o engajamento ativo da criança com a linguagem, a autonomia na aprendizagem e o fortalecimento do desempenho cognitivo e escolar de forma ampla e duradoura.

A aplicação do método fônico deve ser planejada de forma estruturada, progressiva e articulada, respeitando o desenvolvimento cognitivo da criança e promovendo tanto a decodificação de palavras quanto a compreensão de textos. A seguir, apresento um detalhamento passo a passo de como aplicar o método de forma eficiente:

O primeiro passo consiste em ensinar os sons da língua (fonemas) e associá-los às letras correspondentes (grafemas). Cada letra ou combinação de letras deve ser apresentada isoladamente, com atenção à pronúncia correta e à forma gráfica. Por exemplo, mostrar que o som /b/ corresponde à letra “b”, /m/ à letra “m”, /f/ à letra “f”, e assim por diante. É importante que a criança repita os sons em voz alta, observando a articulação correta e estabelecendo a conexão entre som e símbolo.

Após o reconhecimento dos fonemas, ensina-se a combinação deles para formar sílabas simples, como /b/ + /a/ = “ba”, /c/ + /a/ = “ca”, /p/ + /e/ = “pe”, /m/ + /o/ = “mo”. Esta etapa permite que a criança entenda que os sons se unem para criar unidades maiores de significado, desenvolvendo consciência fonológica e habilidades de segmentação auditiva. Recomenda-se praticar pelo menos 15 a 20 combinações iniciais, garantindo repetição e memorização sem mecanização.

Em seguida, ensina-se a combinação de sílabas para formar palavras completas, inicialmente monossílabas e depois polissílabas. Por exemplo: ba + na = “bana” (banana), ca + sa

= “casa”, pe + i + xe = “peixe”, mo + ra + do = “morada”. É essencial que o professor estimule a criança a pronunciar cada palavra formada, reconhecendo o som de cada sílaba e associando à representação gráfica.

O método fônico deve incluir exercícios de decodificação crescente, em que a criança lê palavras isoladas e depois frases curtas. Atividades como cartões com letras, jogos de som e leitura de palavras em sequência ajudam a reforçar a correspondência fonema-grafema, consolidando a habilidade de decodificação.

Embora o foco inicial seja a decodificação, é importante integrar palavras em contextos significativos, como pequenas frases ou histórias curtas, para que a criança compreenda o sentido das palavras que lê. Por exemplo: “O gato correu para a casa” ou “O menino gosta de pão”. Essa prática conecta o domínio do código escrito à construção de significado e promove motivação e interesse pela leitura.

Para fortalecer a consciência fonológica, atividades com rimas, sons iniciais e finais das palavras são recomendadas. Por exemplo, pedir que a criança encontre palavras que rimem com “sol” ou identificar palavras que começam com /b/ como “bola”, “bico”, “barco”. Essas atividades auxiliam a criança a perceber padrões sonoros e grafemas recorrentes, facilitando a leitura e escrita de palavras novas.

O método fônico deve sempre integrar leitura e escrita, incentivando a criança a escrever palavras e frases formadas pelos sons estudados. Isso fortalece a memória fonológica, a coordenação motora e a compreensão da correspondência entre sons e letras, consolidando a aprendizagem.

Para obter eficácia, o método fônico exige prática diária, com revisão constante de letras, sílabas e palavras previamente aprendidas. A repetição sistemática garante fixação, fluência na leitura e segurança para avançar em palavras e textos mais complexos.

O método fônico pode ser adaptado para diferentes ritmos de aprendizagem e necessidades educacionais. Crianças com dificuldades de leitura ou distúrbios de aprendizagem podem se beneficiar de instruções mais lentas, materiais visuais e auditivos complementares, enquanto crianças com maior facilidade podem avançar para leitura de textos curtos e produção de frases, mantendo o desafio e estimulando a autonomia.

2.4. MÉTODO SILÁBICO

O método silábico é uma abordagem sintética de alfabetização que utiliza a sílaba como unidade básica de ensino, permitindo que a criança reconheça e combine blocos sonoros para formar palavras e, posteriormente, frases. Quivy e Campenhoudt (2008) ressaltam que, ao organizar o aprendizado em unidades maiores do que as letras isoladas, o método facilita a memorização e o reconhecimento inicial de padrões linguísticos, tornando o processo de

alfabetização mais acessível e sequencial. A ênfase na sílaba contribui para uma percepção clara da estrutura fonológica da língua, preparando o aluno para a leitura e escrita de palavras complexas.

Na prática, o ensino inicia com famílias silábicas simples, como ba, be, bi, bo, bu, que são apresentadas de forma repetitiva e gradual. A criança aprende a identificar cada sílaba isoladamente, pronunciar seu som e, em seguida, combinar duas ou mais sílabas para formar palavras simples. Exemplos práticos incluem: bo-la, ca-sa, ma-sa, pe-la, li-vro, fe-liz, so-lu, mu-lo, vi-da, to-da, ga-to, ba-lo, pa-ne, fo-ca, co-sa, re-la, no-te, lu-za, ja-ne, me-sa. Essa progressão permite que o aluno internalize padrões regulares de escrita e som, promovendo segurança no reconhecimento de palavras.

Uma das vantagens do método silábico é a rapidez com que a criança consegue formar palavras completas, mesmo sem compreender inicialmente o significado de cada uma delas. Salgado e Capellini (2004) apontam que essa abordagem é eficaz para alunos com dificuldades fonológicas, pois a sílaba como unidade maior reduz a carga cognitiva de decodificação e permite avanços rápidos na leitura mecânica, fortalecendo a confiança da criança e estimulando a motivação para ler e escrever.

O método silábico é tradicionalmente aplicado em cartilhas como o Caminho Suave, que estruturam o ensino em famílias silábicas, sequências de palavras e pequenas frases. O uso de cartilhas padronizadas garante uniformidade no ensino inicial e facilita o acompanhamento do progresso da criança, permitindo que professores avaliem de forma sistemática a aquisição da leitura e escrita e ajustem as atividades conforme o ritmo de cada aluno.

Apesar de suas vantagens, o método apresenta limitações quando utilizado isoladamente (Quivy & Campenhoudt, 2008). Ao focar na construção de palavras a partir de sílabas, pode ocorrer uma aprendizagem mecânica, com pouca atenção ao significado e à compreensão textual. As crianças podem decodificar palavras corretamente sem entender seu contexto ou função dentro de frases e textos mais amplos. Por isso, a integração com atividades de interpretação e leitura contextualizada é essencial para consolidar a alfabetização de forma significativa.

O método também oferece recursos para estimular a consciência fonológica, pois exige que o aluno perceba, segmente e combine sílabas de maneira estruturada (Quivy & Campenhoudt, 2008). Essa prática auxilia no desenvolvimento de habilidades metalinguísticas, que serão fundamentais para a leitura fluente, a escrita correta e a compreensão de novos vocábulos. O reconhecimento de padrões silábicos recorrentes prepara o estudante para a alfabetização plena e para a transição para métodos mais complexos de leitura e escrita.

Para aplicação pedagógica eficiente, recomenda-se iniciar com sílabas simples e frequentes, avançando progressivamente para combinações mais complexas e palavras polissilábicas. Atividades práticas incluem leitura em voz alta, jogos de formação de palavras,

escrita guiada e exercícios de reconhecimento auditivo das sílabas. Essa progressão gradual garante que a criança consolide a base fonológica antes de lidar com estruturas mais desafiadoras.

Crianças com maior facilidade podem explorar palavras e frases mais complexas, enquanto outras podem revisar famílias silábicas já estudadas para reforçar a confiança e consolidar a aprendizagem. Essa flexibilidade torna o método adaptável a diferentes contextos de sala de aula, incluindo classes heterogêneas e programas de inclusão.

O método silábico representa uma estratégia eficaz para o início da alfabetização, proporcionando rapidez na formação de palavras e segurança na decodificação (Salgado & Capellini, 2004; Quivy & Campenhoudt, 2008). Sua aplicação plena depende da articulação com práticas que promovam compreensão textual, contextualização e exploração do significado, garantindo que o aprendizado não se restrinja à mecânica da leitura, mas favoreça o desenvolvimento cognitivo, linguístico e escolar integral das crianças.

2.5. MÉTODO SINTÉTICO (CATEGORIA GERAL)

O método sintético é uma abordagem de alfabetização que parte das menores unidades da linguagem, como letras, sons e sílabas, para, gradualmente, construir palavras, frases e textos completos. Salgado e Capellini (2008) destacam que essa abordagem permite uma aprendizagem estruturada, na qual a criança internaliza o código escrito progressivamente, desenvolvendo bases sólidas para a leitura e escrita. Ao enfatizar o ensino das unidades mínimas de forma sistemática, o método facilita o reconhecimento de padrões fonológicos e grafêmicos, promovendo o domínio do código escrito de forma confiável e consistente.

A primeira etapa do método sintético envolve o ensino individualizado das letras do alfabeto e dos fonemas correspondentes (Salgado & Capellini, 2008). Cada som deve ser apresentado com clareza e repetição, permitindo que a criança estabeleça associações auditivas e visuais entre grafema e fonema. Por exemplo, apresentar o som /b/ associado à letra “b”, /p/ à letra “p”, /t/ à letra “t”, reforçando a percepção fonológica e a articulação correta dos sons. Essa fase inicial é essencial para criar uma base segura para a decodificação de palavras e evita dificuldades futuras na alfabetização.

Após a familiarização com os fonemas e grafemas, a criança aprende a combinar letras para formar sílabas, como ba, be, bi, bo, bu. O uso das sílabas como bloco intermediário entre letra e palavra facilita o processo de construção linguística, permitindo que a criança reconheça padrões sonoros recorrentes e comece a formar palavras simples, como ba-la, ca-sa, pe-te, mo-sa. Esta etapa promove simultaneamente habilidades de leitura e consciência fonológica, consolidando a percepção da relação entre som e escrita.

O passo seguinte é a combinação de sílabas em palavras completas, iniciando com vocábulos monossilábicos e polissilábicos frequentes no cotidiano da criança, como li-vro, fe-liz, so-lu, vi-da, ga-to. Salgado e Capellini (2008) enfatizam que essa progressão gradual ajuda a criança a decodificar palavras novas de forma autônoma, favorecendo a fluência e reduzindo o esforço cognitivo necessário para a leitura.

Paralelamente à formação de palavras, o método sintético deve incluir atividades de escrita, em que o aluno reproduz as letras, sílabas e palavras aprendidas. Essa prática reforça a memória visual e fonológica, fortalece a coordenação motora fina e promove a integração entre leitura e escrita. Ao escrever, a criança revisa o que foi aprendido, internalizando a correspondência entre fonema e grafema, além de desenvolver habilidades essenciais para a produção textual futura.

Uma etapa fundamental é a leitura de frases curtas e textos simples, formados pelas palavras decodificadas anteriormente (Salgado & Capellini, 2008). Essa prática permite que a criança perceba a função das palavras dentro do contexto, compreenda o significado global do texto e estabeleça relações entre os elementos da linguagem. O método sintético não se restringe à decodificação mecânica, mas conecta a técnica à compreensão, promovendo aprendizagem significativa.

O método sintético também é altamente eficaz em programas de intervenção para crianças com dificuldades de aprendizagem, como aquelas com dislexia do desenvolvimento. Salgado e Capellini (2008) destacam que, ao trabalhar com unidades mínimas e progressão sistemática, é possível promover remediação fonológica, fortalecer a consciência fonológica e apoiar o desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita que possam estar comprometidas, garantindo inclusão educacional e aprendizagem adequada.

Para otimizar a aplicação do método sintético, recomenda-se combinar atividades auditivas, visuais e cinestésicas (Salgado & Capellini, 2008). Jogos de fonemas, cartões de sílabas, leitura em voz alta, escrita guiada e exercícios de segmentação de palavras são estratégias que reforçam o aprendizado e estimulam diferentes canais de percepção, favorecendo a fixação dos conteúdos e a autonomia da criança na leitura e escrita.

O método sintético constitui uma abordagem robusta para alfabetizar de forma estruturada, partindo das menores unidades de linguagem até textos completos (Salgado & Capellini, 2008). Sua aplicação sistemática, aliada a atividades diversificadas e contextualizadas, promove a automatização da leitura e escrita, fortalece a consciência fonológica e contribui para o desenvolvimento cognitivo integral da criança, garantindo bases sólidas para o sucesso escolar.

2.6. MÉTODO GLOBAL

O método global é uma abordagem analítica de alfabetização que parte de unidades

maiores da linguagem, como palavras, frases ou textos inteiros, para depois analisar suas partes menores, como sílabas e letras. Paula, Mota e Keske-Soares (2005) destacam que essa estratégia prioriza o significado e a compreensão textual, permitindo que a criança perceba a linguagem como instrumento de comunicação desde o início do processo de alfabetização. Ao trabalhar com palavras e textos inteiros, o aluno desenvolve simultaneamente habilidades cognitivas, linguísticas e interpretativas, construindo sentido antes de focar nas estruturas menores da escrita.

Inspirado nas ideias de Ovide Decroly, o método global enfatiza a aprendizagem contextualizada e significativa. Em vez de ensinar letras isoladas ou sílabas, a criança aprende palavras completas relacionadas ao seu cotidiano e às experiências vivenciadas. Por exemplo, palavras como bola, casa, livro, flor, gato, mesa, fruta, escola, carro, pássaro, água, mãe, pai, janela, sol, chuva, pão, gato, cachorro, peixe podem ser apresentadas diretamente, permitindo que a criança associe a forma escrita ao objeto, ação ou conceito correspondente.

Uma das etapas iniciais do método global consiste em apresentar palavras ou frases completas de maneira visual e auditiva. A criança observa a palavra escrita e ouve a pronúncia, estabelecendo uma ligação direta entre a grafia e o significado. Posteriormente, o professor pode decompor a palavra em sílabas ou fonemas, mostrando, por exemplo, que "bola" é formada por "bo" e "la", "casa" por "ca" e "sa", "livro" por "li" e "vro". Essa abordagem inversa garante que a compreensão do significado preceda a análise formal da estrutura linguística.

O método global também pode ser aplicado por meio de textos curtos ou pequenas histórias**,** nas quais as palavras-chave aparecem repetidamente. Por exemplo, em uma história simples sobre um cachorro que corre no parque, palavras como cachorro, parque, correr, bola, árvore, brincar, feliz, amigo, correr, pular, sol, sombra, água, correr, sentar, olhar, latir, chegar, sair, descansar são trabalhadas de forma contextualizada. A leitura dessas palavras dentro do texto permite à criança perceber padrões de repetição, significado e função na frase antes de segmentar os elementos menores.

Uma das vantagens do método global é a fortalecimento do vínculo entre linguagem escrita e comunicação real**,** pois as crianças percebem imediatamente que a leitura é uma ferramenta para compreender e se expressar. Queiroga, Borba e Vogley (2005) ressaltam que essa abordagem contribui para o desenvolvimento de habilidades metalinguísticas, auxiliando a criança a refletir sobre a escrita, os sons e as regras do sistema ortográfico de maneira significativa.

Para a aplicação pedagógica, recomenda-se iniciar com palavras altamente frequentes e significativas para o aluno, utilizando recursos visuais, objetos concretos, imagens e dramatizações. Por exemplo, ao ensinar a palavra "bola", a criança observa a imagem, manipula o objeto e repete a palavra em voz alta, estabelecendo a associação entre significado e forma escrita. Progressivamente, novas palavras e frases são incorporadas, aumentando a complexidade textual e o repertório lexical da criança.

O método global também integra atividades de escrita, em que a criança reproduz as palavras aprendidas, copiando-as ou completando lacunas em frases. Essa prática fortalece a memória visual, a consciência ortográfica e a habilidade de relacionar palavras com contextos específicos. Exercícios adicionais, como encontrar palavras em pequenos textos, escrever legendas de figuras ou criar frases com palavras conhecidas, reforçam a aprendizagem de forma lúdica e motivadora.

A flexibilidade do método**,** que permite adaptação às diferentes habilidades e ritmos de aprendizagem das crianças. Alunos com maior facilidade podem explorar textos mais longos e complexos, enquanto aqueles que necessitam de reforço podem trabalhar com palavras isoladas ou frases curtas, garantindo que todos avancem no processo de alfabetização de forma equilibrada e significativa.

O método global constitui uma abordagem analítica que privilegia o significado e a compreensão textual antes da segmentação formal das palavras. Ao iniciar a alfabetização com palavras, frases e textos inteiros, e depois decompor essas unidades, o método promove o desenvolvimento da consciência fonológica, habilidades metalinguísticas, interpretação textual e compreensão ampla da linguagem, favorecendo o engajamento ativo da criança e a construção de bases sólidas para o desempenho escolar.

2.7. MÉTODO ANALÍTICO (CATEGORIA GERAL)

O método analítico constitui uma abordagem de alfabetização que parte do todo, ou seja, de unidades completas com significado, como palavras, frases ou pequenos textos, para, posteriormente, decompor essas unidades em partes menores, como sílabas, letras e fonemas. Mortatti (2019) enfatiza que essa estratégia prioriza a compreensão e o sentido da linguagem desde o início do processo, promovendo que a criança veja a escrita como um instrumento de comunicação e não apenas como um código a ser memorizado.

A alfabetização nesse método inicia com a apresentação de palavras significativas e contextualizadas**.** Por exemplo, a criança pode aprender termos como bola, casa, livro, escola, sol, gato, água, fruta, amigo, mãe, pai, mesa, janela, cachorro, pássaro, comida, árvore, rua, carro e flor. Esses vocábulos são escolhidos de acordo com a relevância para o cotidiano do aluno, permitindo que ele estabeleça conexões entre a palavra escrita, o som correspondente e o conceito ou objeto real.

Posteriormente, essas palavras podem ser inseridas em **frases simples e contextualizadas**, que ajudam a criança a compreender relações semânticas e a função de cada palavra dentro do texto. Por exemplo: “O gato correu para a casa”, “A menina brinca com a bola”, “O pássaro voa no céu”. Ao observar a palavra dentro da frase, o aluno compreende seu significado e, somente depois, analisa as sílabas e os fonemas que a compõem.

Uma etapa essencial do método analítico envolve a decomposição das palavras em partes menores após a compreensão do todo. Por exemplo, a palavra “bola” é dividida em sílabas “bo” e “la”, “casa” em “ca” e “sa”, e “livro” em “li” e “vro”. Paes e Pessoa (2005) destacam que esse procedimento favorece o desenvolvimento da consciência fonológica, permitindo que a criança perceba como os sons da fala se relacionam à escrita, sem perder de vista o significado das palavras.

O método analítico inclui a escrita guiada e contextualizada**,** em que a criança reproduz palavras, frases ou pequenos textos que já foram apresentados com sentido (Mortatti, 2019; Paes & Pessoa, 2005). Exercícios práticos podem envolver copiar frases, completar lacunas com palavras aprendidas, reescrever pequenas histórias ou criar legendas para imagens. Essas atividades fortalecem a memorização do código escrito, ao mesmo tempo em que mantêm o foco na compreensão e na comunicação.

Para consolidar a aprendizagem, recomenda-se utilizar atividades de identificação e comparação de palavras dentro de textos, como encontrar palavras semelhantes, rimas ou palavras que comecem com a mesma letra. Esse tipo de exercício promove percepção de padrões ortográficos e fonológicos, favorecendo a decodificação futura de palavras novas.

O método analítico é especialmente útil para crianças que já possuem algum repertório oral e capacidade de compreender contextos, pois permite que o aprendizado da escrita seja significativo e conectado à linguagem cotidiana. Ele também é eficaz na integração de alunos com diferentes ritmos de aprendizagem, pois a abordagem baseada no sentido garante motivação e engajamento durante o processo de alfabetização.

Para aplicação eficiente, o professor deve planejar atividades progressivas, iniciando com palavras ou textos curtos, acompanhando a compreensão, e somente depois trabalhar a segmentação em sílabas e fonemas. Esse procedimento garante que a criança entenda o valor comunicativo da escrita antes de se concentrar na decodificação mecânica, promovendo autonomia e confiança.

O método analítico permite alfabetizar a criança a partir do todo com significado, priorizando compreensão, contextualização e comunicação (Mortatti, 2019; Paes & Pessoa, 2005). A progressão do todo para as partes favorece o desenvolvimento da consciência fonológica, habilidades metalinguísticas e compreensão textual, assegurando uma alfabetização significativa, alinhada ao desenvolvimento cognitivo e à construção do sentido da linguagem.

2.8. MÉTODO NATURAL

O método natural é uma abordagem analítica de alfabetização que se baseia na aprendizagem em contextos reais de comunicação**,** privilegiando o uso funcional da leitura e da escrita desde o início do processo. Montessori (1949) e Decroly destacam que a criança aprende

de forma mais eficaz quando a linguagem escrita surge de situações significativas e concretas, como bilhetes, listas de compras, receitas ou pequenas anotações cotidianas. Dessa maneira, o aprendizado é motivador, contextualizado e ligado às experiências concretas do aluno, promovendo engajamento e autonomia.

A alfabetização pelo método natural inicia com a observação e exploração de textos reais do cotidiano (Montessori, 1949). Por exemplo, a criança pode ler um bilhete simples como "Compre pão" ou "Leve o livro à escola" e, com orientação do professor, compreender a função prática da escrita. A partir desses materiais concretos, o educador apresenta vocábulos-chave e frases curtas, destacando a relação entre os símbolos gráficos, os sons correspondentes e o significado das mensagens.

Em seguida, a criança é incentivada a produzir sua própria escrita para se comunicar com outras pessoas ou registrar informações pessoais. Atividades podem incluir escrever listas de compras, bilhetes para colegas ou familiares, legendas para desenhos ou instruções simples. Por exemplo, a criança pode escrever "água", "bola", "mamãe", "bolo", "mesa", "sol", "porta", "janela", "cachorro", "fruta", "livro", "caneta", "pão", "carro", "bola", "chuva", "amigo", "sapato", "gato", "mesa" em diferentes contextos funcionais, promovendo a associação imediata entre escrita e comunicação real.

O método natural também valoriza a exploração conjunta da linguagem, em que professor e alunos leem juntos bilhetes, cartas ou receitas, discutindo o significado e identificando palavras-chave. Essa prática permite à criança perceber padrões ortográficos, sílabas e sons de forma contextualizada, reforçando a compreensão do código escrito sem a necessidade de exercícios mecânicos isolados.

Outra estratégia importante é a leitura em situações práticas**,** como interpretar sinais, instruções ou etiquetas de produtos. Por exemplo, ao visitar a cozinha da escola, a criança pode ler palavras como "forno", "fogão", "leite", "pão", "manteiga", "água", "colher", "prato", "fruta", "panela", integrando a alfabetização ao ambiente real e ao cotidiano. Esse procedimento contribui para o desenvolvimento da autonomia e da capacidade de usar a escrita de forma funcional.

A escrita espontânea é estimulada por meio de atividades lúdicas e colaborativas, como montar pequenas histórias, criar legendas para imagens, confeccionar menus ou planejar pequenas tarefas. Essa prática promove a compreensão de que a escrita tem função social e comunicativa, desenvolvendo habilidades cognitivas, linguísticas e sociais simultaneamente.

O método natural também permite personalização do aprendizado**,** adaptando-se ao ritmo e interesses de cada criança (Montessori, 1949). Alunos com maior habilidade podem escrever textos mais complexos ou registrar mais informações, enquanto crianças que estão iniciando podem trabalhar com palavras isoladas ou frases curtas. Essa flexibilidade garante inclusão e favorece o engajamento de todos no processo de alfabetização.

Para consolidar a aprendizagem, é essencial que o professor articule leitura e escrita em contextos significativos, propondo atividades de revisão, leitura compartilhada e produção de textos funcionais (Montessori, 1949). Por exemplo, a criança pode reler bilhetes, revisar listas de compras ou escrever pequenas instruções para colegas, promovendo a internalização do código escrito de forma contextualizada e prática.

O método natural promove a alfabetização a partir do todo significativo, valorizando situações reais de comunicação e aprendizagem funcional (Montessori, 1949). Ao conectar leitura e escrita à vida cotidiana da criança, o método favorece o desenvolvimento integral, a autonomia, a compreensão textual e a construção de habilidades cognitivas e linguísticas, oferecendo uma abordagem significativa e motivadora para a alfabetização inicial.

2.9. MÉTODO CONSTRUTIVISTA (PSICOGÊNESE DA LÍNGUA ESCRITA)

O método construtivista, fundamentado na psicogênese da língua escrita proposta por Emilia Ferreiro e Ana Teberosky, é uma abordagem contemporânea que enxerga a criança como **agente** ativo na construção do conhecimento sobre a escrita**.** Diferente dos métodos tradicionais que enfatizam memorização ou decodificação mecânica, esta abordagem privilegia a formulação de hipóteses sobre o funcionamento do sistema alfabético, permitindo que o aluno avance conforme sua compreensão se desenvolve (Ferreiro & Teberosky, 1985, 1986). Malaguzzi (1993) complementa que a aprendizagem significativa ocorre quando as crianças interagem com múltiplas linguagens e materiais, favorecendo a expressão, exploração e reflexão sobre o mundo e a escrita.

No início do processo, a criança é estimulada a produzir escritas espontâneas**,** mesmo que ainda não correspondam às normas ortográficas. Por exemplo, ao escrever palavras como “bola”, “casa”, “livro” ou frases simples, ela experimenta diferentes grafias para representar sons e significados. Esse comportamento permite ao professor observar o estágio de desenvolvimento do aluno e identificar padrões emergentes de compreensão do sistema alfabético.

Uma estratégia importante é propor atividades que conectem escrita e contexto real**,** como registrar acontecimentos do dia, criar bilhetes, listas ou pequenas histórias. A criança pode escrever palavras ou frases como “vou à escola”, “gosto de brincar”, “meu gato comeu pão” e, ao revisar, perceber que certas letras representam sons específicos. Essa prática promove reflexão, comparação e ajuste contínuo das hipóteses que a criança faz sobre a escrita.

Outro ponto fundamental é explorar o erro como ferramenta de aprendizagem**.** Ferreiro e Teberosky (1985, 1986) destacam que os erros não devem ser corrigidos imediatamente, mas analisados junto com a criança, incentivando a descoberta do padrão correto por meio da investigação e experimentação. Por exemplo, se a criança escrever “bala” como “blla”, o professor pode questionar: “Que sons você ouve aqui?” ou “Como podemos escrever cada som?”, guiando a

construção da compreensão sem substituir a iniciativa da criança.

O método também utiliza atividades de leitura contextualizada**,** onde a criança compara suas produções com textos de referência, livros ilustrados ou legendas. Isso permite observar como as palavras e frases são construídas de acordo com regras e convenções, estimulando a consciência ortográfica e a análise da relação entre grafema e fonema.

A leitura conjunta de histórias curtas ou poemas ajuda a criança a perceber padrões de repetição, sons semelhantes e estruturas linguísticas.

A alfabetização no método construtivista deve ser progressiva e individualizada**,** respeitando o ritmo de cada criança. Algumas crianças podem avançar rapidamente para a escrita de frases complexas, enquanto outras permanecem trabalhando com palavras isoladas ou combinações simples de letras. Essa flexibilidade garante que todos desenvolvam competências de leitura e escrita de forma significativa, promovendo confiança e autonomia na aprendizagem.

Para aprofundar a compreensão do sistema alfabético, atividades complementares podem incluir jogos de sons, segmentação de palavras, classificação de letras e sílabas**,** e exercícios de escrita criativa. Por exemplo, a criança pode criar uma lista de palavras que começam com "b" ou inventar uma história utilizando palavras previamente aprendidas. Essas práticas fortalecem a consciência fonológica, a organização mental da língua e a capacidade de autoavaliação.

O método construtivista integra a multipluralidade das linguagens sugerida por Malaguzzi (1993), explorando desenho, pintura, dramatização e expressão oral como caminhos para compreender a escrita. Ao relacionar diferentes formas de representação simbólica, a criança amplia sua capacidade de perceber significados, comparar códigos e experimentar hipóteses sobre a escrita, promovendo aprendizado profundo e contextualizado.

O método construtivista propõe uma alfabetização baseada na construção ativa do conhecimento**,** onde a criança formula hipóteses, reflete sobre a escrita e se engaja em atividades significativas. A prática pedagógica envolve escrita espontânea, leitura contextualizada, exploração de erros, jogos fonológicos e múltiplas linguagens, promovendo compreensão do sistema alfabético, autonomia e desenvolvimento cognitivo integral, conectando a aprendizagem à realidade e aos interesses da criança.

2.10. MÉTODO SOCIOCONSTRUTIVISTA

O método socioconstrutivista é uma abordagem contemporânea de alfabetização que combina os princípios do construtivismo, centrados na construção ativa do conhecimento pela criança, com a teoria sociocultural de Vygotsky, que enfatiza a importância da interação social, da mediação e da linguagem no desenvolvimento cognitivo (Mortatti, 2010). Nessa perspectiva, a alfabetização não ocorre isoladamente, mas emerge da participação da criança em contextos sociais significativos, em diálogo com professores, colegas e familiares, permitindo que ela

construa sentido a partir de experiências compartilhadas.

A alfabetização pelo método socioconstrutivista inicia-se com atividades coletivas e interativas**,** nas quais a criança observa, escuta e participa de trocas verbais e escritas. Por exemplo, a criança pode participar de rodas de conversa, ler bilhetes coletivos, criar listas conjuntas ou pequenas histórias em grupo. Essas experiências sociais proporcionam oportunidades para refletir sobre a função da escrita, identificar padrões de linguagem e compreender que a escrita é uma ferramenta de comunicação e expressão social.

O professor atua como mediador do processo, oferecendo apoio graduado**,** também chamado de "andaimagem" ou scaffolding, conforme sugerido por Vygotsky. Isso significa que ele orienta a criança nas tarefas de leitura e escrita, fornecendo pistas, modelos e sugestões, e gradualmente retira o suporte à medida que a autonomia da criança aumenta. Por exemplo, ao escrever uma carta simples para a escola, o educador pode inicialmente fornecer palavras-chave, depois permitir que a criança complete frases e, posteriormente, incentive a criação do texto completo de forma independente.

A alfabetização contextualizada e funcional**,** em que a criança aprende a ler e escrever em situações reais de comunicação. Por exemplo, ela pode criar cartazes para eventos da escola, escrever recados para colegas, preencher formulários, registrar receitas ou anotar tarefas diárias. Ao fazer isso, a criança percebe a utilidade social da escrita, relacionando o código gráfico com o significado e a função comunicativa, consolidando a aprendizagem de maneira significativa e prática.

O método socioconstrutivista também valoriza interações entre pares**,** permitindo que crianças mais avançadas colaborem com colegas em diferentes estágios de aprendizagem (Mortatti, 2010). Essas interações promovem o desenvolvimento da linguagem oral e escrita, da reflexão metalinguística e da capacidade de argumentação. Por exemplo, em atividades de produção de histórias em duplas ou grupos, os alunos discutem quais palavras ou frases usar, corrigem erros juntos e exploram o sentido do texto, fortalecendo habilidades cognitivas e sociais simultaneamente.

Para trabalhar aspectos fonológicos e ortográficos, o método integra atividades de análise e reflexão sobre sons, sílabas e letras**,** mas sempre dentro de contextos de comunicação significativa. A criança pode, por exemplo, identificar sons iniciais em palavras de uma história coletiva, segmentar palavras conhecidas ou reorganizar sílabas para formar novas palavras, conectando a consciência fonológica ao uso real da linguagem escrita.

A escrita espontânea é estimulada por meio de projetos e tarefas interdisciplinares**,** como criar um jornal da turma, construir um livrinho de receitas ou escrever cartas para familiares (Mortatti, 2010). Essas atividades contextualizam a alfabetização, promovem engajamento e permitem que a criança desenvolva habilidades cognitivas, linguísticas e sociais de maneira

integrada, respeitando seu ritmo e suas experiências prévias (Ischkanian, 2018, 2019).

A avaliação no método socioconstrutivista é contínua e processual, baseada na observação das interações da criança, na análise das produções escritas e na participação em atividades coletivas. Mortatti (2010) ressalta que a avaliação deve considerar o progresso individual dentro do contexto social, reconhecendo que cada criança avança de forma diferente, mas sempre em diálogo com os pares e mediadores, reforçando a construção ativa do conhecimento.

O método socioconstrutivista promove a alfabetização como um processo social e colaborativo**,** integrando aprendizagem significativa, interação, mediação e reflexão sobre a linguagem(Mortatti, 2010). Ao combinar teoria construtivista e perspectiva sociocultural, a abordagem desenvolve a compreensão do sistema alfabético, habilidades de leitura e escrita, consciência fonológica e competências sociais, favorecendo a construção de sentido e autonomia da criança na escrita e na leitura.

2.11. MÉTODO PAULO FREIREANO

O método Paulo Freireano é uma abordagem contemporânea e crítica de alfabetização, que enxerga o ensino da leitura e escrita como uma prática de libertação e conscientização. Diferente de métodos tradicionais que priorizam a memorização de letras e palavras isoladas, esta abordagem parte da realidade concreta do aluno, utilizando palavras geradoras extraídas do contexto social, cultural e cotidiano de cada indivíduo (Freire, 1970, 2005). O objetivo central é que a criança ou o adulto “leia o mundo” antes de ler a palavra, compreendendo a linguagem escrita como instrumento de interpretação e transformação da realidade.

O primeiro passo na aplicação do método consiste em identificar o universo de experiências do aluno. O educador observa e dialoga com os alunos para compreender seu cotidiano, interesses, problemas e situações significativas. Por exemplo, palavras como “família”, “escola”, “trabalho”, “mercado” ou “praça” podem ser escolhidas porque estão presentes no dia a dia do aluno, servindo de ponto de partida para a alfabetização.

O professor seleciona palavras geradoras que contenham sentido e relevância social para os alunos. Cada palavra escolhida é analisada coletivamente, discutindo-se o que ela significa, como é usada e em quais situações aparece. Esse passo promove consciência crítica e reflexão, incentivando os alunos a perceber a escrita como ferramenta de expressão e compreensão do mundo (Freire, 1970).

O terceiro passo envolve a análise fonética e gráfica da palavra, onde a criança identifica letras, sílabas e sons dentro do vocábulo significativo. Por exemplo, ao trabalhar a palavra “praça”, o professor pode destacar a segmentação “pra-ça”, observando o som de cada letra e sua representação gráfica. Essa etapa integra a consciência fonológica com a construção de sentido,

mantendo a alfabetização conectada à realidade do aluno.

Depois, a criança é estimulada a produzir pequenas frases utilizando a palavra geradora. Por exemplo, a partir de “escola”, o aluno pode escrever: “Eu vou à escola”, “Minha escola é bonita”, “Gosto da escola”. Essa prática permite que a aprendizagem da escrita ocorra de maneira contextualizada, promovendo compreensão do vocabulário, estrutura frasal e sentido textual.

O método Paulo Freireano também propõe atividades de leitura contextualizada, nas quais os alunos leem textos relacionados às palavras geradoras. Isso pode incluir bilhetes, pequenas notícias, histórias ou relatos que envolvam temas próximos à realidade do aluno. A leitura coletiva favorece a compreensão, interpretação e análise crítica, ao mesmo tempo em que desenvolve habilidades de decodificação e fluência.

A escrita colaborativa, em que alunos trabalham em duplas ou grupos para construir textos mais elaborados, como pequenas narrativas, cartas ou registros de experiências (Ischkanian, 2018, 2019). Essa prática fortalece a interação social, a troca de conhecimentos e a capacidade de argumentação, permitindo que a criança perceba a escrita como um recurso social e comunicativo, além de desenvolver autonomia no uso da linguagem escrita.

O professor deve promover reflexão sobre a função social da escrita, incentivando os alunos a discutir como a escrita pode ser usada para expressar ideias, reivindicar direitos ou relatar experiências. Por exemplo, após escrever sobre “praça” ou “mercado”, a turma pode debater como essas palavras representam locais de convívio, comércio ou lazer, relacionando a alfabetização à interpretação do mundo real.

O método Paulo Freireano alfabetiza a partir da realidade concreta do aluno, utilizando palavras geradoras significativas, promovendo consciência crítica, leitura contextualizada, produção de textos e reflexão sobre o uso social da escrita. A prática pedagógica envolve observação do cotidiano, seleção de palavras relevantes, análise fonética e gráfica, construção de frases, leitura coletiva e escrita colaborativa, assegurando que a alfabetização não seja apenas mecânica, mas um processo de emancipação e compreensão do mundo (Freire, 1970, 2005).

Ao aplicar essa abordagem, o professor assume o papel de mediador do conhecimento, criando oportunidades para que os alunos expressem suas ideias, experiências e sentimentos, sempre conectando a aprendizagem ao contexto social e cultural em que vivem. Cada palavra geradora escolhida serve como ponto de partida para reflexões mais amplas sobre a realidade, permitindo que a criança desenvolva habilidades cognitivas, linguísticas e sociais de forma integrada.

O método incentiva a participação ativa do aluno no processo de construção do conhecimento, fortalecendo a autonomia e a capacidade de tomar decisões conscientes sobre a linguagem escrita (Ischkanian, 2018, 2019). A alfabetização deixa de ser uma mera reprodução de códigos e regras e passa a ser entendida como uma prática de interação social, pensamento crítico

e transformação pessoal e comunitária.

A construção de sentido se torna tão importante quanto a decodificação dos elementos gráficos, pois a criança aprende que a escrita é um instrumento para compreender, interpretar e intervir no mundo. A análise das palavras, a segmentação em letras e sílabas, e a produção de textos são sempre orientadas pelo significado e pela função social da linguagem, garantindo que o aprendizado seja significativo e contextualizado.

O trabalho contínuo com leitura e escrita em contextos reais permite que os alunos percebam a relação entre linguagem, poder e cultura, reforçando a importância da alfabetização como direito fundamental e ferramenta de cidadania. Por meio de atividades coletivas, debates, registros escritos e projetos de criação textual, a criança amplia sua capacidade de comunicação e pensamento crítico, internalizando o valor social da leitura e da escrita.

O método Paulo Freireano promove uma alfabetização que integra conhecimento, contexto e reflexão crítica (Ischkanian, 2018, 2019). Ele transforma o processo de aprendizagem em uma prática significativa, capaz de desenvolver não apenas habilidades técnicas de leitura e escrita, mas também consciência crítica, autonomia e responsabilidade social. A alfabetização, portanto, torna-se um meio de empoderamento do indivíduo, fortalecendo a capacidade de compreender e interagir com o mundo de maneira ativa e reflexiva.

2.12. MÉTODO REGGIO EMILIA

O método Reggio Emilia é uma abordagem pedagógica contemporânea que valoriza a criança como protagonista do próprio aprendizado, reconhecendo-a como curiosa, pesquisadora e capaz de construir significados a partir de suas experiências e interações (Malaguzzi, 1993). Na alfabetização, essa perspectiva prioriza o processo expressivo, a construção de sentidos na linguagem e o respeito ao ritmo individual de cada criança, promovendo múltiplas formas de comunicação, incluindo fala, desenho, escrita, movimento e arte.

Para alfabetizar dentro da abordagem Reggio Emilia, o primeiro passo é observar e compreender os interesses e questionamentos das crianças**,** registrando suas ideias, experiências e hipóteses sobre a linguagem escrita (Ischkanian, 2018, 2019). O professor atua como mediador, oferecendo materiais diversificados e provocando situações de exploração e descoberta que incentivem a expressão individual e coletiva. Por exemplo, uma criança que demonstra interesse por animais pode ser estimulada a escrever nomes de animais, desenhá-los e criar pequenas histórias ou listas relacionadas, conectando a escrita ao seu universo de experiências (Indri, Keske-Soares & Mota, 2007).

O ambiente é considerado o "terceiro educador" e deve ser organizado de forma acolhedora, estimulante e desafiadora**,** permitindo que a criança explore, investigue e interaja com diferentes materiais e linguagens (Ischkanian, 2018, 2019). No contexto da alfabetização, isso

significa disponibilizar livros ilustrados, papéis, lápis, letras móveis, quadros e recursos multimídia que incentivem a construção ativa de palavras, frases e textos. O espaço deve favorecer a autonomia e a experimentação, permitindo que cada criança avance conforme seu ritmo.

A alfabetização é desenvolvida de forma coletiva e colaborativa**,** integrando atividades em grupos pequenos ou grandes, onde as crianças compartilham descobertas, discutem significados e produzem textos em conjunto (Kamps et al., 2008). Por exemplo, em uma atividade de criação de um livrinho coletivo sobre a escola, cada criança contribui com palavras, frases, desenhos e histórias curtas, desenvolvendo simultaneamente habilidades de leitura, escrita, consciência fonológica e compreensão textual.

O método valoriza também a experimentação e a exploração das múltiplas linguagens da criança**,** chamadas de "cem linguagens", que incluem a escrita, a fala, o desenho, a pintura, a música, o movimento e o uso de tecnologias (Kleiman, 1998). Na prática da alfabetização, isso se traduz em permitir que a criança registre palavras por meio de desenhos ou símbolos antes de codificá-las graficamente, transforme histórias orais em textos escritos e use diferentes formas de representação para expressar significados, promovendo flexibilidade cognitiva e criatividade.

Outro passo importante é integrar a consciência fonológica ao processo expressivo**,** trabalhando sons, sílabas e letras dentro de contextos significativos (Kleiman, 1998). Por exemplo, ao criar listas de palavras relacionadas a um projeto temático, o professor pode destacar sons iniciais, rimas, sílabas e segmentações, conectando a construção de sentido à percepção dos fonemas e à estrutura gráfica das palavras (Indri, Keske-Soares & Mota, 2007).

A alfabetização também ocorre por meio de projetos interdisciplinares**,** nos quais leitura e escrita se conectam a outras áreas do conhecimento (Malaguzzi, 1993). Por exemplo, um projeto sobre plantas pode envolver pesquisar nomes de flores, registrar observações em cadernos, escrever instruções para cuidar de uma horta ou criar um livrinho ilustrado, promovendo o aprendizado contextualizado e significativo. Esse tipo de atividade integra compreensão de mundo, linguagem escrita e expressão artística, fortalecendo o desenvolvimento cognitivo e social.

O professor deve estimular a reflexão sobre o significado e a função social da escrita**,** incentivando que as crianças utilizem a linguagem escrita para comunicar ideias, relatar experiências ou compartilhar informações com colegas e familiares (Malaguzzi, 1993). Essa prática contribui para que os alunos compreendam que a escrita não é apenas um código a ser memorizado, mas uma ferramenta de interação, expressão e transformação social.

Alfabetizar pelo método Reggio Emilia envolve, antes de tudo, uma observação cuidadosa e contínua dos interesses, curiosidades e experiências das crianças, permitindo que o professor compreenda o universo de significados que cada aprendiz constrói a partir de sua vivência cotidiana, como destaca Malaguzzi (1993). Essa atenção individualizada possibilita a identificação de temas relevantes para cada criança, servindo como ponto de partida para a seleção

de palavras, textos e atividades que despertem engajamento e motivação para a leitura e a escrita.

A organização do ambiente pedagógico é outro aspecto fundamental da abordagem, sendo considerado o "terceiro educador", conforme Malaguzzi (1993). Um espaço cuidadosamente planejado, com materiais diversificados, cores, texturas, áreas de leitura, cantos de escrita, recursos artísticos e tecnológicos, oferece estímulos que incentivam a exploração, a descoberta e a experimentação. Nesse contexto, cada criança tem a liberdade de interagir com os objetos e materiais de maneira significativa, estabelecendo conexões entre a aprendizagem e a vida cotidiana, como também enfatiza Ischkanian (2018, 2019).

O método valoriza a realização de atividades coletivas e colaborativas, em que as crianças constroem conhecimento em interação com colegas e professores, conforme Kamps, Abbott, Greenwood, Wills, Veerkamp e Kaufman (2008). Trabalhar em grupos permite a troca de ideias, o debate sobre significados e a criação conjunta de textos, histórias e registros visuais, promovendo competências sociais e comunicativas ao mesmo tempo em que se desenvolvem habilidades de leitura e escrita.

Explorar múltiplas linguagens é um dos pilares do método, reconhecendo que as crianças se expressam e constroem significados de formas diversas, como desenho, escrita, dramatização, música, movimento e arte, segundo Kleiman (1998). Na alfabetização, isso significa que as crianças podem inicialmente representar palavras e conceitos através de desenhos ou símbolos, para depois conectá-los à escrita formal, permitindo que o aprendizado seja mais significativo e integrado à percepção de mundo do aluno.

A integração da consciência fonológica no processo é realizada de maneira contextualizada, dentro de atividades que já possuem sentido para a criança. Por exemplo, ao escrever listas de palavras relacionadas a projetos temáticos, os alunos são estimulados a identificar sons iniciais, rimas, sílabas e letras, conectando a percepção fonêmica à construção do significado textual, como indicam Indri, Keske-Soares e Mota (2007). Essa articulação entre fonemas, letras e sentido garante que a alfabetização não seja apenas mecânica, mas cognitiva e reflexiva.

A abordagem também incentiva a realização de projetos significativos, que envolvem diferentes áreas do conhecimento e conectam a escrita à resolução de problemas reais ou à exploração do mundo, como observa Malaguzzi (1993). Por exemplo, um projeto sobre o ambiente pode levar as crianças a escrever listas de plantas, registrar observações em cadernos de campo, criar cartazes informativos ou construir pequenos livros ilustrados. Esses projetos promovem aprendizagem contextualizada, incentivam a expressão criativa e fortalecem a compreensão de que a escrita é uma ferramenta de comunicação e transformação.

O professor deve estimular a reflexão sobre a função social da escrita, incentivando os alunos a perceberem que a linguagem escrita tem múltiplos usos e propósitos: comunicar ideias,

relatar experiências, registrar informações e interagir com a comunidade, conforme Ischkanian (2018, 2019) e Kamps et al. (2008). Ao compreender a escrita como um instrumento de participação social e expressão pessoal, a criança desenvolve consciência crítica, autonomia e responsabilidade em relação ao uso da linguagem, consolidando habilidades cognitivas, linguísticas e socioemocionais de maneira integrada.

Alfabetizar pelo método Reggio Emilia envolve observar os interesses e experiências das crianças, organizar ambientes ricos em estímulos, promover atividades coletivas, explorar múltiplas linguagens, integrar consciência fonológica e contextualizar a escrita em projetos significativos, como reforçam Malaguzzi (1993), Indri, Keske-Soares e Mota (2007), Ischkanian (2018, 2019), Kamps et al. (2008) e Kleiman (1998). Ao alinhar experimentação, expressão criativa e reflexão crítica, a abordagem assegura que a alfabetização seja um processo ativo, participativo e profundamente conectado à construção de sentido, à autonomia do aprendiz e à compreensão do mundo.

Essa abordagem demonstra que a alfabetização vai muito além da aprendizagem de códigos e letras isoladas, tornando-se uma prática educativa que valoriza o desenvolvimento integral da criança, respeitando seus ritmos, capacidades e formas individuais de expressão, fortalecendo tanto a competência linguística quanto o pensamento crítico e social, como destacam os autores citados.

2.13. MÉTODOS INTEGRADOS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO (ATUAIS)

Os métodos integrados de alfabetização e letramento constituem uma abordagem contemporânea que busca unir de forma equilibrada o ensino do código escrito, por meio de práticas fônicas e sintéticas, com a compreensão e uso social da escrita, característicos do letramento. Segundo Kleiman (1998), essa perspectiva permite que a criança aprenda a decodificar palavras e, simultaneamente, atribua significado aos textos, compreendendo a função social da linguagem e desenvolvendo habilidades cognitivas e comunicativas de forma articulada.

A proposta “alfabetizar letrando” enfatiza que a aquisição da leitura e escrita não pode se restringir à memorização de letras ou sílabas, mas deve envolver a compreensão do contexto em que a escrita é utilizada (Malaguzzi, 1993). O trabalho com textos significativos, a produção de narrativas, listas, bilhetes ou registros de projetos cotidianos, proporciona um aprendizado funcional e motivador, alinhando a consciência fonológica à construção de sentido.

Neste modelo, é possível integrar estratégias de diferentes métodos, como a exploração das sílabas do método silábico, a consciência fonológica do método fônico e a construção de sentido do método global, criando um percurso pedagógico diversificado que respeita o ritmo de aprendizagem de cada criança. O ambiente pedagógico, inspirado em princípios como os de Montessori (1949) e Reggio Emilia (Malaguzzi, 1993), deve ser estimulante, organizado,

acolhedor e propiciar múltiplas formas de expressão, incluindo arte, movimento, escrita e fala, fortalecendo a autonomia do aprendiz.

A aplicação dos métodos integrados requer a combinação de atividades individuais e coletivas (Meireles, 1957). Em atividades individuais, cada criança pode trabalhar a decodificação de palavras, a escrita de frases e a segmentação de sons, enquanto em atividades coletivas participa da construção de textos compartilhados, debates e projetos interativos, favorecendo o desenvolvimento social e a expressão criativa.

A abordagem também se mostra eficaz em contextos inclusivos, como demonstram estudos de Lovaas (1987), ao indicar que crianças com necessidades especiais podem se beneficiar de intervenções que combinem decodificação sistemática e práticas de letramento contextualizadas. Ao ajustar as estratégias às habilidades individuais, é possível promover tanto o domínio técnico do código escrito quanto a compreensão e produção de textos significativos.

O método integrado estimula ainda a reflexão crítica sobre o uso da linguagem, incentivando que a escrita seja percebida como ferramenta de comunicação e participação social, e não apenas como um conjunto de regras a serem memorizadas (Kleiman, 1998; Malaguzzi, 1993). A criança aprende a ler e escrever textos que têm relevância para sua vida, projetos, interesses e relações interpessoais, consolidando competências cognitivas, linguísticas e sociais.

Alfabetizar por meio dos métodos integrados envolve equilibrar ensino do código e práticas de letramento, articular diferentes estratégias pedagógicas, respeitar ritmos individuais, criar ambientes ricos em estímulos e promover projetos significativos (Kleiman, 1998; Malaguzzi, 1993). Essa abordagem contemporânea assegura que a alfabetização seja um processo ativo, funcional e conectado à vida das crianças, desenvolvendo simultaneamente habilidades técnicas, cognitivas, sociais e criativas, preparando-as para compreender, interpretar e interagir com o mundo de forma autônoma e crítica.

2.14. MÉTODOS INTEGRADOS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Os métodos integrados de alfabetização e letramento representam uma abordagem contemporânea que busca conciliar o ensino do código escrito com o uso social da linguagem. Ao combinar práticas fonéticas e sintéticas, que permitem a decodificação e escrita de palavras, com atividades de letramento, que envolvem a leitura e produção de textos significativos em contextos sociais reais, essa abordagem promove um aprendizado mais completo e funcional, como destacam Soares (2021) e Rojo (2006). A proposta central é alfabetizar e letrar ao mesmo tempo, oferecendo à criança instrumentos para compreender o funcionamento da escrita e utilizar a linguagem de maneira autônoma e comunicativa.

A alfabetização não se restringe à memorização de letras ou palavras, mas envolve o desenvolvimento de competências cognitivas, linguísticas e sociais. O ensino é realizado de forma

integrada, articulando a consciência fonológica, a decodificação de palavras, a compreensão de textos e a produção escrita, favorecendo que a criança compreenda a função social da escrita desde os primeiros momentos de aprendizagem. Segundo Soares (2017), essa integração fortalece o engajamento do aluno e torna o processo mais significativo, uma vez que ele percebe a escrita como ferramenta de interação e expressão.

A prática pedagógica nos métodos integrados envolve atividades contextualizadas, como escrever bilhetes, ler receitas, registrar acontecimentos do cotidiano ou produzir textos coletivos, promovendo simultaneamente habilidades técnicas e a compreensão do significado. Arendt (1979) reforça que a educação deve considerar o contexto social e cultural do aluno, enfatizando que a aprendizagem da leitura e escrita se potencializa quando conectada à vida real da criança. Assim, o aprendizado não ocorre de maneira isolada, mas em diálogo com experiências concretas e relevantes.

O planejamento das atividades deve articular momentos de ensino explícito do código escrito, como identificação de letras, sílabas e palavras, com tarefas de leitura e produção textual contextualizadas. Por exemplo, uma atividade pode incluir a escrita de uma lista de compras seguida da leitura em voz alta, conectando o reconhecimento fonológico à compreensão de sentido, conforme recomenda Bervian, Fontoura e Haimovici (2006). Essa articulação permite que o aprendizado seja simultaneamente técnico e significativo, fortalecendo a autonomia do aprendiz.

A abordagem integrada também promove a aprendizagem colaborativa. Projetos em grupo, leituras compartilhadas e produções coletivas de textos incentivam o desenvolvimento da competência social e da capacidade de comunicação, além de permitir que as crianças aprendam umas com as outras, como ressaltam os estudos de Rojo (2006). Trabalhar em conjunto possibilita que os alunos interpretem diferentes pontos de vista, construam significados coletivos e compreendam o valor da linguagem como instrumento de interação social.

A legislação brasileira reforça a importância dessa perspectiva, como a LDBEN (Brasil, 2014), que estabelece o direito à alfabetização aliada à prática de leitura e escrita em contextos significativos, e os programas de incentivo ao letramento na infância, como o Boletim 09 do MEC (Brasil, 2005), que propõem a integração entre alfabetização e letramento em políticas públicas. Essas diretrizes sustentam a necessidade de que o processo educativo contemple simultaneamente o ensino do código e a apropriação do uso social da escrita.

Para aplicar os métodos integrados de maneira eficaz, é fundamental que o professor conheça o estágio de desenvolvimento da criança, identifique suas necessidades individuais e selecione materiais e atividades que combinem exercícios de decodificação com produções escritas contextualizadas Soares (2020) e Rojo (2006). Dessa forma, cada aluno pode progredir em seu próprio ritmo, consolidando habilidades de leitura e escrita enquanto desenvolve compreensão crítica e competência comunicativa.

A avaliação nesse método também deve ser integrada, considerando não apenas a capacidade técnica de decodificação, mas também a compreensão do texto, a adequação da escrita ao contexto e a participação em atividades coletivas. Essa perspectiva amplia o olhar do educador, permitindo identificar avanços no domínio do código, na construção de sentido e na aplicação prática da escrita em situações reais, conforme evidenciam Bervian, Fontoura e Haimovici (2006).

Os métodos integrados de alfabetização e letramento oferecem um caminho pedagógico completo, que alia o ensino técnico da escrita à compreensão e utilização contextualizada da linguagem. Ao integrar consciência fonológica, decodificação, leitura e produção de textos em contextos significativos, essas práticas promovem o desenvolvimento cognitivo, linguístico e social da criança, assegurando que o processo de alfabetização seja funcional, significativo e conectado à vida cotidiana.

2.15. MÉTODO MONTESSORI

O método Montessori, desenvolvido por Maria Montessori, configura-se como uma abordagem contemporânea e ativa de alfabetização, voltada para o desenvolvimento integral da criança. Segundo Braslavsky (1988), a proposta central da metodologia é estimular a autonomia do aprendiz, permitindo que ele explore o conhecimento de forma sensorial e experimental. A criança manipula materiais concretos, como letras de lixa, blocos e letras móveis, associando sons e símbolos de forma prática, favorecendo a percepção auditiva e visual, além da coordenação motora fina.

A aprendizagem no método Montessori ocorre de maneira individualizada, respeitando o ritmo próprio de cada criança e permitindo que ela avance conforme sua capacidade e interesse. Cossio (2006) destaca que essa abordagem valoriza a iniciativa do aluno, promovendo a autoexploração e o engajamento em atividades que envolvem leitura, escrita e expressão artística de forma integrada. A criança, ao tocar e movimentar as letras, internaliza os fonemas e estabelece conexões entre som e grafia antes mesmo da escrita formal, consolidando a consciência fonológica de maneira concreta.

O ambiente preparado é um elemento central na prática Montessori. Cada espaço é projetado para estimular a curiosidade e o aprendizado independente, com materiais acessíveis e organizados de forma a permitir exploração contínua e descoberta autônoma. Creswell (2021) ressalta que o papel do educador é atuar como guia, observando, registrando e mediando experiências de aprendizagem, sem intervir de forma direta na exploração espontânea do aluno. Essa postura promove um desenvolvimento cognitivo ativo e fortalece a autonomia.

A metodologia também incorpora princípios construtivistas e psicogenéticos, alinhando-se às teorias de Ferreiro e Teberosky (1985, 1986), na medida em que reconhece que a criança constrói hipóteses sobre a escrita a partir de suas experiências, explorando letras, sílabas e

palavras antes de dominar as convenções formais. O aprendizado não é apenas mecânico, mas envolve compreensão e internalização do funcionamento do sistema alfabético, criando bases sólidas para o letramento futuro.

Atividades práticas, como a composição de palavras usando letras móveis, a associação de fonemas a letras de lixa ou a leitura de pequenos textos, permitem à criança consolidar habilidades cognitivas e linguísticas de maneira concreta e divertida. Freinet (1949) complementa essa perspectiva ao enfatizar a importância da aprendizagem ativa e do trabalho manual, reforçando que experiências sensoriais e significativas potencializam a aquisição da linguagem escrita.

O método Montessori também promove o desenvolvimento da percepção e da atenção, essenciais para a alfabetização inicial. Ao manipular objetos, organizar letras e formar palavras, a criança exercita a memória, a coordenação visomotora e a capacidade de análise, preparando-se para tarefas mais complexas de leitura e escrita. Essa abordagem valoriza a aprendizagem integrada, em que aspectos cognitivos, emocionais e sociais se desenvolvem de forma articulada, conforme ressaltam Braslavsky (1988) e Cossio (2006).

O método enfatiza a importância da exploração do ambiente e da experimentação como recursos pedagógicos. A criança é incentivada a fazer descobertas independentes, registrar seus achados e construir significados de forma autônoma, estabelecendo relações entre linguagem, pensamento e ação. Creswell (2021) observa que essa abordagem fortalece a motivação intrínseca, pois a criança se sente protagonista do próprio aprendizado, compreendendo a escrita como uma ferramenta de expressão pessoal e social.

No contexto da alfabetização, Montessori promove uma transição gradual da exploração sensorial para a escrita formal, permitindo que a criança experimente e compreenda o código escrito antes de se engajar em atividades estruturadas de leitura e produção textual. Essa progressão respeita a maturidade cognitiva do aluno e assegura que o processo de alfabetização seja significativo, funcional e conectado à realidade concreta da criança, conforme Ferreiro e Teberosky (1985, 1986).

O método Montessori articula princípios de autonomia, aprendizagem sensorial, exploração concreta e respeito ao ritmo individual da criança, promovendo o desenvolvimento da consciência fonológica, da coordenação motora, da percepção e da linguagem. Ao integrar experiências práticas e significativas com o ensino da leitura e escrita, essa abordagem contemporânea assegura que a alfabetização seja um processo ativo, significativo e profundamente conectado ao desenvolvimento integral do aprendiz.

2.16. MÉTODO WALDORF

O método Waldorf, desenvolvido por Rudolf Steiner, caracteriza-se como uma

abordagem contemporânea e humanista, voltada para o desenvolvimento integral da criança. Conforme Kleiman (1998), a alfabetização neste método é profundamente ligada às artes, à natureza e ao movimento, valorizando experiências sensoriais, estéticas e corporais. A escrita precede a leitura, permitindo que a criança compreenda o significado das letras e palavras por meio da expressão criativa antes de decodificá-las mecanicamente.

A prática pedagógica Waldorf enfatiza o respeito ao ritmo emocional e imaginativo da criança. Ischkanian (2018) destaca que, ao integrar atividades artísticas, contação de histórias, desenho, música e dramatização, o método promove o engajamento afetivo e cognitivo, estimulando a curiosidade, a atenção e a motivação para aprender. O foco está na formação integral, desenvolvendo habilidades cognitivas, sociais, motoras e expressivas de forma articulada.

No processo de alfabetização, as crianças são encorajadas a criar letras e palavras com materiais concretos, como argila, tinta, lápis de cor e cordas, estabelecendo relações sensoriais entre formas, sons e significado. Meireles (1957) observa que esse tipo de aprendizagem ativa permite que a criança internalize o código escrito de maneira natural e significativa, facilitando a compreensão posterior da leitura.

O método também valoriza o ensino coletivo, mas respeitando as necessidades individuais. Cada criança avança no ritmo próprio, podendo experimentar, repetir e explorar os símbolos da escrita em situações lúdicas e contextualizadas. Lovaas (1987) reforça que práticas educacionais adaptadas ao desenvolvimento individual potencializam a aquisição de habilidades cognitivas e sociais, promovendo autonomia e confiança.

A integração de movimento e linguagem é central na abordagem Waldorf. Ao desenhar letras, escrever frases e participar de dramatizações, a criança desenvolve coordenação motora fina, percepção visual e auditiva, além de consciência fonológica e sintática, como ressaltam Kamps et al. (2008). Essa combinação fortalece a aprendizagem inicial da escrita e da leitura, conectando a dimensão motora à simbólica e cognitiva.

A criatividade e a imaginação são incentivadas continuamente. As crianças produzem textos narrativos, poesias e registros de experiências vividas, aprendendo a usar a escrita como instrumento de expressão e comunicação, conforme observa Freinet (1949). Esse processo não apenas ensina o código escrito, mas também promove o desenvolvimento da linguagem em seu sentido mais amplo, incluindo a interpretação de ideias e sentimentos.

O ambiente Waldorf é cuidadosamente planejado para ser acolhedor, organizado e estimulante. Materiais pedagógicos, cores, luz e espaços abertos favorecem a exploração livre e segura, permitindo que a criança se engaje espontaneamente nas atividades de escrita e leitura. Malaguzzi (1993) enfatiza que o ambiente educativo funciona como um mediador do aprendizado, reforçando a participação ativa e a construção de significados.

O método também valoriza a observação contínua do educador. O professor atua como

guia e facilitador, monitorando o desenvolvimento da criança, registrando avanços e desafios, e oferecendo intervenções pontuais quando necessário. Ischkanian (2018) destaca que essa postura permite ajustar práticas pedagógicas para atender às necessidades individuais, garantindo que cada aluno evolua de maneira consistente e significativa.

A alfabetização pelo método Waldorf articula escrita, leitura, artes, movimento e imaginação, promovendo aprendizagem ativa, significativa e integrada. Ao respeitar o ritmo, o desenvolvimento emocional e a criatividade das crianças, essa abordagem assegura que a alfabetização seja um processo holístico, conectando habilidades cognitivas, expressivas e sociais e preparando o aluno para o uso da linguagem de forma crítica e funcional.

2.17. MÉTODO FREINET

O método Freinet, desenvolvido por Célestin Freinet, caracteriza-se como uma abordagem contemporânea, ativa e cooperativa de alfabetização. Segundo Kleiman (1998), a proposta central consiste em aprender a escrever e ler a partir de situações reais de comunicação, estimulando a autoria e a participação das crianças na construção de seus próprios textos. A utilização da tipografia escolar permite que cada aluno imprima suas produções, consolidando o aprendizado de forma concreta e significativa, integrando prática e teoria.

No processo de alfabetização, a criança é incentivada a produzir textos próprios, correspondências e jornais de turma, promovendo interação social, autonomia e colaboração. Ischkanian (2018, 2019) destaca que esse método valoriza a expressão individual dentro do coletivo, permitindo que o aluno compreenda a linguagem como instrumento de comunicação, reflexão e registro de experiências, fortalecendo a consciência fonológica e a compreensão do sistema de escrita.

Freinet enfatiza que a alfabetização não deve se limitar à memorização mecânica de letras e palavras, mas deve integrar o contexto social e cultural do aluno. Mortatti (2010) reforça que, ao relacionar o aprendizado com a realidade da criança, a abordagem favorece a motivação, o engajamento e a apropriação efetiva da leitura e da escrita, tornando o processo mais significativo e funcional.

A prática pedagógica envolve atividades coletivas, como debates sobre os textos produzidos, leitura compartilhada e revisões colaborativas, estimulando habilidades cognitivas, sociais e linguísticas. Kamps et al. (2008) ressaltam que essas dinâmicas em pequenos grupos contribuem para o desenvolvimento da compreensão leitora, da coesão textual e da capacidade de expressão escrita, especialmente em crianças com diferentes níveis de proficiência.

A ênfase na autonomia e na responsabilidade do aluno sobre sua própria aprendizagem. Lovaas (1987) observa que práticas educativas que promovem participação ativa e decisões individuais fortalecem a autoconfiança e a capacidade de organização, habilidades essenciais para

o domínio da leitura e da escrita.

O método Freinet também integra estratégias de consciência fonológica, permitindo que os alunos reconheçam sons, grafemas e padrões ortográficos enquanto produzem textos autênticos. Paes e Pessoa (2005) destacam que essa articulação entre prática contextualizada e percepção fonológica é determinante para o desenvolvimento de habilidades de decodificação e compreensão textual.

A abordagem valoriza igualmente a exploração de múltiplas linguagens e recursos expressivos, em consonância com as propostas de Malaguzzi (1993) e Montessori (1949), integrando desenho, escrita, dramatização e manipulação de materiais como ferramentas para construção de sentido. Essa diversidade de experiências contribui para o engajamento integral do aluno e para o desenvolvimento de competências cognitivas, afetivas e sociais.

A alfabetização segundo Freinet permite observar e registrar o progresso de cada criança, adaptando estratégias pedagógicas de acordo com as necessidades individuais. Mortatti (2019) enfatiza que essa flexibilidade torna a aprendizagem inclusiva e democrática, favorecendo que todos os alunos participem ativamente do processo de construção do conhecimento.

O método Freinet articula autoria, cooperação, contextualização, consciência fonológica e expressão significativa, promovendo uma alfabetização ativa, funcional e conectada à realidade social do aluno. Ao integrar teoria e prática, autonomia e colaboração, e ao valorizar a produção de textos como instrumento de aprendizagem e comunicação, essa abordagem assegura o desenvolvimento cognitivo, linguístico e socioemocional das crianças.

2.18. MÉTODO DE PALAVRAS GERADORAS (PAULO FREIRE REVISITADO)

O método de palavras geradoras, derivado do enfoque Paulo Freireano, apresenta-se como uma abordagem contemporânea, crítica e contextual, voltada para a alfabetização que conecta o aprendizado da escrita com a realidade social dos alunos. Segundo Queiroga, Borba e Vogley (2005), essa prática parte de palavras significativas do cotidiano infantil, como “terra”, “casa” e “povo”, para construir famílias silábicas, associando sons, letras e significados. Esse procedimento permite que a alfabetização se torne uma experiência relevante e motivadora, conectando o código escrito ao universo social e cultural dos estudantes.

Na aplicação do método, o professor identifica termos frequentes na vida dos alunos e os utiliza como ponto de partida para atividades de segmentação silábica, formação de palavras e construção de frases. Salgado e Capellini (2004, 2008) destacam que essas práticas não apenas reforçam a consciência fonológica e a decodificação, mas também permitem a reflexão sobre o significado das palavras em contextos concretos, promovendo o letramento crítico.

O processo pedagógico envolve análise e exploração das palavras geradoras em múltiplas situações de linguagem, como leitura compartilhada, escrita de bilhetes, criação de pequenos

textos narrativos e registros de experiências cotidianas. Santos e Siqueira (2002) enfatizam que, ao integrar a consciência fonológica à produção textual contextualizada, o método fortalece a memória de trabalho e facilita a apropriação do sistema ortográfico.

A construção de famílias silábicas a partir das palavras geradoras permite que a criança perceba padrões fonológicos, correspondências entre fonemas e grafemas e regras ortográficas, tornando a aprendizagem da escrita mais sistemática e significativa. Quivy e Campenhoudt (2008) ressaltam que esse tipo de abordagem metodológica promove a articulação entre teoria e prática, garantindo que o aprendizado seja funcional e alinhado à vida social dos alunos.

O método incentiva a participação ativa das crianças, estimulando a colaboração em atividades coletivas, como debates sobre o significado das palavras, produção de textos em grupo e revisão compartilhada. Essa dimensão social reforça o entendimento da língua como instrumento de comunicação e reflexão, alinhando o ensino da escrita com objetivos de desenvolvimento cognitivo e crítico.

O professor atua como mediador do conhecimento, orientando a exploração das palavras, oferecendo suporte na análise fonética e ortográfica e propondo desafios progressivos que ampliem o repertório linguístico dos alunos. Queiroga, Borba e Vogley (2005) afirmam que essa mediação garante que o aprendizado não se restrinja à memorização mecânica, mas se transforme em construção significativa de sentido.

O método de palavras geradoras também permite conexões interdisciplinares, integrando leitura e escrita com estudos de ciências, geografia, história e artes, proporcionando um aprendizado contextualizado e ampliando a compreensão crítica do mundo. Salgado e Capellini (2008) destacam que essa abordagem promove habilidades metalinguísticas e estimula o desenvolvimento integral da criança, articulando aspectos cognitivos, linguísticos e sociais de maneira equilibrada.

A prática contínua e sistemática com palavras geradoras favorece a consolidação do vocabulário, a fluência leitora e a autonomia na produção textual, criando um ambiente de alfabetização ativo, significativo e crítico. Santos e Siqueira (2002) reforçam que, ao combinar consciência fonológica, reflexão sobre o significado e uso social da linguagem, o método contribui para o desenvolvimento cognitivo e para o sucesso educacional.

O método de palavras geradoras representa uma evolução do modelo Paulo Freireano, adaptando os princípios de alfabetização crítica para o contexto escolar contemporâneo. Ao priorizar palavras do cotidiano, promover consciência fonológica, reflexão sobre o significado e práticas sociais de leitura e escrita, essa abordagem garante uma alfabetização contextualizada, motivadora e transformadora, consolidando o aprendizado de forma significativa e funcional.

2.19. MÉTODO FÔNICO-SILÁBICO (MISTO SINTÉTICO)

O método fônico-silábico, também denominado híbrido sintético, combina os princípios do ensino fônico e silábico, integrando a consciência fonológica com a construção das sílabas e palavras (Santos & Siqueira, 2002; Schopler, Mesibov & Sherman, 1978). Essa abordagem parte do reconhecimento dos sons isolados das letras, associando-os às sílabas correspondentes, e, posteriormente, à formação de palavras completas, promovendo um aprendizado gradual e articulado que não separa o significado da palavra do seu código (Soares, 2021; Soares, 2020).

Na prática pedagógica, o professor inicia com exercícios fonêmicos, destacando os sons individuais das letras e sílabas, como /p/ + /a/ = “pa”, /b/ + /e/ = “be”, /c/ + /o/ = “co”, /d/ + /a/ = “da”, /f/ + /i/ = “fi”, /m/ + /o/ = “mo”, /t/ + /e/ = “te”, /s/ + /a/ = “sa”, /l/ + /u/ = “lu”, /n/ + /i/ = “ni”, /r/ + /o/ = “ro”, /g/ + /a/ = “ga”, /v/ + /e/ = “ve”, /q/ + /u/ = “qu”, /h/ + /i/ = “hi”, /j/ + /o/ = “jo”, /k/ + /a/ = “ka”, /x/ + /i/ = “xi”, /z/ + /a/ = “za”, /w/ + /e/ = “we”, reforçando a correspondência entre fonema e grafema (Salgado & Capellini, 2004, 2008).

Após essa fase de reconhecimento fonético, o método enfatiza a composição de sílabas e palavras simples, como “pa-ta”, “be-lo”, “co-sa”, “da-do”, “fi-la”, “mo-la”, “te-ta”, “sa-la”, “lu-va”, “ni-vo”, “ro-sa”, “ga-to”, “ve-la”, “qu-i-lo”, “hi-lo”, “jo-go”, “ka-sa”, “xi-lo”, “za-lo”, “we-bo”, permitindo que o aluno construa mentalmente a relação entre sons e significado, desenvolvendo simultaneamente a leitura e a escrita (Soares, 2017; Soares, 2006).

O foco do método fônico-silábico é promover a consciência fonológica sem desconsiderar o sentido das palavras, garantindo que a criança compreenda o que está lendo e escrevendo enquanto aprende a decodificar novos vocábulos. Quivy e Campenhoudt (2008) ressaltam que essa articulação entre som e significado fortalece o desenvolvimento cognitivo e linguístico, especialmente na etapa inicial da alfabetização.

A aplicação prática envolve atividades diversificadas, como jogos de combinação de fonemas e sílabas, leitura compartilhada, ditados progressivos, escrita de pequenas palavras e frases e exercícios de segmentação silábica. Salgado e Capellini (2004) destacam que tais procedimentos permitem adaptar o ritmo das atividades às necessidades individuais, promovendo inclusão e equidade no processo de aprendizagem.

O método favorece a automonitorização do aprendizado, pois o aluno passa a reconhecer padrões sonoros e ortográficos, ampliando sua capacidade de decodificação e aumentando a fluência leitora. A ênfase em sílabas frequentes e palavras do cotidiano contribui para a memorização funcional e para a aplicação prática da escrita em contextos significativos (Santos & Siqueira, 2002).

O método fônico-silábico é amplamente adotado em redes públicas e privadas devido à sua flexibilidade, permitindo a integração de elementos de outros métodos, como o construtivista e o sociointeracionista, quando se busca contextualizar o aprendizado e trabalhar o letramento

crítico simultaneamente. Schopler, Mesibov e Sherman (1978) evidenciam que a abordagem mista contribui para o desenvolvimento cognitivo, lingüístico e socioemocional das crianças, tornando a alfabetização mais completa e efetiva.

O método fônico-silábico representa uma abordagem híbrida eficiente, que articula decodificação fonética, composição silábica e compreensão semântica, promovendo aprendizado progressivo, significativo e funcional. Ao combinar aspectos do ensino fônico e silábico, ele assegura que a alfabetização inicial não seja apenas mecânica, mas também conectada ao desenvolvimento cognitivo e à compreensão de sentido.

2.20. MÉTODO DE PALAVRAS (ANALÍTICO)

O método de palavras, classificado como analítico, inicia o processo de alfabetização a partir de palavras já conhecidas e significativas para a criança, estabelecendo uma conexão direta com sua realidade cotidiana e emocional (Mortatti, 2019). Palavras como “mamãe”, “escola”, “bola”, “amigo”, “casa”, “gato”, “bolo”, “livro”, “sol”, “lua”, “carro”, “flor”, “pão”, “mesa”, “cadeira”, “caneta”, “janela”, “porta”, “cachorro” e “árvore” são exemplos de vocábulos que podem ser utilizados nesse método, garantindo que a aprendizagem tenha sentido e relevância antes de avançar para a decodificação de sons e letras (Paes & Pessoa, 2005).

Após o reconhecimento das palavras, o professor conduz o aluno à análise interna dos vocábulos, dividindo-os em sílabas e, posteriormente, em letras. Por exemplo, a palavra “mamãe” é decomposta em “ma-mãe”, “escola” em “es-co-la” e “bola” em “bo-la”, permitindo que a criança compreenda a estrutura fonológica e ortográfica da língua portuguesa (Paula, Mota & Keske-Soares, 2005). Esse processo garante que a compreensão do significado da palavra anteceda a decodificação mecânica, fortalecendo a consciência lexical e fonológica.

A principal vantagem do método de palavras é que ele promove uma alfabetização significativa, pois a criança não aprende símbolos isolados, mas unidades de linguagem carregadas de sentido. Queiroga, Borba e Vogley (2005) destacam que essa abordagem fortalece as habilidades metalinguísticas, permitindo que a criança perceba relações entre sons, letras e significado, desenvolvendo a capacidade de inferir regras ortográficas e fonológicas a partir de exemplos concretos.

Na prática, o professor pode organizar atividades de leitura e escrita que priorizem palavras do cotidiano da criança, estimulando a memorização contextualizada e a exploração do vocabulário. Exercícios como ditados de palavras familiares, escrita de listas de objetos do ambiente escolar, leitura de cartazes e rotinas diárias promovem a alfabetização de forma funcional e interativa (Mortatti, 2019; Paes & Pessoa, 2005).

O método também permite a adaptação a diferentes ritmos de aprendizagem, pois cada criança pode explorar as palavras em seu próprio tempo antes de avançar para sílabas e letras. Isso

promove inclusão e respeito à diversidade cognitiva e linguística, garantindo que a alfabetização seja um processo individualizado e significativo (Paula, Mota & Keske-Soares, 2005).

Outra característica importante é o desenvolvimento da consciência ortográfica e fonológica de forma integrada, já que a criança reconhece a forma visual da palavra enquanto observa seus sons e combinações. Por exemplo, ao analisar "cachorro" como "ca-cho-rro", o aluno percebe a correspondência entre fonemas e grafemas, facilitando a compreensão da escrita e da leitura de novas palavras (Queiroga, Borba & Vogley, 2005).

O método de palavras contribui para o letramento funcional, pois as palavras estudadas são imediatamente aplicáveis em situações de comunicação real.

A criança passa a ler e escrever textos significativos, como bilhetes, listas, cartas ou mensagens, exercitando a linguagem de forma contextualizada e prática (Mortatti, 2019).

O método de palavras também é útil na detecção precoce de dificuldades de aprendizagem, uma vez que o acompanhamento da criança na exploração de palavras significativas permite identificar lacunas na percepção fonológica, ortográfica e lexical. Intervenções direcionadas podem ser aplicadas rapidamente, garantindo maior eficiência no processo de alfabetização (Paes & Pessoa, 2005; Paula, Mota & Keske-Soares, 2005).

O método de palavras, ao começar pela compreensão do vocabulário significativo e depois analisar sílabas e letras, promove uma alfabetização que respeita o significado, favorece a consciência fonológica e ortográfica, e prepara o aluno para leitura e escrita contextualizada. A abordagem valoriza o desenvolvimento cognitivo, linguístico e social, assegurando que a aprendizagem da escrita não seja mecânica, mas plenamente funcional e compreensiva.

2.21. MÉTODO DE FRASES (ANALÍTICO)

O método de frases, classificado como analítico, inicia o processo de alfabetização a partir de unidades linguísticas completas, ou seja, frases significativas que façam sentido para a criança no seu cotidiano e contexto escolar. Esse enfoque busca que a aprendizagem da leitura e da escrita esteja sempre conectada ao significado e à função comunicativa da linguagem, promovendo uma compreensão global antes de qualquer decomposição (Kamps et al., 2008). Um exemplo prático seria começar com frases como "Eu gosto da escola", "Meu cachorro corre no quintal", "A professora lê histórias para nós", "Hoje vamos pintar a casa", "O sol brilha na janela", "Minha mãe faz bolo no fim de semana", "Vamos brincar no parque", "O carro está na garagem", "Eu quero água", "O gato subiu na árvore", "A família janta junta", "O menino joga bola no pátio", "As flores são coloridas", "O pão está na mesa", "O livro está na estante", "Eu ajudo minha irmã", "A turma canta músicas", "O menino estuda inglês", "A professora escreve no quadro" e "Nós aprendemos lendo histórias".

Após a apresentação dessas frases, o professor conduz a criança à análise progressiva, identificando palavras, sílabas e letras. Por exemplo, na frase “Eu gosto da escola”, a criança inicialmente reconhece o significado completo, depois separa “Eu / gosto / da / escola”, em seguida “Es-co-la” e, finalmente, observa as letras que compõem cada sílaba. Essa abordagem permite que a criança entenda a função comunicativa da linguagem e como as palavras se organizam dentro de um enunciado, fortalecendo a consciência sintática e lexical (Kleiman, 1998; Lovaas, 1987).

Uma das vantagens centrais desse método é que ele promove alfabetização contextualizada, em que a criança lê e escreve com propósito. A prática de trabalhar com frases integra o desenvolvimento da compreensão textual, da consciência fonológica e da ortografia, criando uma base sólida para a produção e interpretação de textos mais complexos no futuro (Malaguzzi, 1993).

Na aplicação prática, o professor pode propor atividades como ditados de frases contextualizadas, leitura coletiva de histórias e textos de interesse dos alunos, construção de frases em grupo e dramatizações que envolvam a leitura e escrita de diálogos. Essas práticas aumentam o engajamento, o senso de autoria e a compreensão de que a escrita tem função social e comunicativa (Meireles, 1957; Montessori, 1949).

O método de frases permite que o aluno perceba padrões linguísticos de forma natural, observando repetição de palavras, terminações comuns e estruturas sintáticas dentro do contexto das frases apresentadas. Isso favorece o reconhecimento de regularidades do sistema ortográfico e a internalização de regras gramaticais de maneira significativa (Mortatti, 2010).

O professor também pode integrar atividades de produção de frases, incentivando a escrita de mensagens, bilhetes, pequenas histórias ou relatos de experiências pessoais. Esse exercício promove simultaneamente a leitura e a escrita contextualizadas, estimulando autonomia, criatividade e compreensão do uso social da linguagem (Kamps et al., 2008; Kleiman, 1998).

Outra aplicação eficaz é a utilização de frases para reforçar habilidades fonológicas e ortográficas. Por exemplo, ao dividir a frase “O gato subiu na árvore” em palavras, sílabas e letras, a criança identifica sons, combinações de letras e pontuação, ao mesmo tempo em que mantém a compreensão global da mensagem (Lovaas, 1987; Malaguzzi, 1993).

O método também favorece a inclusão, pois permite que crianças com diferentes níveis de desenvolvimento leiam e escrevam no seu próprio ritmo, utilizando frases que façam sentido para sua vida e experiências. Dessa forma, a alfabetização deixa de ser um processo mecânico e passa a ser funcional, participativo e significativo (Meireles, 1957; Montessori, 1949).

O método de frases promove a alfabetização a partir do significado global, valorizando a compreensão antes da decodificação. Ele integra leitura, escrita, consciência fonológica e ortográfica, e conecta a aprendizagem às práticas sociais e comunicativas.

2.22. MÉTODO GLOBAL DE SENTENÇAS

O método global de sentenças, classificado como analítico, privilegia o ensino da leitura e escrita a partir de unidades linguísticas maiores, como frases e textos curtos, que possuam sentido e relevância para a criança. Essa abordagem, inspirada em Decroly e no movimento da Escola Nova, enfatiza que a aprendizagem deve estar contextualizada e conectada às experiências reais do aluno, priorizando a compreensão de sentido antes da análise das partes menores, como palavras, sílabas ou letras (Freire, 1970, 2005).

Na prática, o professor seleciona textos curtos e frases que se relacionem com o cotidiano da criança, como “Eu vou à escola”, “O sol brilha na manhã”, “A família janta junta”, “Vamos brincar no parque”, “O cachorro corre no quintal”, “Minha mãe cozinha o jantar”, “O livro está na estante”, “A turma canta músicas”, “Hoje é dia de pintura”, “Eu ajudo meu irmão”, “A professora lê uma história”, “O gato dorme na cadeira”, “O menino joga bola”, “As flores são coloridas”, “Eu gosto de frutas”, “O pai dirige o carro”, “Nós cantamos juntos”, “O bebê chora na noite”, “O carro está na garagem” e “A professora escreve no quadro” (Indri, Keske-Soares & Mota, 2007; Ischkanian, 2018, 2019).

Ao apresentar essas sentenças, o educador promove atividades de leitura coletiva, dramatizações e discussões sobre o conteúdo das frases, estimulando a compreensão e o engajamento das crianças. Essa abordagem valoriza o contexto comunicativo e funcional da escrita, permitindo que os alunos percebam a utilidade da linguagem em situações reais (Gardner, 1983).

Posteriormente, é feita a análise das partes que compõem as frases. Por exemplo, na frase “Eu vou à escola”, o professor auxilia a criança a identificar palavras isoladas (“Eu / vou / à / escola”), sílabas (“Es-co-la”) e letras correspondentes, promovendo a consciência fonológica e a percepção do sistema ortográfico. Essa decomposição é gradual e sempre vinculada ao significado global, evitando que a alfabetização se torne um processo puramente mecânico (Freire, 1970, 2005).

O método global de sentenças também possibilita a prática de escrita contextualizada (Ischkanian, 2018, 2019). As crianças são incentivadas a escrever frases que expressem suas experiências, sentimentos ou observações cotidianas. Por exemplo, podem registrar uma rotina diária, descrever brincadeiras, relatar acontecimentos da escola ou construir pequenas histórias coletivas, fortalecendo simultaneamente a leitura, escrita e compreensão de sentido.

A abordagem global contribui para a autonomia da criança, pois ela passa a reconhecer padrões na linguagem, compreender a função social da escrita e desenvolver a capacidade de produzir textos com coerência e coesão desde os primeiros contatos com a leitura. Esse processo respeita o ritmo individual de cada aluno, promovendo inclusão e atenção às diferenças de aprendizagem (Gardner, 1983).

Outra vantagem do método é que ele integra habilidades cognitivas e metacognitivas, uma vez que a criança não apenas lê e escreve, mas também interpreta, compara e organiza informações dentro de um contexto significativo. Isso fortalece a memória de trabalho, a percepção de regras fonológicas e a capacidade de refletir sobre a própria aprendizagem (Indri, Keske-Soares & Mota, 2007).

O professor desempenha papel central como mediador do conhecimento, criando situações de aprendizagem significativas, oferecendo feedback, propondo desafios e estimulando a participação ativa dos alunos. A alfabetização deixa de ser um ato isolado de decodificação de símbolos e passa a ser um processo integrado de construção de sentido e expressão (Freire, 1970, 2005).

O método global de sentenças articula a compreensão do sentido com a prática da leitura e escrita, valorizando o contexto comunicativo, a função social da linguagem e o protagonismo da criança. Ele favorece o desenvolvimento cognitivo, a consciência fonológica e a produção textual significativa, consolidando bases sólidas para o letramento pleno no ambiente escolar.

2.23. MÉTODO ECLÉTICO (OU MISTO)

O método eclético, também chamado de método misto, caracteriza-se como uma abordagem integradora que combina elementos de métodos sintéticos e analíticos, escolhendo estratégias específicas de acordo com as necessidades de cada turma (Braslavsky, 1988; Cossio, 2006). A flexibilidade desse método permite que o professor adapte as práticas pedagógicas à diversidade cognitiva, emocional e social dos alunos, promovendo uma alfabetização mais inclusiva e contextualizada.

A base do método eclético está na alternância entre atividades que trabalham a consciência fonológica e exercícios que envolvem a leitura de textos significativos (Ferreiro & Teberosky, 1985, 1986). Por exemplo, o educador pode iniciar uma aula com jogos de sons e sílabas, promovendo a percepção dos fonemas, e em seguida propor a leitura de histórias, bilhetes ou cartas, incentivando a compreensão e a produção textual.

Essa alternância de práticas permite que a criança construa a decodificação do código escrito de forma progressiva, enquanto simultaneamente desenvolve habilidades de interpretação e compreensão de sentido (Freinet, 1949). Ao combinar atividades sintéticas com analíticas, o método eclético evita o extremo mecanicismo de alguns métodos tradicionais e a fragmentação excessiva que pode ocorrer em abordagens puramente analíticas.

Na prática da alfabetização, o professor deve observar o ritmo individual de aprendizagem de cada criança, selecionando estratégias que atendam tanto aos alunos que já demonstram familiaridade com letras e palavras quanto àqueles que necessitam de reforço no reconhecimento fonético (Creswell, 2021). Por exemplo, pode-se usar exercícios de soletração,

formação de sílabas e combinação de sons, intercalados com leituras compartilhadas de pequenos textos, promovendo a integração entre código e significado.

O método eclético valoriza também o contexto social e afetivo da aprendizagem, considerando que a leitura e a escrita são atividades mediadas por experiências de vida e relações interpessoais. Assim, atividades colaborativas, trabalhos em dupla ou em grupo, produção de textos coletivos e discussões sobre conteúdos lidos são estratégias que fortalecem tanto o letramento quanto o desenvolvimento socioemocional dos alunos (Ferreiro & Teberosky, 1986).

Outra vantagem do método eclético é a possibilidade de personalizar intervenções pedagógicas de acordo com os objetivos específicos de cada turma ou aluno. Por exemplo, se uma criança apresenta dificuldades na identificação de fonemas, o professor pode aumentar a frequência de atividades fônicas, enquanto outros alunos podem ser desafiados com exercícios de compreensão de textos ou produção de frases e pequenas histórias, garantindo um aprendizado equilibrado e dinâmico (Braslavsky, 1988).

O método eclético permite a integração de diferentes teorias de aprendizagem, como o construtivismo, a abordagem sociocultural de Vygotsky e métodos de pedagogia ativa, reforçando que não existe uma única forma de alfabetizar. Essa pluralidade metodológica favorece o desenvolvimento cognitivo integral, a autonomia do aprendiz e a construção de sentido na leitura e escrita (Cossio, 2006; Ferreiro & Teberosky, 1985).

Para aplicar o método eclético de forma efetiva, o professor deve planejar aulas que combinem atividades lúdicas, exercícios estruturados e projetos de leitura e escrita, promovendo constante alternância entre a prática do código e a exploração do significado. A avaliação contínua permite ajustes na abordagem, garantindo que o ensino seja significativo, motivador e adequado ao perfil de cada criança (Freinet, 1949; Creswell, 2021).

O método eclético ou misto se destaca por sua flexibilidade, capacidade de integração e foco na aprendizagem significativa. Ele articula habilidades de decodificação com práticas de letramento, respeita o ritmo individual e coletivo da turma, promove autonomia, criatividade e compreensão contextual da linguagem, consolidando bases sólidas para a alfabetização e o desenvolvimento educacional pleno.

2.24. MÉTODO NEUROLINGUÍSTICO (OU PSICOLINGUÍSTICO)

O método neurolinguístico, também denominado psicogenético ou psicossociolinguístico, configura-se como uma abordagem contemporânea e cognitiva da alfabetização, fundamentada nas teorias de Kenneth Goodman e Frank Smith, sendo discutido em consonância com os princípios da LDBEN (Brasil, 2014) e analisado em trabalhos sobre alfabetização funcional (Arendt, 1979). Essa perspectiva entende a leitura não como um simples processo de decodificação mecânica de letras e palavras, mas como uma construção ativa de sentido, na qual o

leitor interage com o texto, faz inferências e utiliza suas experiências prévias para prever o conteúdo a ser lido, conforme apontam Bervian, Fontoura e Haimovici (2006).

A base do método neurolinguístico enfatiza que a alfabetização deve considerar os processos cognitivos envolvidos na leitura, destacando a importância da compreensão, da predição e da inferência textual. Nesse contexto, as crianças são incentivadas a antecipar palavras e frases com base no contexto, nos elementos visuais e no conhecimento de mundo, promovendo uma leitura dinâmica e significativa, como também indica o boletim "Letramento na Infância" do MEC (Brasil, 2005).

O princípio central do método é que a leitura é um ato de construção de sentido, em que o leitor se engaja cognitivamente com o texto, estabelecendo relações entre letras, palavras, frases e o contexto comunicativo. Esse enfoque cognitivo diferencia-se de métodos puramente sintéticos ou analíticos, pois privilegia a compreensão e a interação com o conteúdo, em vez da memorização isolada de regras ou sílabas, seguindo a perspectiva de Arendt (1979) sobre aprendizagem significativa.

No foco prático, o método neurolinguístico propõe atividades que incentivam a leitura contextualizada e significativa. As crianças são expostas a textos autênticos, como histórias, cartas, receitas e notícias, nos quais precisam identificar informações, fazer inferências e relacionar o que já sabem com o que está escrito. Essa prática fortalece habilidades cognitivas, como atenção, memória de trabalho, raciocínio lógico e organização textual, essenciais para o desenvolvimento escolar e o letramento, conforme observam Bervian, Fontoura e Haimovici (2006).

A aplicação do método neurolinguístico também valoriza a autonomia do aluno, permitindo que ele explore diferentes estratégias para compreender o texto. Por exemplo, pode-se estimular a leitura em voz alta, a leitura silenciosa, a reconstrução de histórias ou a produção de resumos, sempre incentivando a previsão, a inferência e a interpretação crítica do conteúdo, como reforçam Arendt (1979) e o boletim do MEC (Brasil, 2005).

Ao trabalhar com textos autênticos, o aluno não apenas interpreta informações, mas também é incentivado a produzir suas próprias narrativas, bilhetes, registros e reflexões, conectando a leitura à escrita em atividades de letramento funcional e significativo, segundo a LDBEN (Brasil, 2014) e os estudos de Bervian, Fontoura e Haimovici (2006).

O método neurolinguístico influencia diretamente o conceito de alfabetização pelo letramento, ao considerar que aprender a ler e escrever vai além da aquisição de códigos e regras ortográficas. Ele promove uma alfabetização contextualizada, crítica e funcional, em que a criança compreende o uso social da linguagem escrita e participa ativamente da construção de sentido em diferentes situações comunicativas, como destaca Arendt (1979) em suas reflexões sobre aprendizagem e sociedade.

Para implementar o método na prática pedagógica, é necessário planejar atividades diversificadas, que combinem leitura compartilhada, exercícios de compreensão, exploração de textos multimodais e projetos de escrita contextualizados. O professor atua como mediador do processo, orientando a interpretação, incentivando a reflexão e oferecendo estratégias que facilitem a construção de sentido sem perder de vista o desenvolvimento cognitivo, conforme recomendado por Bervian, Fontoura e Haimovici (2006) e reforçado pelo boletim do MEC (Brasil, 2005).

O método neurolinguístico ou psicogenético enfatiza a leitura como processo de construção ativa de sentido, integrando habilidades cognitivas, compreensão textual, predição e interação social. Ao valorizar o letramento funcional e o uso real da linguagem, essa abordagem contribui para uma alfabetização mais completa, significativa e conectada ao desenvolvimento integral da criança, promovendo autonomia, compreensão crítica e competência comunicativa, de acordo com as contribuições de Arendt (1979), Bervian, Fontoura e Haimovici (2006) e as normas da LDBEN (Brasil, 2014) e do boletim "Letramento na Infância" do MEC (Brasil, 2005).

2.25. MÉTODO DE ALFABETIZAÇÃO PELO LETRAMENTO DE MAGDA SOARES

O método de alfabetização pelo letramento, proposto por Magda Soares, caracteriza-se como uma abordagem contemporânea e sociocultural, desenvolvida no contexto brasileiro com base nas necessidades e práticas educacionais locais. A proposta central desse método é integrar de maneira simultânea o ensino do sistema alfabético — ou seja, as letras, sílabas e palavras — com o uso social da linguagem escrita, permitindo que a criança não apenas decodifique símbolos, mas compreenda e produza textos com significado real em seu cotidiano. Dessa forma, a alfabetização deixa de ser apenas um processo mecânico de aprendizagem e passa a se articular diretamente com práticas de leitura e escrita funcional, enfatizando a relevância do letramento como componente essencial do desenvolvimento escolar e da cidadania.

Magda Soares fundamenta sua metodologia na ideia de que a aprendizagem da leitura e da escrita deve ocorrer de forma contextualizada, respeitando o nível de desenvolvimento da criança e promovendo experiências significativas. O enfoque sociocultural do método permite que o aluno perceba a escrita como instrumento de comunicação, expressão de ideias e participação ativa em sua comunidade escolar e familiar. O conceito de "alfabetizar letrando" sintetiza essa perspectiva, ao propor que o ensino do código escrito não pode se dissociar do uso real da língua, integrando compreensão, produção e interpretação textual em atividades diversificadas.

A aplicação prática do método envolve o planejamento de atividades que combinam a instrução formal do código alfabético com experiências de leitura e escrita contextualizadas. Por exemplo, a criança pode escrever bilhetes, registros de experiências diárias, listas de compras, mensagens para colegas ou pequenos relatos sobre acontecimentos escolares, sempre com

acompanhamento e mediação do professor, garantindo que a aprendizagem seja significativa e funcional. Nessa perspectiva, a alfabetização é simultaneamente técnica e social, permitindo que o estudante compreenda a função comunicativa da escrita enquanto desenvolve habilidades cognitivas relacionadas à decodificação.

A ênfase na consciência fonológica, na percepção de padrões ortográficos e na compreensão do sistema alfabético de forma articulada com práticas de leitura contextualizada. Ao explorar simultaneamente os aspectos formais da escrita e o sentido das mensagens, o aluno internaliza a lógica da língua e consegue produzir textos com coerência e coesão, promovendo autonomia e segurança no uso da escrita. Esse equilíbrio entre código e sentido é fundamental para o desenvolvimento do letramento funcional.

O método também valoriza a diversidade dos aprendizes, permitindo que o professor adapte as estratégias pedagógicas de acordo com os interesses, experiências prévias e ritmos individuais das crianças. Atividades coletivas, projetos interdisciplinares e exercícios de leitura compartilhada são frequentemente utilizados para estimular a interação social e a aprendizagem colaborativa, reforçando a dimensão sociocultural da alfabetização defendida por Soares. Essa abordagem possibilita que cada criança construa significados e compreenda a escrita de forma pessoal, ao mesmo tempo em que se insere em práticas de comunicação mais amplas.

A prática pedagógica baseada no letramento também contribui para o desenvolvimento de competências cognitivas e metacognitivas, como a capacidade de planejar textos, revisar produções, refletir sobre a escolha de palavras e analisar estruturas de frases. Assim, a alfabetização pelo letramento não se limita à decodificação de palavras isoladas, mas promove a construção de conhecimento, interpretação crítica e reflexão sobre a linguagem como instrumento de interação social. O papel do professor, nesse contexto, é mediar e orientar, promovendo experiências que integrem o código escrito e o significado de forma orgânica.

Magda Soares ainda destaca a importância de inserir os alunos em práticas autênticas de leitura e escrita, como participar de jornais escolares, contação de histórias, produções coletivas e atividades que envolvam comunicação real. Essas experiências reforçam a compreensão de que a escrita tem função social e são essenciais para consolidar as habilidades técnicas aprendidas em sala de aula, promovendo simultaneamente autonomia, responsabilidade e consciência da linguagem como ferramenta de ação.

O método valoriza também a integração com políticas públicas de educação e programas de letramento, possibilitando que práticas pedagógicas consistentes sejam aplicadas de maneira sistemática em diferentes contextos escolares. Ao alinhar teoria e prática, o método de Magda Soares oferece um modelo robusto para alfabetizar crianças respeitando sua diversidade cultural, cognitiva e social, ao mesmo tempo em que fortalece o desenvolvimento integral do estudante.

O método de alfabetização pelo letramento desenvolvido por Magda Soares propõe uma abordagem completa e contemporânea, que combina ensino do código e uso social da escrita, integrando técnicas de decodificação com práticas significativas de leitura e escrita. Ao privilegiar a aprendizagem funcional, contextualizada e sociocultural, o método assegura que a alfabetização não seja apenas mecânica, mas um processo de construção de sentido, autonomia e participação ativa na sociedade, consolidando a ideia central de "alfabetizar letrando".

2.26. MÉTODO FÔNICO MULTISSENSORIAL

O método fônico multissensorial consiste em uma abordagem cognitiva adaptada a partir do método fônico tradicional, incorporando recursos visuais, auditivos e cinestésicos para potencializar a aprendizagem da leitura e da escrita. Indri, Keske-Soares e Mota (2007) destacam que a utilização de gestos, imagens e sons permite que crianças com dificuldades de leitura, como aquelas diagnosticadas com dislexia, associem fonemas e grafemas de forma mais concreta e significativa. Simone Helen Drumond Ischkanian (2018, 2019) reforça que o recurso a múltiplos canais sensoriais favorece a memorização, a consciência fonológica e a decodificação das palavras, tornando o processo mais eficaz e inclusivo.

Na prática, a alfabetização pelo método fônico multissensorial inicia-se com atividades que associam fonemas a gestos ou movimentos corporais, desenhos e imagens correspondentes, e a combinação de sons com letras. Kamps et al. (2008) enfatizam que a instrução em pequenos grupos permite acompanhar individualmente o ritmo da criança e ajustar intervenções de acordo com suas necessidades, o que aumenta a eficácia do método. Kleiman (1998) observa que a integração de estímulos sensoriais distintos amplia a motivação e o engajamento, elementos essenciais para o aprendizado inicial da leitura.

Maria Montessori (1949) e Malaguzzi (1993) oferecem fundamentos complementares para o método ao valorizar a aprendizagem ativa e exploratória, destacando a importância de ambientes organizados, ricos em materiais e que estimulem a curiosidade da criança. Por meio da manipulação de letras móveis, cartões ilustrativos e atividades auditivas, o aluno constrói relações concretas entre o som e o símbolo escrito, desenvolvendo simultaneamente habilidades cognitivas, perceptivas e motoras.

Meireles (1957) destaca que o método multissensorial contribui para a inclusão, pois atende crianças com diferentes estilos de aprendizagem, tornando possível que todas se beneficiem da alfabetização inicial. A prática envolve exercícios repetitivos, mas contextualizados, como escrever palavras ou frases usando letras de lixa, recortar sílabas ou associar sons a figuras, garantindo que o aprendizado seja significativo e conectado à experiência da criança.

Lovaas (1987) reforça a importância da adaptação individualizada no ensino, especialmente para crianças com necessidades educativas especiais, sugerindo que a atenção às

respostas de cada estudante permite consolidar o conhecimento sem gerar frustração. Nesse sentido, o método fônico multissensorial não apenas ensina o código escrito, mas também fortalece a autoestima, a autonomia e a confiança do aprendiz.

A abordagem integra também estratégias de consciência fonológica, permitindo que a criança identifique sons iniciais, finais e médias das palavras, realize rimas e segmentações silábicas, e compreenda padrões ortográficos. Mortatti (2010) ressalta que práticas desse tipo promovem a alfabetização de forma contextualizada, conectando o ensino formal a situações reais de comunicação e leitura, como bilhetes, histórias curtas e instruções simples.

Mortatti (2019) observa que a combinação de instrução sistemática do código com atividades multissensoriais atende aos princípios contemporâneos de ensino da leitura, conciliando métodos fônicos, construtivistas e socioculturais. O uso de estímulos visuais, auditivos e táteis potencializa a internalização do sistema alfabético, tornando a aprendizagem mais duradoura e efetiva.

A aplicação do método em contextos de grupo permite interações colaborativas, favorecendo a construção de significados compartilhados e a troca de experiências entre alunos. Malaguzzi (1993) destaca que ambientes coletivos e ricos em recursos pedagógicos promovem o engajamento ativo, incentivando a exploração de múltiplas linguagens, como desenho, fala e escrita, dentro de uma perspectiva integradora.

O método fônico multissensorial representa uma estratégia atual e inclusiva para alfabetização, integrando os princípios fônicos tradicionais com estímulos sensoriais diversificados, respeitando os ritmos individuais, promovendo consciência fonológica, decodificação e compreensão de textos iniciais. Indri, Keske-Soares e Mota (2007), Ischkanian (2018, 2019), Kamps et al. (2008), Kleiman (1998), Lovaas (1987), Malaguzzi (1993), Meireles (1957), Montessori (1949) e Mortatti (2010, 2019) fornecem a base teórica e prática que sustenta esta abordagem, mostrando como a combinação de recursos multissensoriais e estratégias estruturadas potencializa o processo de alfabetização.

2.27. MÉTODO NATURAL DE LEITURA E ESCRITA

O método natural de leitura e escrita caracteriza-se como uma abordagem analítica e experiencial, em que a criança aprende a escrever a partir da necessidade real de comunicação, mesmo antes de dominar plenamente o código escrito. Indri, Keske-Soares e Mota (2007) apontam que, nesse processo, os alunos constroem hipóteses sobre a língua e testam suas ideias ao escreverem, desenvolvendo consciência fonológica e habilidades de decodificação ao longo da prática. Simone Helen Drumond Ischkanian (2018, 2019) reforça que a exploração espontânea da escrita permite à criança experimentar sons, letras e palavras, promovendo aprendizagem ativa e significativa.

A proposta está diretamente relacionada às pesquisas de Emilia Ferreiro, que enfatiza que a criança não apenas reproduz símbolos, mas interpreta o funcionamento da língua escrita conforme suas experiências, hipóteses e necessidades comunicativas. Kamps et al. (2008) destacam que a instrução em pequenos grupos favorece o acompanhamento individualizado, permitindo intervenções ajustadas ao ritmo e às estratégias de cada estudante, especialmente aqueles com dificuldades iniciais de leitura.

No método natural, a alfabetização não segue uma sequência rígida de ensino de letras ou sílabas; ao contrário, Kleiman (1998) explica que o processo privilegia textos e mensagens significativas, como bilhetes, listas, recados ou pequenos relatos do cotidiano. Lovaas (1987) observa que, ao escrever com propósito real, a criança desenvolve habilidades cognitivas, motoras e perceptivas, consolidando o vínculo entre linguagem, pensamento e ação.

Malaguzzi (1993) e Maria Montessori (1949) fornecem suporte complementar ao método, ao enfatizar ambientes estimulantes, ricos em materiais manipuláveis, que permitem à criança explorar sons, letras, palavras e contextos de forma autônoma e lúdica. Meireles (1957) também reforça que a exploração espontânea e sensorial de textos e materiais escritos incentiva a construção de significados, aumentando a motivação e o engajamento da criança no processo de alfabetização.

O foco do método natural é a aprendizagem funcional: a criança escreve para se comunicar, experimenta hipóteses sobre a escrita e revisa suas ideias à medida que amplia o conhecimento do sistema alfabético. Mortatti (2010) enfatiza que essa abordagem aproxima a alfabetização do contexto social e cultural da criança, promovendo uma relação direta entre leitura, escrita e experiências vividas no cotidiano.

Mortatti (2019) complementa que o método natural integra conceitos construtivistas e socioculturais, ao permitir que o aprendizado se dê de forma orgânica, respeitando o ritmo individual e estimulando a autonomia.

2.28. MÉTODO DA CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA

O método da consciência fonológica é uma abordagem cognitiva que se situa na fase pré-alfabética, sendo fundamental para o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita. Ele baseia-se na percepção e manipulação dos sons da fala, como rimas, sílabas e fonemas, oferecendo às crianças ferramentas para compreender que a linguagem escrita é composta por unidades sonoras que podem ser segmentadas, combinadas e transformadas. Autores como Indri, Keske-Soares e Mota (2007) destacam que a consciência fonológica é uma habilidade essencial para o sucesso da alfabetização, pois prepara o aluno para o ensino fônico e possibilita a decodificação eficiente das palavras. Simone Helen Drumond Ischkanian, em suas apresentações de 2018 e 2019, reforça a importância de atividades que envolvam a manipulação de sons, como jogos de

rimas, segmentação de palavras e identificação de fonemas iniciais, finais e médios, promovendo o reconhecimento da estrutura sonora da língua antes do domínio do código escrito.

A aplicação da consciência fonológica pode ser realizada por meio de diversas estratégias lúdicas, que estimulam a percepção auditiva e a discriminação sonora. Kamps et al. (2008) enfatizam que atividades em pequenos grupos favorecem a interação e a aprendizagem diferenciada, possibilitando que cada criança desenvolva suas habilidades de acordo com seu ritmo. Kleiman (1998) aponta que a exploração de rimas, aliterações e músicas infantis integra prazer e aprendizagem, tornando o processo de aquisição de consciência fonológica mais natural e motivador. Lovaas (1987) acrescenta que crianças com dificuldades de leitura se beneficiam de exercícios repetitivos e estruturados que reforcem a percepção dos sons, preparando-as para métodos fônicos e silábicos.

O trabalho com consciência fonológica deve considerar o desenvolvimento integral da criança. Malaguzzi (1993) e Meireles (1957) destacam a importância de ambientes ricos em estímulos e experiências sensoriais, nos quais a criança possa explorar sons, ritmos e linguagens múltiplas, fortalecendo a conexão entre fala e escrita. Montessori (1949) complementa que o uso de materiais concretos e manipulação de letras auxilia a internalização das correspondências entre fonemas e grafemas, promovendo autonomia e autoconfiança.

No contexto pedagógico brasileiro, Mortatti (2010, 2019) observa que a consciência fonológica integra políticas públicas de alfabetização, sendo recomendada como etapa preparatória do ensino fônico e de métodos híbridos. Essa perspectiva reforça que, antes de ensinar a decodificação mecânica, é necessário que o aluno compreenda a organização sonora da língua, garantindo que a alfabetização seja significativa e funcional.

O desenvolvimento da consciência fonológica envolve atividades de segmentação, fusão e manipulação de fonemas. Indri, Keske-Soares e Mota (2007) sugerem exercícios como separar palavras em sílabas (“ca-sa” → “ca” + “sa”), identificar o som inicial de objetos (“b” de bola), combinar fonemas para formar palavras (/m/ + /a/ + /l/ = “mal”), além de jogos de rimas e trocas de sons. Simone Helen Drumond Ischkanian acrescenta que essas atividades devem ser integradas ao cotidiano da criança, utilizando materiais visuais, auditivos e táteis para reforçar a percepção sonora.

Outra estratégia importante é a consciência fonêmica contextualizada, que conecta sons à leitura de palavras e produção de textos. Kamps et al. (2008) indicam que ler pequenas histórias, identificar sons iniciais e finais, e brincar com aliterações permite que o aluno associe consciência fonológica à compreensão textual, tornando a alfabetização mais integrada e menos mecânica. Kleiman (1998) ressalta que a consciência fonológica não deve ser isolada, mas combinada com experiências de letramento que envolvam significado e função social da escrita.

A avaliação contínua do progresso da consciência fonológica é essencial. Lovaas (1987)

enfatiza a necessidade de observar se a criança consegue segmentar e unir fonemas de forma autônoma, aplicando essas habilidades na leitura de palavras novas. Malaguzzi (1993) complementa que o professor deve adaptar as atividades ao ritmo individual e aos interesses da criança, garantindo que o aprendizado seja significativo e motivador.

O método da consciência fonológica também atua como ponte para métodos fônicos e híbridos, servindo como pré-requisito para a alfabetização eficiente. Indri, Keske-Soares e Mota (2007) indicam que crianças que desenvolvem boa consciência fonológica apresentam desempenho superior na decodificação e na leitura fluente. Simone Helen Drumond Ischkanian reforça que essa preparação facilita a transição para a escrita alfabética, aumentando a autonomia e a confiança do aluno no processo de aprendizagem.

Mortatti (2010, 2019) e outros pesquisadores como Meireles (1957) e Montessori (1949) defendem que a consciência fonológica deve ser entendida como parte de um currículo integrado de alfabetização, em que percepção sonora, decodificação e compreensão textual caminham juntas. Ao valorizar essa etapa preparatória, o professor garante que a criança não apenas aprenda a ler e escrever, mas desenvolva habilidades cognitivas, linguísticas e sociais que sustentam seu percurso educacional de forma plena.

2.29. MÉTODO DE PORTFÓLIOS EDUCACIONAIS – SDHI - (ABORDAGEM INCLUSIVA E INTEGRADA)

O Método de Portfólios Educacionais – SDHI, desenvolvido por Simone Helen Drumond Ischkanian, constitui uma abordagem contemporânea, inclusiva e integradora, fundamentada nas concepções socioconstrutivistas, humanistas e interdisciplinares. Ele se apoia em princípios que valorizam a personalização do ensino, permitindo que cada aluno seja acompanhado de acordo com seu ritmo, interesses e necessidades, promovendo a aprendizagem significativa. Nesse contexto, autores como Loris Malaguzzi destacam a importância do ambiente como terceiro educador, enquanto Célestin Freinet enfatiza a autoria e a produção de textos pelos próprios alunos, e Maria Montessori reforça o valor da autonomia e da aprendizagem sensorial.

O método integra diferentes práticas de alfabetização, reunindo elementos do fônico, do global, do construtivista, do Reggio Emilia, do Freinet e do Montessori, articulados com estratégias inclusivas como ABA, TEACCH e PECS. Paulo Freire contribui para essa abordagem com sua pedagogia libertadora, que promove a leitura crítica do mundo e do texto, tornando o processo educativo dialógico e significativo. Magda Soares acrescenta o enfoque de alfabetização e letramento, integrando código e uso social da escrita.

No processo de alfabetização, o portfólio educacional funciona como instrumento de registro e reflexão, permitindo que o professor acompanhe como a criança constrói o conhecimento linguístico, sem se restringir apenas ao produto final da escrita correta. Indri, Keske-

Soares e Mota (2007) reforçam que a memória de trabalho e a consciência fonológica são habilidades essenciais que devem ser observadas ao longo das atividades registradas no portfólio, promovendo intervenções pedagógicas mais precisas.

Para alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e outras necessidades educacionais especiais, o método oferece recursos de comunicação alternativa e aumentativa, com o uso de pictogramas, sequências estruturadas e rotinas previsíveis, inspiradas em TEACCH e ABA, conforme Schopler, Mesibov e Sherman (1978) e Lovaas (1987). A estratégia valoriza microconquistas e aprendizagens não verbais, além de estimular a autorregulação emocional e o engajamento, tornando a alfabetização inclusiva e funcional.

A avaliação contínua e qualitativa é central no método, registrando produções concretas como desenhos, escritas, gravações, fotos e relatos. Kleiman (1998) reforça que esse registro permite ao aluno perceber seus avanços e tornar-se protagonista de seu próprio aprendizado, enquanto Meireles (1957) e Montessori (1949) destacam a importância de atividades sensoriais e manipulação de materiais concretos para a internalização de conceitos linguísticos.

O portfólio também promove a integração de práticas pedagógicas de diferentes métodos. Por exemplo, Freinet (1949) contribui com a produção textual cooperativa e o uso da tipografia escolar, enquanto Malaguzzi (1993) enfatiza a aprendizagem coletiva e colaborativa, e Freire (1970, 2005) reforça o ensino contextualizado, a partir de palavras geradoras e reflexões sociais. Nesse sentido, o método possibilita combinar estratégias fônicas, globais, construtivistas e de consciência fonológica de forma adaptativa, como sugerem Indri, Keske-Soares e Mota (2007) e Ischkanian (2018, 2019).

Autores como Mortatti (2010, 2019) e Ferreiro e Teberosky (1985, 1986) indicam que a alfabetização deve contemplar compreensão, decodificação e construção de sentido, integrando processos analíticos, sintéticos e contextualizados. A utilização do portfólio permite observar a evolução dessas habilidades ao longo do tempo, promovendo uma alfabetização significativa e adaptada às necessidades de cada criança.

A abordagem contempla políticas públicas e marcos legais, como a LDBEN (Lei 9.394/96) e programas de letramento na infância (BRASIL, 2005), reforçando a importância de práticas inclusivas e integradoras no sistema educacional brasileiro. Quivy e Campenhoudt (2008) apontam que a pesquisa em ciências sociais contribui para compreender as necessidades das crianças e adaptar metodologias, consolidando o portfólio como ferramenta pedagógica abrangente.

O método de Portfólios Educacionais assegura que todos os alunos, com ou sem deficiência, tenham voz, vez e registro de suas aprendizagens. Ao integrar contribuições de Gardner (1983), Kleiman (1998), Soares (2006, 2017, 2020, 2021), Kamps et al. (2008), Salgado e Capellini (2004, 2008), Santos e Siqueira (2002), Schopler et al. (1978), Malaguzzi (1993) e

outros, a abordagem promove uma alfabetização inclusiva, significativa e interdisciplinar, adaptada à diversidade humana e às múltiplas formas de aprender.

Alfabetizar com o Método de Portfólios Educacionais envolve diversas etapas, estratégias e recursos que integram ensino, avaliação e inclusão de forma contínua e personalizada. A seguir, descrevo como aplicar o método na prática:

A primeira etapa consiste na observação inicial e registro. O professor acompanha cada criança em seu contexto, observando seus interesses, habilidades linguísticas, formas de expressão e modos de interação. As observações são registradas no portfólio por meio de fotos, desenhos, gravações de áudio e vídeos, bem como anotações sobre produções escritas e orais (Ischkanian, 2018, 2019).

As atividades devem ser significativas e partir de situações concretas e reais para a criança, como escrever bilhetes, listas, mensagens, legendas de desenhos ou histórias coletivas, promovendo aprendizagem contextualizada e significativa (Freire, 1970, 2005; Freinet, 1949).

O portfólio permite integrar diferentes métodos de alfabetização, combinando estratégias fônica, global, construtivista, Reggio Emilia, Montessori e Freinet, de acordo com o perfil da criança. Enquanto a consciência fonológica é desenvolvida por atividades de rimas e segmentação de sílabas (Indri, Keske-Soares & Mota, 2007), a aprendizagem contextualizada e colaborativa é incentivada em projetos de grupo (Malaguzzi, 1993).

A produção de textos é estimulada de forma contínua, com os alunos criando textos próprios, individuais ou coletivos, utilizando diferentes linguagens — escrita, desenho, oralidade ou pictogramas. Esses registros vão para o portfólio, permitindo acompanhar a construção do conhecimento linguístico, e não apenas a correção da escrita (Freinet, 1949; Montessori, 1949).

Momentos de leitura compartilhada e contextualizada são promovidos pelo professor, reforçando a compreensão de sentido, vocabulário e estrutura textual. Paulo Freire (1970, 2005) contribui aqui com a ideia de “ler o mundo” antes de ler a palavra, conectando leitura e realidade.

A avaliação é contínua e qualitativa. Cada portfólio funciona como instrumento de avaliação formativa, permitindo acompanhar a evolução da criança em leitura, escrita, oralidade e compreensão. Observa-se progresso em habilidades específicas, dificuldades e estratégias de aprendizado, possibilitando intervenções personalizadas (Kleiman, 1998; Mortatti, 2010, 2019).

Para alunos com necessidades educacionais especiais, como TEA ou dificuldades de comunicação, são utilizados recursos visuais, táteis, auditivos ou digitais, além de comunicação aumentativa e alternativa (PECS, TEACCH, ABA). O portfólio registra microconquistas e aprendizagens não verbais, valorizando todas as formas de participação (Schopler, Mesibov & Sherman, 1978; Lovaas, 1987).

A reflexão e o protagonismo do aluno são fundamentais. As crianças participam ativamente do processo, observando seus próprios avanços, comparando produções e refletindo

sobre estratégias de escrita e leitura. Isso fortalece a autonomia e o senso de responsabilidade sobre a própria aprendizagem (Soares, 2021; Indri, Keske-Soares & Mota, 2007).

O método também prevê a integração com a família e a equipe multiprofissional. O envolvimento dos familiares e profissionais da escola — fonoaudiólogos, psicopedagogos, terapeutas — garante continuidade e suporte às aprendizagens registradas no portfólio (Meireles, 1957; Gardner, 1983).

Alfabetizar com o Método de Portfólios Educacionais significa criar um processo de ensino-aprendizagem dinâmico, personalizado, inclusivo e contínuo, onde o portfólio não apenas registra conquistas, mas se torna ferramenta de mediação pedagógica, reflexão e protagonismo da criança.

2.30. BRASIL E ABORDAGENS INTEGRATIVAS

Atualmente, as escolas brasileiras adotam abordagens integradas de alfabetização, sem se restringirem a um único método. Essa integração combina a decodificação fônica, que permite à criança identificar sons e letras para formar palavras (Santos & Siqueira, 2002; Schopler, Mesibov & Sherman, 1978), a compreensão de sentido ou abordagem analítica, que enfatiza a interpretação de palavras, frases e textos dentro de contextos significativos (Freire, 1970, 2005; Mortatti, 2019), e o uso social da leitura e escrita, conhecido como letramento, que valoriza a funcionalidade da escrita e leitura no cotidiano da criança (Soares, 2021; Kleiman, 1998).

Essa combinação possibilita que o ensino seja simultaneamente técnico e significativo, equilibrando a aquisição do código escrito com práticas que desenvolvem o entendimento e a utilização social da linguagem. As crianças, assim, não apenas decodificam palavras, mas aprendem a compreender textos e a produzir escritos com propósito (Ferreiro & Teberosky, 1985, 1986; Freinet, 1949).

A implementação dessas abordagens integradas depende do planejamento pedagógico, da observação das necessidades de cada aluno e da escolha de atividades diversificadas. Por exemplo, exercícios de consciência fonológica podem ser combinados com leitura compartilhada de textos contextualizados e produção de textos coletivos (Indri, Keske-Soares & Mota, 2007; Ischkanian, 2018, 2019).

O professor atua como mediador, ajustando a complexidade das atividades ao nível de cada aluno e garantindo que a alfabetização não seja apenas mecânica, mas também significativa e socialmente relevante. Esse papel é reforçado pelo conceito de alfabetização sociocultural de Magda Soares (2021), que enfatiza a integração entre aprender a ler e escrever e o uso da escrita na vida cotidiana.

As escolas brasileiras integram recursos tecnológicos, jogos pedagógicos, portfólios e materiais concretos (como letras móveis, blocos e pictogramas) para atender à diversidade de

estilos de aprendizagem e necessidades especiais (Malaguzzi, 1993; Montessori, 1949; Lovaas, 1987).

A abordagem integrada também considera o acompanhamento contínuo do progresso do aluno, registrando avanços em portfólios e promovendo avaliações formativas que orientam intervenções pedagógicas personalizadas (Meireles, 1957; Mortatti, 2010).

A alfabetização nas escolas brasileiras modernas alia técnica e significado, promovendo habilidades de leitura e escrita alinhadas às necessidades cognitivas, sociais e culturais das crianças. A interação entre decodificação, compreensão e uso social da linguagem garante que cada aluno desenvolva autonomia, competência comunicativa e senso crítico desde os primeiros anos de escolarização (Freire, 1970, 2005; Gardner, 1983).

O enfoque integrador permite ainda que alunos com diferentes ritmos de aprendizagem e perfis cognitivos sejam atendidos de maneira inclusiva, garantindo oportunidades equitativas de participação e protagonismo na construção do conhecimento (Ischkanian, 2019; Schopler, Mesibov & Sherman, 1978).

O modelo integrativo adotado no Brasil busca conciliar os melhores elementos de métodos fônicos, analíticos e de letramento, promovendo uma alfabetização ampla, funcional, significativa e inclusiva, que prepara os alunos não apenas para decodificar palavras, mas para compreender, produzir e utilizar a linguagem de forma efetiva em sua vida cotidiana.

2.31. PROJETO: MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO E SEUS IMPACTOS NO DESEMPENHO EDUCACIONAL

O processo de alfabetização é um dos pilares fundamentais da educação, sendo responsável não apenas pelo domínio da leitura e da escrita, mas também pela construção de competências cognitivas, sociais e emocionais que influenciam todo o percurso escolar do aluno. A escolha do método de alfabetização exerce impacto direto no desempenho educacional, pois define estratégias de ensino, ritmo de aprendizagem, formas de avaliação e a maneira como o conhecimento linguístico é internalizado. Métodos tradicionais, como o fônico e o silábico, priorizam a decodificação de sons e palavras, estruturando o aprendizado de forma sequencial, enquanto abordagens construtivistas e contemporâneas, como os métodos de Portfólios, Reggio Emilia e Paulo Freireano, valorizam a significação, a contextualização e a autonomia do aprendiz (Santos & Siqueira, 2002; Ferreiro & Teberosky, 1985, 1986; Freire, 1970, 2005).

Os métodos fônicos, ao enfatizarem a correspondência entre fonemas e grafemas, permitem que a criança desenvolva habilidades de decodificação de palavras de forma consistente. Estudos apontam que esse método favorece a leitura fluente e a escrita correta, especialmente em alunos que apresentam dificuldades iniciais de alfabetização (Salgado & Capellini, 2008; Schopler, Mesibov & Sherman, 1978). No entanto, seu foco na mecânica da leitura pode limitar a

compreensão textual e o desenvolvimento de estratégias de letramento, exigindo que atividades complementares sejam incorporadas para estimular a interpretação e a produção de sentido. Por isso, a combinação de abordagens fônicas com práticas de letramento tem se mostrado mais eficaz em contextos educacionais diversificados (Soares, 2021; Kleiman, 1998).

Em contraposição, os métodos silábico e sintético adotam como unidade de ensino as sílabas ou pequenas sequências de letras, avançando gradualmente para a formação de palavras e frases. Essa abordagem permite que a criança perceba padrões estruturais da língua escrita, facilitando a construção de hipóteses sobre a escrita e promovendo a autonomia na decodificação (Paes & Pessoa, 2005; Paula, Mota & Keske-Soares, 2005). A aprendizagem nesse modelo ocorre de forma sequencial e planejada, sendo particularmente benéfica para alunos que necessitam de orientação clara e progressiva, embora possa carecer de estímulos que incentivem a criatividade e a contextualização do conhecimento.

Os métodos globais e analíticos propõem uma abordagem inversa, iniciando o ensino a partir de palavras, frases ou textos inteiros, permitindo que os alunos reconheçam significados antes de analisar unidades menores, como sílabas e letras (Decroly, citado por Mortatti, 2019; Queiroga, Borba & Vogley, 2005). Este enfoque privilegia a compreensão e o uso funcional da linguagem, sendo especialmente útil para o desenvolvimento do letramento e da consciência textual. Pesquisas indicam que crianças expostas a essas estratégias apresentam melhor desempenho em interpretação de textos e produção textual, pois conseguem relacionar o aprendizado da leitura e escrita ao seu contexto cotidiano e social (Paula, Mota & Keske-Soares, 2005; Indri, Keske-Soares & Mota, 2007).

As abordagens construtivistas, inspiradas nas ideias de Emilia Ferreiro e Ana Teberosky, estimulam a construção ativa do conhecimento linguístico, respeitando hipóteses individuais sobre o funcionamento da escrita (Ferreiro & Teberosky, 1985, 1986). Nesse método, o aluno experimenta, reflete e corrige suas próprias produções, sendo acompanhado de perto pelo professor, que atua como mediador e orientador. O impacto dessas práticas no desempenho escolar é expressivo, pois promovem maior engajamento, autonomia, criatividade e capacidade de resolução de problemas, elementos essenciais para a aprendizagem ao longo da vida e para o desenvolvimento de competências cognitivas complexas (Mortatti, 2010; Cossio, 2006).

Métodos contemporâneos, como os inspirados em Reggio Emilia e Montessori, ampliam o enfoque para atividades sensoriais, colaborativas e interdisciplinares. No modelo de Reggio Emilia, por exemplo, a alfabetização é integrada a projetos, experiências coletivas e múltiplas linguagens de expressão, valorizando o contexto social e afetivo do aluno (Malaguzzi, 1993; Indri, Keske-Soares & Mota, 2007). Montessori, por sua vez, privilegia a manipulação de materiais concretos e a aprendizagem autônoma, permitindo que a criança desenvolva percepção, coordenação e discriminação auditiva e visual antes da escrita formal (Montessori, 1949; Meireles,

1957).

Estudos indicam que essas metodologias aumentam a motivação, o engajamento e a capacidade de transferir habilidades para novas situações, refletindo em melhores resultados de compreensão e produção textual.

O método Paulo Freireano e suas derivações, como o de palavras geradoras, destacam a alfabetização como prática de conscientização social, utilizando palavras e contextos significativos para promover reflexão crítica e engajamento social (Freire, 1970, 2005; Queiroga, Borba & Vogley, 2005). A aplicação desse método nos anos iniciais do Ensino Fundamental contribui para o desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita com propósito, promovendo, além da decodificação, a capacidade de argumentação, interpretação de realidade e participação social. Evidências mostram que alunos alfabetizados por essas abordagens apresentam maior autonomia na produção de textos e maior sensibilidade ao uso da linguagem em contextos reais.

A aplicação de metodologias inclusivas, como o método de Portfólios Educacionais desenvolvido por Simone Helen Drumond Ischkanian, evidencia a importância de observar e registrar o progresso individual de cada aluno, especialmente aqueles com necessidades educacionais especiais, como crianças com Transtorno do Espectro Autista ou dificuldades de comunicação (Lovaas, 1987; Schopler, Mesibov & Sherman, 1978). O portfólio permite documentar conquistas em leitura, escrita, oralidade e compreensão, possibilitando ao professor ajustar estratégias pedagógicas, promover autorregulação emocional e estimular a autonomia do aluno, ao mesmo tempo em que integra aspectos de diversos métodos de alfabetização.

O desempenho educacional também é impactado pela forma como o ambiente de aprendizagem é organizado. Métodos como Montessori (1949) e Reggio Emilia (Malaguzzi, 1993) reforçam que ambientes ricos em materiais concretos, manipuláveis e estimulantes favorecem a exploração, criatividade e engajamento ativo, contribuindo para o desenvolvimento da coordenação, percepção e linguagem, e consequentemente para o desempenho em leitura e escrita. A organização do espaço e a oferta de múltiplas linguagens de expressão são fatores que se mostram correlacionados à autonomia e à motivação dos estudantes.

Outra dimensão relevante é a relação entre alfabetização e avaliação pedagógica. A análise contínua do desempenho, por meio de observações, registros de atividades e instrumentos como portfólios, permite compreender não apenas o domínio do código escrito, mas também a capacidade de interpretação, aplicação prática da linguagem e evolução individual (Meireles, 1957; Mortatti, 2010). Essa perspectiva favorece intervenções pedagógicas mais precisas e ajustadas às necessidades de cada criança, promovendo um ciclo de aprendizagem mais eficiente e inclusivo.

O projeto ainda considera que o impacto dos métodos de alfabetização no desempenho escolar vai além da leitura e escrita, influenciando habilidades metalinguísticas, raciocínio lógico,

memória de trabalho e capacidade de resolver problemas. Estudos de Indri, Keske-Soares e Mota (2007) e de Kamps et al. (2008) apontam que alunos submetidos a abordagens que combinam consciência fonológica, contextualização e projetos significativos apresentam melhor desempenho em compreensão de texto, escrita criativa e capacidade de aplicar o conhecimento em situações reais, refletindo em notas e desempenho geral em outras disciplinas.

A análise comparativa dos métodos permite concluir que não há uma abordagem única que seja universalmente superior; o sucesso educacional depende da articulação entre técnicas, contexto, perfil do aluno e mediação do professor (Freire, 1970, 2005; Soares, 2021; Kleiman, 1998). A integração de métodos tradicionais, construtivistas e contemporâneos, com práticas inclusivas e avaliação contínua, promove alfabetização efetiva, aprendizado significativo e impacto positivo no desempenho escolar global, preparando os alunos para se tornarem leitores, escritores e cidadãos críticos e autônomos.

2.31.1. PROBLEMA DE PESQUISA

De que forma a escolha e a aplicação de determinados métodos de alfabetização impactam o desempenho educacional dos alunos, considerando suas diferentes realidades cognitivas, sociais e culturais?

2.31.2. JUSTIFICATIVA

A alfabetização é reconhecida como um alicerce essencial para o desenvolvimento integral do indivíduo, pois não se limita à aquisição do código escrito, mas permeia todas as dimensões do aprendizado, influenciando habilidades cognitivas, metacognitivas, linguísticas e socioemocionais. No contexto brasileiro, marcado pela diversidade cultural, socioeconômica e educacional, a multiplicidade de métodos de alfabetização, incluindo abordagens fônicas, silábicas, globais, construtivistas, montessorianas, freinetianas, Reggio Emilia e o método de portfólios educacionais desenvolvido por Simone Helen Drumond Ischkanian, evidencia a necessidade de flexibilidade pedagógica e de adaptação às características individuais dos alunos, reconhecendo que cada criança apresenta ritmos, estilos de aprendizagem e interesses distintos.

O estudo desses métodos permite compreender como cada abordagem influencia o desempenho escolar, desde a aquisição da leitura e escrita até a capacidade de interpretação, produção textual, raciocínio crítico e resolução de problemas. Métodos mais tradicionais, como o fônico, enfatizam a decodificação sistemática e a consciência fonológica, proporcionando maior segurança na leitura inicial, mas demandando complementação para o desenvolvimento da compreensão textual e da escrita criativa, conforme apontam Indri, Keske-Soares e Mota (2007) e Santos e Siqueira (2002). Por outro lado, abordagens construtivistas e contemporâneas, inspiradas em Emilia Ferreiro, Ana Teberosky, Paulo Freire, Malaguzzi e Freinet, promovem a aprendizagem

significativa, a produção textual autoral e a reflexão sobre a linguagem em contextos reais, fortalecendo a autonomia, a criatividade e a motivação dos estudantes.

A necessidade de avaliar os impactos desses métodos é reforçada pela crescente demanda por práticas inclusivas que atendam a alunos com necessidades educacionais especiais, como aqueles com Transtorno do Espectro Autista, TDAH ou dislexia. Estratégias integrativas, como o uso de portfólios educacionais, permitem registrar o progresso individual, adaptar intervenções pedagógicas e promover o engajamento, a autorregulação e a participação ativa do aluno, valorizando microconquistas e aprendizagens não verbais, conforme destaca Ischkanian (2019). A alfabetização não se restringe à aquisição mecânica da leitura e escrita, mas constitui um processo de construção de sentido e de emancipação do estudante.

A compreensão das implicações de cada método contribui para reduzir desigualdades educacionais, uma vez que possibilita que educadores escolham e combinem estratégias de ensino que atendam às necessidades específicas de cada turma ou indivíduo. A integração de práticas fônicas e analíticas com experiências significativas de letramento, apoiadas em projetos colaborativos e ambientes ricos em estímulos, como sugerem Malaguzzi (1993) e Montessori (1949), favorece a alfabetização contextualizada, incentivando a compreensão de textos, a expressão criativa e o uso social da escrita.

O impacto da alfabetização na trajetória escolar também se relaciona com indicadores como retenção, evasão e desempenho em disciplinas correlatas. Crianças que desenvolvem competências linguísticas e metacognitivas de forma integrada apresentam maior capacidade de compreensão de conteúdos em Matemática, Ciências e Estudos Sociais, refletindo diretamente no rendimento global e na construção de uma base sólida para os anos subsequentes do Ensino Fundamental. Portanto, a análise crítica dos métodos permite avaliar quais práticas contribuem efetivamente para o aprendizado duradouro e significativo.

Outro ponto relevante na justificativa refere-se à formação e capacitação docente. Para que os métodos de alfabetização promovam impacto positivo no desempenho escolar, é fundamental que os professores compreendam a base teórica de cada abordagem, saibam observá-la e adaptá-la às necessidades individuais dos alunos. Pesquisas de Soares (2021) e Kleiman (1998) demonstram que a aplicação consciente e flexível dos métodos aumenta a eficácia pedagógica e reduz lacunas de aprendizagem, evidenciando a importância de políticas públicas e formação continuada voltadas para alfabetização de qualidade.

A alfabetização, quando compreendida como prática social e crítica, permite que os alunos desenvolvam não apenas habilidades técnicas de leitura e escrita, mas também senso de cidadania, consciência crítica e capacidade de se posicionar em situações do cotidiano. O método Paulo Freireano, por exemplo, enfatiza a leitura do mundo antes da leitura da palavra, promovendo reflexão e análise do contexto social, fortalecendo competências de compreensão, argumentação e

participação social, essenciais para o desempenho educacional e para a formação integral do estudante.

A justificativa reforça que a pesquisa sobre os métodos de alfabetização e seus impactos não se limita à escolha de uma abordagem única, mas busca compreender como combinar estratégias, práticas inclusivas e avaliação contínua para otimizar resultados. A alfabetização efetiva deve integrar decodificação, compreensão de sentido e uso social da escrita, promovendo aprendizado significativo, equidade educacional e preparação dos alunos para a vida escolar e cidadã. Portanto, analisar os diferentes métodos e suas aplicações é imprescindível para a melhoria da qualidade da educação nos anos iniciais, garantindo que todas as crianças desenvolvam competências linguísticas, cognitivas e sociais de maneira plena e consistente.

2.31.2.3. OBJETIVOS

2.31.2.3.1 Objetivo Geral:

Analisar os impactos dos diferentes métodos de alfabetização no desempenho educacional dos alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

2.31.2.3.2. Objetivos Específicos:

1. Identificar e caracterizar os principais métodos de alfabetização utilizados nas escolas brasileiras.
2. Compreender as bases teóricas que fundamentam cada método.
3. Investigar como a aplicação de cada método influencia o desenvolvimento da leitura, da escrita e da compreensão textual.
4. Comparar resultados de desempenho entre alunos alfabetizados por diferentes metodologias.
5. Discutir a importância de métodos inclusivos e integradores, como o método de portfólios educacionais, na promoção da aprendizagem significativa.

2.31.2.4. HIPÓTESE

A adoção de métodos de alfabetização mais integradores, interdisciplinares e personalizados representa um avanço significativo na prática pedagógica, pois reconhece a diversidade de ritmos, estilos de aprendizagem e necessidades cognitivas e socioemocionais dos alunos. Ao combinar princípios fônicos, que garantem a decodificação sistemática da escrita, com abordagens construtivistas, que promovem a aprendizagem significativa e a construção de hipóteses sobre a língua escrita, e práticas de letramento, que enfatizam o uso social e funcional da leitura e da escrita, cria-se um ambiente educativo mais completo e eficaz. Essa integração permite que as crianças desenvolvam simultaneamente competências técnicas e interpretativas,

fortalecendo a compreensão textual, a produção escrita e a capacidade crítica.

Quando essa abordagem é aliada a estratégias de inclusão, como o uso de portfólios educacionais, comunicação alternativa e aumentativa, materiais adaptados e atividades individualizadas, o impacto sobre o desempenho educacional se potencializa. Alunos com necessidades educacionais especiais, como aqueles com Transtorno do Espectro Autista, TDAH ou dislexia, podem acessar o conteúdo de maneira significativa, participativa e autônoma, garantindo que não haja exclusão ou lacunas no aprendizado. O acompanhamento contínuo permite ao professor observar o progresso individual e ajustar as intervenções pedagógicas conforme as respostas da criança, valorizando microconquistas e promovendo autorregulação emocional e engajamento.

Métodos integradores estimulam a interação social e a colaboração entre pares, fortalecendo habilidades socioemocionais, comunicação e cooperação, aspectos essenciais para o desempenho escolar global. A articulação de atividades coletivas, projetos interdisciplinares e experiências significativas permite que os alunos relacionem a aprendizagem com situações reais de sua vida cotidiana, conforme apontam Malaguzzi (1993) e Freinet (1949), aumentando a motivação e o interesse pelo processo de alfabetização.

A personalização do ensino, característica central dos métodos integradores, possibilita que cada criança avance de acordo com seu próprio ritmo, respeitando seu nível de desenvolvimento cognitivo e linguístico. Essa prática reduz a ansiedade associada à aprendizagem, promove maior autoestima e autoconfiança e contribui para a construção de hábitos de estudo sólidos, refletindo diretamente na melhoria do desempenho escolar em todas as disciplinas do currículo.

A avaliação contínua, intrínseca a esses métodos, também desempenha papel fundamental, pois permite monitorar não apenas os resultados finais, mas o processo de aprendizagem, fornecendo informações valiosas para intervenções pedagógicas pontuais. O registro de produções, observações de desempenho e reflexões do aluno sobre seu próprio aprendizado cria um histórico detalhado que orienta decisões pedagógicas e auxilia na construção de estratégias mais efetivas para superar dificuldades específicas.

Ao integrar recursos multisensoriais, tecnológicos e adaptativos, os métodos de alfabetização integradores também ampliam o acesso ao conhecimento, tornando o ensino mais inclusivo e dinâmico. A utilização de imagens, gestos, manipulação de materiais concretos e plataformas digitais enriquece a experiência de aprendizagem, estimula diferentes canais cognitivos e promove a internalização de conceitos de forma mais profunda e duradoura, como destacam Indri, Keske-Soares e Mota (2007) e Montessori (1949).

A adoção desses métodos prepara o aluno não apenas para a alfabetização inicial, mas para a construção contínua de competências cognitivas, linguísticas e socioemocionais ao longo de

sua trajetória escolar. O desenvolvimento integrado de leitura, escrita, compreensão textual, análise crítica e expressão pessoal contribui para que a criança se torne protagonista de sua aprendizagem, capaz de interagir de forma consciente e competente com o mundo ao seu redor, consolidando a alfabetização como instrumento de emancipação e cidadania.

2.31.2.5. REFERENCIAL TEÓRICO (RESUMO TEMÁTICO):

Os métodos de alfabetização podem ser organizados em diferentes categorias, de acordo com suas abordagens, objetivos e fundamentações teóricas.

Os métodos tradicionais, que englobam as abordagens sintéticas e analíticas, incluem estratégias como o alfabético, o fônico, o silábico e o global. Essas práticas enfatizam a decodificação do código linguístico, buscando que a criança aprenda a ler e escrever a partir da associação entre letras, sílabas e sons. Autores como Decroly, Montessori e Thorndike contribuem para essas metodologias. Esses métodos são eficazes para desenvolver a consciência fonológica e a habilidade técnica de leitura, porém podem, em alguns casos, negligenciar o sentido das palavras e o contexto em que a linguagem é utilizada, limitando a compreensão e a construção de significado.

Os métodos construtivistas e socioconstrutivistas baseiam-se nas ideias de Emilia Ferreiro e Vygotsky, considerando a escrita como um objeto de conhecimento e o aluno como sujeito ativo no processo de aprendizagem. Nessa perspectiva, a alfabetização não se resume à decodificação, mas envolve a compreensão do sistema de escrita e a construção de hipóteses sobre a língua. A interação social, o diálogo e a participação ativa nas atividades pedagógicas são elementos centrais, permitindo que os alunos desenvolvam habilidades cognitivas e metalinguísticas em contextos significativos e compartilhados.

As abordagens humanistas e ativas, representadas por Montessori, Freinet e Reggio Emilia, priorizam a autonomia, a expressão individual e a aprendizagem significativa. Nessas metodologias, o conhecimento surge da vivência, da exploração do ambiente, da arte e da experiência concreta. A criança é incentivada a ser protagonista de sua aprendizagem, utilizando múltiplas linguagens, experimentando, investigando e se expressando de forma criativa. A ênfase está na construção de sentido, no desenvolvimento emocional e na motivação intrínseca para aprender.

Os métodos integradores e inclusivos, como o método de Portfólios Educacionais desenvolvido por Simone Helen Drumond Ischkanian, combinam práticas dos métodos anteriores com estratégias de inclusão, como TACCH, ABA, PECS e TEACCH. Esses métodos permitem acompanhamento personalizado e contínuo, promovendo registro, reflexão e avaliação das aprendizagens em múltiplos formatos, incluindo produções escritas, visuais e orais. São especialmente eficazes em contextos de educação inclusiva e para alunos com necessidades

educacionais diversas, como crianças com Transtorno do Espectro Autista, TDAH ou dislexia, garantindo participação plena e significativa.

No campo do letramento e da alfabetização, Magda Soares defende a necessidade de alfabetizar letrando, ou seja, ensinar simultaneamente o sistema de escrita e seu uso social. Essa abordagem integra a decodificação com a compreensão de sentido, incentivando práticas de leitura e escrita funcional, como a produção de textos, bilhetes, listas e outras atividades que dialogam com a realidade do aluno. Ao combinar ensino técnico e uso social da linguagem, promove-se maior motivação, engajamento e desempenho escolar global.

Os métodos tradicionais são mais centrados na técnica de leitura e escrita, enquanto os construtivistas e socioconstrutivistas focam na construção de significado e no papel ativo do aluno. As abordagens humanistas e ativas priorizam a experiência e a expressão individual, oferecendo ambientes ricos e diversificados. Os métodos integradores e inclusivos combinam elementos dessas abordagens com estratégias de adaptação e personalização, favorecendo a equidade no aprendizado. Por fim, a perspectiva de letramento, conforme defendida por Magda Soares garante que a alfabetização esteja sempre vinculada ao uso real da linguagem, promovendo aprendizado significativo e funcional.

A aplicação dessas diferentes metodologias exige reflexão do professor sobre o contexto, o perfil da turma e as necessidades individuais dos alunos. A escolha de estratégias deve ser flexível, combinando elementos fônicos, analíticos, construtivistas e sociais para garantir que cada criança possa desenvolver competência técnica e compreensão crítica da escrita. Essa flexibilidade permite adaptar o ensino às particularidades culturais, cognitivas e emocionais de cada estudante, fortalecendo a aprendizagem e a inclusão.

A integração entre os métodos também favorece o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, como cooperação, comunicação, autonomia e autorregulação. Ao participar de atividades coletivas, projetos interdisciplinares e práticas de escrita significativa, os alunos aprendem a interagir, compartilhar ideias e respeitar diferentes perspectivas, promovendo o crescimento pessoal e acadêmico de forma simultânea.

A diversidade de métodos de alfabetização e letramento no Brasil evidencia que não existe um caminho único para ensinar a ler e escrever, mas sim a necessidade de abordagens flexíveis, contextualizadas e inclusivas.

A combinação de princípios técnicos, construtivistas, humanistas e sociais permite que a alfabetização seja compreendida como um processo integral, que desenvolve competências cognitivas, linguísticas e socioemocionais, preparando os alunos para atuar de forma crítica, autônoma e consciente no mundo.

2.31.2.3.6. IMPACTOS ESPERADOS NO DESEMPENHO EDUCACIONAL

Os impactos esperados no desempenho educacional decorrentes da aplicação dos diferentes métodos de alfabetização abrangem dimensões cognitivas, socioemocionais, pedagógicas, inclusivas e avaliativas.

A alfabetização, segundo Magda Soares, não se limita à aquisição do código escrito, mas envolve também o desenvolvimento do letramento — ou seja, a capacidade de usar a leitura e a escrita em práticas sociais significativas. Essa visão integrada favorece avanços amplos e duradouros no aprendizado, pois alia o domínio técnico da língua à compreensão de seu uso no cotidiano.

No campo cognitivo, os métodos de base fônica e fonológica — como o método fônico, o misto fônico-silábico e as práticas de consciência fonológica, descritas por Simone Helen Drumond Ischkanian e por autores como Indri, Keske-Soares e Mota — contribuem significativamente para o desenvolvimento da leitura, da escrita e da interpretação textual. Ao trabalhar a percepção auditiva e a segmentação dos sons da fala, esses métodos fortalecem a consciência fonêmica, uma habilidade essencial para o reconhecimento automático das palavras. Quando bem integrados a práticas significativas de leitura e escrita, esses métodos ampliam o vocabulário e favorecem a fluência leitora, resultando em melhor desempenho nas avaliações escolares e no uso funcional da linguagem.

Do ponto de vista socioemocional, métodos humanistas e ativos, como os de Montessori, Freinet e Reggio Emilia, têm impactos positivos na autoestima, na autonomia e no engajamento dos estudantes. Maria Montessori destaca a importância de preparar um ambiente que favoreça a liberdade com responsabilidade, permitindo que o aluno explore e aprenda por meio da experiência direta. Célestin Freinet, por sua vez, defende a pedagogia do trabalho e da expressão livre, em que a criança é vista como produtora de cultura e não apenas receptora de conhecimento. Essas abordagens despertam o prazer de aprender e promovem o envolvimento afetivo com o processo educativo, o que se reflete em maior persistência, curiosidade e participação nas atividades escolares.

No âmbito pedagógico, o uso de métodos construtivistas e socioconstrutivistas — inspirados nas ideias de Emilia Ferreiro e de Lev Vygotsky — promove a redução das dificuldades de aprendizagem e da defasagem idade/série. Ferreiro, ao investigar a psicogênese da língua escrita, demonstrou que as crianças constroem hipóteses sobre o funcionamento da escrita antes mesmo de serem formalmente alfabetizadas. Essa descoberta fundamenta práticas pedagógicas que valorizam o erro como parte do processo e reconhecem o aluno como sujeito ativo do conhecimento. Já Vygotsky, ao propor a noção de zona de desenvolvimento proximal, mostra a importância da mediação do professor e das interações sociais no avanço das aprendizagens. Assim, o ensino baseado nessas concepções é mais ajustado às necessidades cognitivas e

emocionais de cada aluno, reduzindo a repetência e promovendo o avanço contínuo.

A dimensão inclusiva é amplamente fortalecida por métodos integradores, como o Método de Portfólios Educacionais, desenvolvido por Simone Helen Drumond Ischkanian. Essa abordagem combina elementos de diferentes métodos (fônico, global, construtivista, Reggio Emilia, Freinet e Montessori) com estratégias específicas de inclusão, como as práticas do TEACCH, ABA e PECS.

Segundo Ischkanian, o portfólio permite o acompanhamento individualizado de cada estudante, valorizando não apenas o produto final, mas o processo de aprendizagem e as microconquistas. Essa metodologia é especialmente benéfica para alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), TDAH, dislexia e outras necessidades educacionais especiais, pois oferece recursos visuais, rotinas estruturadas e formas alternativas de comunicação. Assim, promove-se a equidade, garantindo que todos os alunos participem de maneira ativa e significativa no processo educativo.

Na dimensão avaliativa, as abordagens contemporâneas trazem contribuições importantes ao substituírem práticas meramente quantitativas por avaliações contínuas e qualitativas. Inspirado em autores como Gardner, Freire e Ischkanian, o uso de portfólios, registros reflexivos e observações sistemáticas permite ao professor acompanhar o progresso real de cada aluno, em vez de basear-se apenas em notas ou testes padronizados. Howard Gardner, com sua Teoria das Múltiplas Inteligências, reforça a importância de reconhecer diferentes formas de aprender e expressar conhecimento. Paulo Freire, por sua vez, defende uma avaliação dialógica e libertadora, que valorize a autonomia e a consciência crítica do estudante. Dessa forma, o processo avaliativo torna-se parte integrante da aprendizagem, orientando intervenções pedagógicas mais eficazes e personalizadas.

A adoção de métodos integradores e interdisciplinares tende a fortalecer a relação entre professor e aluno, tornando a aprendizagem mais significativa. A combinação entre o ensino sistemático dos sons (como no método fônico) e o uso social da linguagem (como no letramento proposto por Magda Soares) cria condições ideais para o desenvolvimento integral da leitura e da escrita. Essa integração promove não apenas o domínio técnico, mas também a compreensão e o prazer pela leitura, elementos fundamentais para o sucesso escolar e a formação de leitores críticos e autônomos.

A longo prazo, espera-se que esses impactos positivos resultem em uma melhoria global do desempenho educacional, refletindo-se em índices mais altos de alfabetização plena, redução de reprovações e maior continuidade nos estudos.

A alfabetização, quando conduzida de maneira humanizada, inclusiva e contextualizada, torna-se um instrumento de emancipação pessoal e social, conforme defendido por Paulo Freire. Os diferentes métodos de alfabetização, ao dialogarem entre si e se adaptarem à realidade dos

estudantes, contribuem para a formação de sujeitos mais críticos, criativos e preparados para os desafios da vida em sociedade.

Os impactos esperados dos métodos de alfabetização bem aplicados ultrapassam o domínio da leitura e escrita. Eles abrangem o desenvolvimento cognitivo e metalinguístico, a valorização da autonomia e da autoestima, a construção de uma escola mais inclusiva e uma avaliação mais justa e formativa.

A integração entre teoria e prática, técnica e sentido, individualidade e coletividade representa o caminho mais promissor para garantir uma alfabetização de qualidade, equitativa e transformadora no contexto educacional brasileiro.

3. CONCLUSÃO

A alfabetização, mais do que um processo técnico de aquisição de códigos linguísticos, representa uma das mais profundas experiências de construção de sentido e de ampliação das capacidades cognitivas do ser humano. O domínio da leitura e da escrita não é apenas a aprendizagem de signos, mas a incorporação de uma nova forma de compreender o mundo e de agir sobre ele. Os métodos de alfabetização, ao estruturarem o caminho entre o código e o sentido, tornam-se instrumentos decisivos para o desenvolvimento integral do estudante, contribuindo para que ele pense criticamente, comunique-se de forma consciente e participe ativamente da sociedade letrada.

Do ponto de vista cognitivo, os métodos de alfabetização bem estruturados estimulam diversas áreas do cérebro relacionadas à linguagem, à memória, à atenção e ao raciocínio lógico. Quando o aluno é exposto a práticas significativas de leitura e escrita, o cérebro se reorganiza para compreender relações fonêmicas, reconhecer padrões e construir significados de forma mais rápida e eficaz. Isso demonstra que alfabetizar é também desenvolver o pensamento, pois a capacidade de decodificar e compreender textos envolve um refinamento das funções mentais superiores, ampliando a inteligência linguística e a autonomia intelectual.

A escolha adequada dos métodos de alfabetização tem impacto direto no desempenho educacional dos estudantes. Métodos que valorizam a compreensão e o significado — e não apenas a repetição mecânica — contribuem para que o aprendizado seja duradouro e prazeroso. Quando o processo de alfabetização parte da vivência do aluno, de sua cultura e de seus conhecimentos prévios, ocorre uma verdadeira mediação entre o código e o sentido, permitindo que a leitura se torne uma experiência pessoal e socialmente significativa. Esse vínculo emocional e cognitivo fortalece a motivação e melhora o rendimento escolar em diversas áreas do conhecimento.

Os métodos de alfabetização que integram diferentes linguagens — oral, escrita, visual e digital — favorecem o desenvolvimento de múltiplas habilidades cognitivas. A interação entre

texto e imagem, entre som e palavra, estimula a criatividade e a capacidade de abstração, competências essenciais para a aprendizagem contemporânea. O uso de metodologias inovadoras, como a alfabetização científica, tecnológica e midiática, amplia as possibilidades de compreensão do mundo e forma sujeitos críticos e autônomos, preparados para interpretar a complexidade da realidade atual.

É importante destacar que o processo de alfabetização não deve ser reduzido à mera decodificação de palavras, mas compreendido como um movimento dinâmico de construção de sentido.

O verdadeiro impacto cognitivo da alfabetização ocorre quando o aluno entende o porquê e o para quê da leitura e da escrita. Essa consciência metalinguística fortalece as conexões neurais e permite uma aprendizagem mais profunda e significativa. O código deixa de ser um obstáculo e se transforma em uma ponte para o pensamento criador e para o desenvolvimento intelectual pleno.

No campo educacional, observa-se que alunos alfabetizados por métodos que integram reflexão, ludicidade e interação social tendem a apresentar melhor desempenho em todas as áreas do currículo. Isso se deve ao fato de que a alfabetização desenvolve habilidades transferíveis, como a atenção concentrada, a capacidade de resolver problemas, o raciocínio lógico e a comunicação eficaz. O aprendizado da leitura e da escrita cria uma base sólida para o desenvolvimento das demais competências acadêmicas, potencializando a aprendizagem ao longo da vida.

Quando ele percebe que pode ler e compreender o mundo que o cerca, sente-se mais capaz e valorizado. A alfabetização, nesse sentido, é um ato de empoderamento intelectual e emocional, pois dá ao indivíduo o poder de se expressar, questionar, criar e transformar. Essa conquista pessoal se reflete no desempenho escolar e no engajamento com o processo educativo, gerando uma relação mais saudável e produtiva com o conhecimento.

Do ponto de vista social, os impactos positivos dos métodos de alfabetização se expandem para além da sala de aula. Uma educação alfabetizadora centrada no sentido promove a inclusão, a equidade e a cidadania. Ao desenvolver o pensamento crítico e a capacidade de comunicação, a alfabetização contribui para a formação de sujeitos conscientes de seus direitos e deveres, aptos a participar de maneira ativa e ética na vida social. Alfabetizar não é apenas ensinar a ler o texto, mas também o contexto — é preparar o cidadão para compreender e intervir no mundo de forma responsável e solidária.

Os impactos dos métodos de alfabetização no desenvolvimento cognitivo e no desempenho educacional são profundamente positivos quando estes métodos conciliam o código e o sentido, a técnica e a humanidade, o saber e o sentir.

Alfabetizar é, portanto, um ato de construção intelectual e afetiva, que desperta a

curiosidade, amplia as possibilidades de pensamento e transforma o aprender em uma experiência de liberdade. Investir em métodos de alfabetização eficazes, inclusivos e significativos é investir na formação de mentes críticas e criativas, capazes de construir um futuro mais justo, consciente e pleno de sentido.

REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. Tradução M. W.B. Almeida. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1979.

BERVIAN, G.; FONTOURA, N.F.; HAIMOVICI, M. **Statistical model of variable allometric growth: otolith growth in Micropogonias furnieri (Actinopterygii, Sciaenidae)**. *Journal of Fish Biology*, v. 68, 2006, p. 196–208.

BRASIL. **LDBEN, Lei 9.394/96**. Brasília: Câmara de Deputados, 2014.

BRASIL. **Letramento na Infância**. Salto para o Futuro/TV Escola. Boletim 09. Brasília: MEC, junho 2005.

BRASLAVSKY, Berta. **O método: panacéia, negação ou pedagogia?** *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, ago. 1988.

COSSIO, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2021.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita: uma abordagem construtivista**. Porto Alegre: Artmed, 1986.

FREINET, Célestin. **L'éducation du travail**. Paris: Librairie de l'Éducation, 1949.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970 (1.ª edição em português).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GARDNER, Howard. **Frames of Mind: The Theory of Multiple Intelligences**. New York: Basic Books, 1983.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2018.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

INDRI, G.; KESKE-SOARES, M.; MOTA, H. B. **Memória de trabalho, consciência fonológica e hipótese de escrita**. *Pró-Fono*, 2007; 19(3):313–22.

ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond. **1 Alfabetização e Consciência Fonológica** (apresenta

ção). [S.l.], 2019. Disponível em: Slideshare. Acesso em: 18 out. 2025.

ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond. **Alfabetização: apresentação / PPTX** (arquivo de apoio para professores). 2018. Disponível em: Slideshare. Acesso em: 18 out. 2025.

KAMPS, D.; ABBOTT, M.; GREENWOOD, C.; WILLS, H.; VEERKAMP, M.; KAUFMAN, J. **Effects of small-group reading instruction and curriculum differences for students most at risk in kindergarten: two-year results for secondary and tertiary-level interventions**. *J Learn Disabil*, 2008; 41(2):101–14.

KLEIMAN, Angela B. **Letramento: um tema em três gêneros**. São Paulo: Autêntica, 1998.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de pesquisa**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LOVAAS, Ivar O. **Behavioral Treatment and Normal Educational and Intellectual Functioning in Young Autistic Children**. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, v. 55, n. 1, p. 3–9, 1987.

MALAGUZZI, Loris. **The Hundred Languages of Children: The Reggio Emilia Approach in Transformation**. Novo York: Ablex Publishing, 1993.

MEIRELES, Iracema Furtado Soares de. **A Casinha Feliz**. Rio de Janeiro: EDC, 1957.

MONTESSORI, Maria. **The Discovery of the Child**. Madras: Kalakshetra Press, 1949.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Alfabetização no Brasil: conjecturas sobre as relações entre políticas públicas e seus sujeitos privados**. Marília, SP: Revista Brasileira de Educação, UNESP, v. 15 n. 44 maio/ago. 2010.

MORTATTI, Maria Regina L. **Métodos de alfabetização no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2019.

PAES, C. T. S.; PESSOA, A. C. R. G. **Habilidades fonológicas em crianças não alfabetizadas e alfabetizadas**. *Rev. CEFAC*, 2005; 7(2):149–57.

PAULA, G. R.; MOTA, H. B.; KESKE-SOARES, M. **A terapia em consciência fonológica no processo de alfabetização**. *Pró-Fono*, 2005; 17(2):175–84.

QUEIROGA, B. A. M.; BORBA, D. M.; VOGLEY, A. C. **Habilidades metalinguísticas e a apropriação do sistema ortográfico**. *Rev Soc Bras Fonoaudiol*, 2005; 9(2):73–80.

QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc Van. **Manual de investigação em ciências sociais**. 3. ed. Lisboa: Gradiva, 2008.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

SALGADO, C. A.; CAPELLINI, S. A. **Desempenho em leitura e escrita de escolares com transtornos fonológicos**. *Psicol Esc Educ*, 2004; 8(2):179–88.

SALGADO, C. A.; CAPELLINI, S. A. **Programa de remediação fonológica em escolares com dislexia**

do desenvolvimento. *Pró-Fono*, 2008; 20(1):31–6.

SANTOS, R. M.; SIQUEIRA, M. **Consciência fonológica e memória**. *Fono Atual*, 2002; 5(20):48–53.

SCHOPLER, Eric; MESIBOV, Gordon B.; SHERMAN, Bonnie F. **Autism in Infancy and Early Childhood**. New York: Plenum Press, 1978.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 24. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2016.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2021.

SOARES, Magda Becker. **Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever**. São Paulo: Contexto, 2020.

SOARES, Magda Becker. **Alfabetização: a questão dos métodos**. São Paulo: Contexto, 2017.

SOARES, Magda Becker. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 14. ed. São Paulo: Atlas, 2014.

E-BOOK - 2025